UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

AQUINOÃ ABIGAIL PEDERZOLI

Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram
(Versão Original)

São Paulo

2017

AQUINOÃ ABIGAIL PEDERZOLI

Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Professor Livre-docente
Nelson da Silva Junior

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pederzoli, Aquinoã Abigail.

Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em
homens trans que engravidaram / Aquinoã Abigail Pederzoli;
orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2017.

186 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) –
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Gênero 2. Parentalidade 3. Performatividade 4. Função
materna 5. Função paterna I. Título.

HQ21

PEDERZOLI, Aquinoã Abigail

Título: Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em
Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Insituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Insituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Insituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Regina e Dirceu.

AGRADECIMENTOS

Ao Nelson, pelo acolhimento, paciência, rigidez e a mais incrível gentileza, muito obrigadx.

Ao CNPQ pelo apoio financeiro imprescindível para a efetivação do estudo.

Às queridas Rô e Nalva, pela compreensão, atenção e por tornarem os meios menos difíceis para que esta dissertação alcançasse seu destino.

À Maria Lívia e Patrícia, pela disponibilidade, pelo cuidado na leitura e sugestões tão valiosas desde o momento da qualificação.

Ao grupo de orientação – xs carxs Mário, Paulo, Lua, Guilherme, Heitor, Dulce, Lia e Maya.

Ao Pedro, pela generosidade tamanha, pelo acolhimento e pela delicadeza nas críticas.

Ao Tiago, irmão caçula que a vida me deu, por me mostrar, mesmo que do jeito mais atrapalhado, o brilho das pequenas coisas.

À Tun, pela doçura imensurável. Para você que se presta a viver com tanta autonomia, agradeço nosso encontro na vida, Chouchou.

À Ceci, por sua intuição quase tão incrível quanto ela, por ser minha injeção de ânimo, inspiração de vida. Você transcende qualquer plano. Valeu, browzinha!

À Mel, por dar tanta leveza a tudo que toca, por nos carregarmos conosco desde a época (in)tensa chamada pré-adolescência, por todas as lembranças boas que já tivemos e as que ainda virão. Pela amizade que conheceu ligações em telefone fixo, cartas e inúmeros encontros em calçadas alheias. Você faz parte das minhas melhores histórias, desta não poderia ser diferente. Valeu, mana!

À Maria, com quem pude fazer tantos exercícios – de paciência, de cuidado, não de ser no mundo, mas pensar (e construir) o mundo em que quero ser.

À Maira, pelo aprendizado constante, por ser abraço pra conter angústia, café pra continuar e cerveja pra dividir o tempo. Por garantir que meu jeito tem lugar no seu mundo.

À Larissa Tchutchá, por quando, no meio do caminho, fiquei sem teto, tão prontamente dividir o seu. Nas oscilações entre lá e cá nos encontramos muitas vezes e agradeço por todas elas.

Ao Bim, desde os tempos de jogar forca e tomar milkshake de ovomaltine, por compartilharmos nossas crises existenciais, sempre com empanadas e cerveja, por ser o amigo mais compreensivo que alguém poderia ter, por acolher esse pepino alien albino e concordar que sim, a vida é uma merda, mas que bom que nos encontramos.

Ao Vitor, por dividir comigo a realidade de desenhos e mundos fantásticos, por me lembrar constantemente do que eu acredito, por tornar cada batalha menos penosa e por ser música que eu precisava ouvir;

Aos pentelhos Jassen e Héber. Vocês que são a maior prova de que essa história de “foi criado tudo igual” é a maior lorota. Pelo amor que comporta tantas diferenças, pela implicância e cuidado infinito, muito obrigadx.

Enfim, aqueles a quem dedico minha primeira e mais radical gratidão: Dirceu e Regina.

*Acho que cada um é um universo,
os trans são muito amplos,
dentro da sociedade trans eu
percebo que a gente provoca
aquela tela azul do Windows
que o Windows não consegue
atualizar e as pessoas olham para
você com aquela cara: Hã?
(JOAQUIM, 39 anos)*

RESUMO

PEDERZOLI, A. A. Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram, 2017. 186f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O presente texto consiste em uma apresentação de reflexões acerca da problemática da utilização ora do aspecto substancializante do gênero ora da identidade de gênero como critério para discernir e decidir as práticas parentais. Tomando a experiência trans como recorte empírico, desenvolverei uma reflexão sobre como o gênero se articula com o desempenho parental, dentro de um contexto de legitimação social e política. A ideia central do texto é problematizar as parentalidades trans em sua relação com o gênero, analisando as concepções de paternidade e maternidade que perpassam a experiência gestacional. Teoricamente, de um lado, pretendemos discutir a possibilidade da parentalidade ser um ato performativo, utilizando a teoria de performatividade de Butler e fazendo aproximações das discussões sobre funções materna e paterna propostas por Lacan. De outro lado, utilizaremos os conceitos de performatividade e paródia como uma proposta que escapa ao discurso heteronormativo. Para tanto, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com homens trans. O fenômeno trans joga com a produção e recriação de novas relações sociais. Torna-se possível reinventar as relações de gênero dentro de um domínio heterossexual, fazendo-nos questionar a binariedade a que o sistema sexo/gênero está submetido, porém a parentalidade é ainda reconhecida por uma assimetria de gênero: o pai e a mãe.

Palavras-chave: gênero; parentalidade; performatividade; função materna; função paterna.

ABSTRACT

PEDERZOLI, A. A. Dad or mom? A discussion of parental roles in transgender men who became pregnant.

This study aims at presenting reflections on the problematic use of the substantial aspect of gender as well as gender identity as a criterion for discerning and deciding parental practices. Taking the transgender experience as the empirical excerpt, a reflection on how gender articulates with parental performance within a context of social and political legitimacy will be developed. The main idea of the text is to problematize the transgender parenting in its relationship with gender, analyzing the conceptions of paternity and maternity that permeate a gestational experience. Theoretically, we intend to discuss the possibility of parenting as being a performative act, using Butler's performativity theory and linking it with discussions about the maternal and paternal role proposed by Lacan. On the other hand, the concepts of performativity and parody as a proposal that escapes heteronormative discourse will be used. For that matter, semi-structured interviews with transgender men were used. The trans phenomenon plays with the production and re-creation of new social relations. It becomes possible to reinvent the gender relations within a heterosexual domain, making us question the binarity to which the sex / gender system is submitted, being represented by the gender asymmetry in parenthood: the father and the mother.

Keywords: gender; Parenting; Performativity; Maternal role; Parental role.

SUMÁRIO

1 Considerações Iniciais.....	12
1.1 Ponto de Partida	13
1.2 O Universo Investigado	18
1.2.1 Homens trans/trans homens/FTN/transexuais masculinos.....	21
1.3 Percurso Metodológico.....	24
1.3.1 Participantes.....	25
1.3.2 Instrumentos.....	26
1.3.3 Procedimentos.....	27
1.3.3.1 Procedimento de coleta de dados.....	27
1.3.3.2 Procedimento de análise de dados.....	28
2 Das nomeações possíveis.....	30
2.1 Parentalidades outras	33
2.2 Pai e mãe aos olhos da Psicanálise	36
3 Gênero e Performatividade.....	41
3.1 Contextualizando o aparecimento do termo gênero.....	42
3.2 Questionando o “natural”	45
3.3 Inteligibilidade.....	47
3.4 Performatividade.....	52
3.4.1 Uma questão de linguagem	53
4 Famílias Abjetas	60
4.1 Gênero e Parentesco	61
4.2 O poder regulador do Estado	66
4.3 Legitimação/Paródia.....	74
5 Gênero aplicado à Parentalidade	81
5.1 Função Materna e Função Paterna	82
5.2 Édipo em Lacan.....	91
5.3 Performatividade Parental.....	100
6 Considerações Finais	110
Referências	113
Apêndice	121
Anexos	122

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Homem que era mulher anuncia estar grávido”¹ foi o título de uma das várias notícias veiculadas em 2008 que comentaram a gravidez de Thomas Beatie, transexual americano que, a partir de então, ficou conhecido como o primeiro homem grávido. Podemos desmembrar este título e rearranjá-lo de maneira que duas ideias fiquem evidenciadas: “homem que era mulher” e “homem anuncia estar grávido”. Na primeira, é explicitada uma possibilidade de mobilidade – antes mulher, agora homem -, enquanto na segunda há um indício de impossibilidade se lida a partir de uma lógica normativa, visto que, até então, homens não engravidavam. A maternidade questionada segundo essa modalidade inédita desorganizou a matriz de inteligibilidade, cujos direitos de casar, constituir família, ter filhos ainda parecem reservados aos sujeitos que nela se enquadram.

Grande parte das pesquisas sobre os novos arranjos familiares tem sua preocupação voltada à criança e como seria seu processo de socialização. Pensar uma família sem o molde binário concentrado na figura de pai e de mãe parece, no mínimo, desorganizador. Afinal, há uma vinculação do casamento com parentalidade e de que ambos seriam necessários para a formação de uma família, o que nos levanta a questão de que as novas configurações familiares não são novas, elas se conservam, com os mesmos papéis, mas com outros personagens.

O gênero mostra-se como um importante marcador para pensar as relações de parentesco e como elas são negociadas dentro de suas várias possibilidades. A divisão entre um papel materno, sinônimo de cuidado, e o papel paterno, sinônimo de autoridade, automaticamente conectados ao feminino e ao masculino, respectivamente, ou seja, a presença de duas figuras distintas calcadas na heterossexualidade, parece reger o modo como parentalidade e constituição do sujeito são pensadas.

Em um primeiro momento, situaremos o leitor em relação aos objetivos, justificativa e método da pesquisa e apresentaremos uma breve discussão sobre homens trans, a fim de contextualizar nosso objeto de investigação. O primeiro capítulo consistirá em uma breve apresentação de como o termo parentalidade foi

¹Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080327_transexualgravido_ba.shtml

pensado e a relevância da sua utilização, principalmente em tempos que a família vem sendo repensada em seus moldes tradicionais de organização.

No segundo capítulo, apresentaremos o conceito de gênero e como ele foi sendo desenvolvido ao longo do tempo, até chegar ao conceito de gênero enquanto ato performativo e estabelecermos uma discussão sobre performatividade. Esta teorização será importante para posterior discussão do capítulo 4. A partir deste capítulo, utilizaremos fragmentos dos discursos dos homens trans que engravidaram.

No terceiro capítulo, discutiremos as organizações familiares, com intento de problematizar o gênero como eixo das relações parentais para então refletir sobre os mecanismos de regulação e reconhecimento do Estado, para logo em seguida pensar em subversão por meio da paródia, subversão que não é garantida, mas é possível. Por último, exporemos o impasse com relação ao simbólico como mantenedor do dualismo parental.

No quarto capítulo da dissertação, faremos uma diferenciação entre função materna e paterna na psicanálise. Após, será discutida a forma como os papéis e funções parentais vêm sendo partilhados e regulados pelos membros do casal parental a partir do conceito de performatividade, analisando a manifestação e desempenho das funções parentais, além das concepções de paternidade/maternidade que perpassam a experiência gestacional.

1.1 Ponto de partida

Inicialmente, a ideia do mestrado era discutir o determinismo biológico que há na maternidade, com o forte discurso de valorização da ideia de uma “natureza feminina”, introduzindo uma distância dos fatos biológicos e fatos culturais, que constantemente sofrem uma relação de reajuste, e sua interface com discursos e narrativas de masculinidades a partir de homens trans que gestaram. Como maternidade/gestação e masculinidade se articulam na vida desses homens?

Para tanto, partimos do pressuposto que o relacionamento mãe-filho(a) nem sempre foi, historicamente, o mesmo, assumindo que as diferentes concepções e

práticas relacionadas à maternagem foram e são produtos de discursos e práticas sociais e também científicas.

Por um longo tempo, a maternagem foi exclusivamente associada à maternidade, como função relativa à natureza da mulher, portanto, por excelência, feminina, apesar de alguns autores mostrarem que a mulher se dedicar ao papel materno deva-se muito mais “a uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar” (CHODOROW, 1990).

Badinter (2005), em um trabalho de recuperação da condição de maternagem comum na Europa, em particular na França, até meados do século XVIII, apontou que a autoridade marital e a ênfase no poder paterno estariam relacionadas com a desvalorização da maternidade na Antiguidade e no período medieval. A responsabilidade pelo cuidado com as crianças passou a ser da mulher devido à valorização da infância.

O questionamento feito por Badinter (2005) da maternidade vista como exclusivamente pertencente às mulheres, ao investigar a história das atitudes maternas, tem como conclusão que o instinto materno é um mito. O amor materno não difere de outro sentimento humano e, como qualquer outro, é imperfeito, sujeito à cultura e às frustrações. Não há uma conduta universal e necessária da mãe - o sentimento pelo filho ou o modo de encarar a maternidade depende da própria mãe, de sua história e do momento histórico.

Ao contrário da crença de que está inscrito na natureza feminina, o amor materno não é inato ou algo inerente à condição de mulher, é um sentimento adquirido. O que esse sentimento é hoje nada mais é do que o resultado de uma evolução social que ocorre desde o início do século XIX. Desde antes, e então, observa-se a variabilidade de maneiras de expressão deste amor (BADINTER, 2005). Apontamos que do mesmo modo que este amor não é inerente à mulher, tão pouco existe algo que possamos chamar de “natureza feminina”.

Para a autora já não é possível, do ponto de vista psicológico, diferenciar o menino da menina. O mesmo se aplica ao fato de os comportamentos considerados “maternos” serem mais especificamente femininos do que masculinos.

Partimos de interrogações quanto a maternidade estar ligada à feminilidade, porém, considerando os casos de homens trans grávidos que não se consideram mães, novamente, vimos que o papel parental tem o gênero como determinante. Assim, ampliamos nossa pesquisa para abordar os papéis de gênero nas famílias e apontando a possibilidade dos papéis parentais serem atos performativos.

As categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade são reproduzidas, reformuladas ou rejeitadas pelos atores sociais transgêneros² em suas práticas de parentesco? Os homens trans grávidos ofereceriam algum tipo de autonomia ou de resistência à heteronormatividade? Ou eles seriam apenas réplicas da estrutura heteronormativa? A estrutura de inteligibilidade heteronormativa nos ensina como os sujeitos encaixam-se em categorias hegemônicas, como fêmea-macho, mulher-homem, homossexual-heterossexual, mas não nos permite explicar como seria possível subvertê-las ou reformulá-las.

A pergunta que norteia este estudo é “como a identidade de gênero performa as práticas de parentesco?”, considerando como o aspecto substancializante do gênero é utilizado como critério para discernir e decidir as práticas parentais. Tomando a experiência trans como recorte empírico, desenvolverei uma reflexão sobre como o gênero se articula com o desempenho parental, dentro de um contexto de legitimação social e política. A ideia central do texto é problematizar as parentalidades trans em sua relação com o gênero, analisando as concepções de paternidade e maternidade que perpassam a experiência gestacional. Teoricamente, de um lado, discutiremos o exercício dos papéis parentais a partir das funções materna e paterna propostas por Lacan. De outro lado, utilizaremos os conceitos de performatividade e paródia como uma proposta que escapa ao discurso heteronormativo.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir do caso de Thomas Beatie, que causou polêmica em todo o mundo, ao ser o primeiro homem trans a gestar uma criança, juntamente com o discurso que a gravidez não o definia como mulher e que isso não interferia em sua identidade masculina. A partir disso, questionamos os

² Transgênero é um termo abrangente utilizado para se referir a todas as pessoas que tem expressões de gênero diferentes daquelas atribuídas ao gênero designado no nascimento.

papéis culturais tão bem calcados na biologia, pois não mais respondem às possíveis formas de existir, já que não há forma única para ser homem ou mulher.

A grande temática guardada dentro do termo “gênero” vem sendo amplamente discutida e há que se considerar que é também um momento oportuno para abrir um leque de possibilidades e novos meios para constituir-se a partir do questionamento dos estereótipos de masculinidade e feminilidade tradicionalmente impostos, possibilitando, assim, a exploração de novos papéis e funções.

Meu interesse pessoal não está na família como tal, mas no modo como se tem pensado sobre a formação de famílias dentro de um mecanismo conceitual binário a partir da Psicanálise. A produção acadêmica a este respeito tem sua atenção mais focada nas famílias, conjugalidades e parentalidades de gays e lésbicas, pouco se dedicando às parentalidades trans.

É possível perceber que, para a Psicanálise lacaniana, a função de um outro, denominado por Lacan como o grande Outro primordial, é responsável por formar a matriz simbólica primordial para o indivíduo, já que opera na base mais essencial da constituição do sujeito psíquico. Cabe ressaltar que qualquer pessoa poderia exercer tal função, independente de sexo ou escolha objetual, contanto que exerça a função de assumir a criança e, sobretudo, significar para ela objeto de satisfação libidinal e provedor de todas as necessidades (FARIA, 2010).

Lacan, no seminário 11, discute a constituição do sujeito transpondo a estrutura quaternária pai-mãe-criança-falo, de maneira a considerar as operações de alienação e separação agora constituintes do sujeito. A alienação, que inicia a constituição subjetiva, faz referência à relação do sujeito com o Outro primordial (FARIA, 2010). A partir disso, acreditamos que seja necessário reorganizar a teoria psicanalítica a respeito deste primeiro olhar constitutivo quando o homem engravida, considerando que pequeno e grande Outro estariam encarnados na figura de um homem grávido.

A transgeneridade denuncia a manutenção do caráter compulsório da heterossexualidade e também desafia a naturalidade dos termos e dos papéis. Afinal, torna-se possível ser homem e mãe ou engravidar e ser pai. Porém, enquanto a distinção entre gêneros pautadas na biologia predominar e constituir-se como

verdade do sujeito, algumas expressões de sexualidade, vistas como exceção da norma, estarão condenadas à patologização. Assim, esta pesquisa reflete um incômodo, que pensamos ser saudável, em relação à binariedades e dicotomias impostas, inviabilizando a multiplicidade de existência.

Pensamos que a substituição de binariedades por um regime mais aberto e plural, não apenas em uma faceta flexível de masculino-feminino, homem-mulher, mas um esgarçamento desta lógica de dois polos, possibilite que vislumbremos novas variáveis no campo das identidades.

O fato de um homem trans gestar um filho abala e afasta a concepção de que este processo está ligado, necessariamente, à feminilidade. O desejo de ter um filho e a possibilidade de sua gestação são concernentes a qualquer pessoa que o tenha e a gestação, neste ponto de vista, não seria expressão de feminilidade, nem de masculinidade (SAMPAIO; COELHO, 2012). Nessa perspectiva, é interessante lembrar as palavras de Thomas Beatie de que o desejo de ter um filho não é masculino, nem feminino, mas trata-se de um desejo humano.

Por fim, esta pesquisa partirá do ponto de vista dos homens trans para falar sobre transgeneridade e parentalidade, uma vez que acreditamos que eles devam ser inseridos nas discussões que dizem respeito a eles mesmos. Sem a pretensão de esgotar o assunto, acreditamos que os resultados de nossa pesquisa servirão de base para repensar não só as visões que envolvem o fenômeno trans e as vulnerabilidades que acometem esses sujeitos, mas também a compreensão de sua sexualidade que, por sua vez, contribuirá na promoção de ações específicas em âmbitos social, político e, também, na clínica psicanalítica.

Nota-se que, em contexto nacional, as iniciativas nos diversos campos como o da saúde, direito, educação, segurança e mesmo os direitos humanos para a população trans ainda se encontram geminais. Na especificidade dos homens trans essas iniciativas são ainda menos difundidas.

Gênero e novas formas de subjetivação esbarram em um limite quando pensados a partir do registro simbólico embasado em uma concepção estruturalista binária da diferença sexual. Isto está presente no debate contemporâneo acerca das novas formas de relações sociais e é imprescindível que a Psicanálise acompanhe

essas reconfigurações, não na tentativa de enquadrar a transexualidade em uma estrutura ou modo de funcionamento, contribuindo para sua exclusão das possibilidades subjetivas consideradas normais, mas de separá-la disto e percebê-la como uma manifestação social, que demanda uma ampliação da forma de pensar a clínica psicanalítica.

1.2 O universo investigado

Há uma tendência em se falar em “os transgêneros”, “os homossexuais”, “os negros”, “as mulheres”, “os índios” e quando cedemos a essa tendência, caímos na generalização e ignoramos os processos muito particulares de construção ou afirmação de identidade. Um fato que ressalta ou evidencia a complexidade do fenômeno trans, por exemplo, é justamente as diferenças internas entre esses grupos.

A experiência transexual revela a possibilidade de ressignificar o masculino/feminino, mostrando seu caráter performático. As mulheres e os homens cisgêneros³ também, em suas ações cotidianas interpretam o que é a mulher/homem “de verdade”, isto porque a verdade dos gêneros não está no corpo, mas nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros (BENTO, 2003).

O próprio termo “transexual”, como toda definição, carrega suas limitações. Alguns homens trans percebem a transexualidade como algo transitório, que só se tornará definitivo por meio das tecnologias médicas/cirúrgicas e do reconhecimento judicial. Eles rejeitam o termo “transexual” não por sua força patologizante⁴, mas pelo fato de serem vistos como diferentes dos outros homens (ALMEIDA, 2012). Arán (2010) contribui para tal discussão quando problematiza a definição de transexualidade, que em sua percepção é incerta do ponto de vista teórico e

³ Cisgênero é o termo utilizado para se referir à pessoas que se identificam em todos os aspectos com o gênero designado no nascimento.

⁴ Designado “*disforia de gênero*” no DSM-V (2013), este diagnóstico constitui uma revisão dos critérios do DSM-IV (2000) para “transtorno de identidade de gênero”.

científico Uma vez que associa à condição de pessoa submetida à cirurgia. A autora destaca que essa definição é insuficiente, já que o gênero ou os processos identificatórios são bem mais complexos do que a realização da cirurgia em si.

Na elaboração de um artigo científico em que Bento (2009) utiliza narrativas de transexuais para problematizar a redução da cirurgia de transgenitalização a uma expressão do desejo de pessoas transexuais unicamente pela satisfação sexual, destaca que a questão central da busca pela cirurgia é a inserção social por meio do reconhecimento do gênero identificado. Também ressalta que a rejeição do corpo não acontece de forma linear e que os modos de relação com as genitálias são diversos.

Assim como homens e mulheres cis desempenham um papel do que é um homem e uma mulher por meio de suas ações, modos de se apresentar ao mundo, a experiência transexual nos convoca a reconhecer o cunho performático do gênero a partir das resignificações do que é homem/mulher, masculino/feminino, revelando que o gênero não se reduz ao corporal, mas na multiplicidade de construção de seu próprio significado. A qualificação de transgêneros enquanto “reprodutores de estereótipos” é um efeito da redução da experiência trans enquanto mera imitação de pessoas cisgêneras, reforçando a proposição de que a “verdade” dos gêneros encontra-se no corpo (BENTO, 2003).

Neste sentido, Bento (2003) aponta que transexuais não acessaram os processos de socialização enquanto meninos (para os homens trans) ou enquanto meninas (para mulheres trans) tampouco a uma incorporação de estilos ou preceitos dos gêneros resultante deste processo. “A questão que norteia a construção de suas performances é encontrar pontos de apego que os/as habilitem como membros legítimos do gênero identificado” (p. 12). A autora ainda busca destacar que, ao nos prendermos a este aspecto, corremos o risco de ignorar a multiplicidade de interpretações e possíveis práticas sobre o masculino e o feminino.

A reprodução dos estereótipos de gênero é considerada por Chiland (1999) como uma das características dos/as transexuais. Segundo a autora,

El discurso de los transexuales interrogados sobre lo que es la masculinidad o la feminilidad es notablemente pobre y conformista. El discurso típico de un transexual varon biológicamente es: “me casaría, me quedaría en la

casa, me ocuparía de la cocina esperando que vuelva mi marido a la casa, pasearía a mi niño (adoptado, en un landau)". Para no encontrarse reducidas a eso, las mujeres de nuestra cultura lucharon durante decenios, incluso siglos. (CHILAND, 1999, p.71)

Esta análise feita por Chiland dá a entender que as mulheres cis não mais sofreriam a opressão resultante dos estereótipos de gênero da mulher que se ocupa do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos e do marido, tendo a passividade como principal característica, sendo as mulheres trans culpabilizadas por remeterem a uma época de submissão das mulheres ao responder a tais estereótipos.

A ativista feminista Janice G. Raymond (1994) partilha das teses de Chiland, ao estabelecer uma forte separação entre as experiências de mulheres cis e trans, contrapondo-se às ultimas e denunciando-as como um engano, uma invasão do patriarcado no território feminino, cujo objetivo seria erradicar as mulheres “naturais”⁵. Estas, por sua vez, teriam como dever a resistência e delação dessa nova possibilidade de opressão.

Em sua obra *The Transsexual Empire*, Raymond adota uma posição radical contra a reivindicação de as mulheres trans serem reconhecidas como mulheres. A explicação para isto estaria no fato de que, segundo a autora, seria impossível um sujeito com genitália masculina ser socializado como feminino, pelo menos não do mesmo modo que uma mulher “de nascença”:

Sabemos que somos mulheres com cromossomos e anatomia feminina, e que, tenhamos ou não sido socializadas para sermos consideradas "mulheres normais", o patriarcado nos tratou e nos trata como mulheres. Os transexuais não tiveram a mesma história. Nenhum homem pode ter história de ter nascido e se colocado nessa cultura [patriarcal] como mulher. Ele pode ter história de ter *desejado* ser mulher e de ter *agido* como mulher, mas essa experiência de gênero é própria a um transexual, não a uma mulher (1994, p.114).

Por outro lado, a também feminista, Nancy Chodorow (1990) questiona qualquer pressuposto que explique formas sociais utilizando argumentos biológicos, já que as explicações baseadas na diferença biológica de sexo são utilizadas para justificar a opressão e a desigualdade. Daí estabelece-se a necessidade de "relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual, e desejo" (BUTLER, 2003a, p.38) para que o sujeito se torne “legível” e “inteligível” dentro da cultura.

⁵ Termo usado pela autora para se referir às mulheres que nasceram com genitália feminina.

Como tentativa de livrar-nos da dicotomia entre corpo-natureza vs corpo-cultura, Bento (2003) analisa os corpos enquanto próteses, afirmando que, nesta perspectiva mulheres e homens cis e mulheres e homens trans são equivalentes. A autora sugere que a primeira cirurgia a qual todos são submetidos é a construção de corpos sexuados. “Neste sentido, por nossos desejos, ações cotidianas, condutas, papéis não serem ditados pela natureza, e pela fabricação de corpo-homem e corpo-mulher, todos somos transexuais” (p. 02).

1.2.1 Homens trans/ trans homens / FTM / transexuais masculinos

O movimento de travestis e transexuais teve seu início no Brasil em 1990, e foi predominantemente formado por mulheres trans. Todavia, a partir de 2010, houve uma alteração no cenário ativista com a participação dos homens trans nas atividades do movimento (ÁVILA; GROSSI, 2014).

Segundo o site oficial da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT, 2012 apud BASTISTA, 2013), a definição de homens trans seria a seguinte:

Você é homem trans se você nasceu com o sexo anatômico feminino (ou foi registrado como sendo do sexo anatômico feminino quando nasceu e foi criado assim), mas você não consegue se sentir ou não consegue pensar que você internamente tem tanta feminilidade quando teria uma mulher, mesmo que masculino. Você se sente uma cara, um menino, um rapaz, um homem, um ser masculino, mesmo que não ache que seja exatamente o que você acha que seria “um homem”. (s.p.).

Os que se identificam como “homens trans” são ainda poucos no Brasil. Esta constatação associa-se à escassez de estudos, também descrita por Ávila e Grossi (2010):

são praticamente inexistentes no Brasil, estudos sobre transmasculinidade e que os transexuais masculinos, parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas, tendo em vista a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas como os de Marcos Benedetti (2005), Don Kulick (1996, 1997, 1998), Roger Lancaster (1998) e Fernanda de Albuquerque e Maurizio Janelli (1995), e transexualidade feminina, como o estudo de Berenice Bento (2006) em comparação com a quase inexistência de similares sobre transexualidade masculina.

Almeida (2012) aponta duas restrições principais a quem decide produzir conhecimento sobre homens trans no Brasil. A primeira delas é a pouca visibilidade, derivação de grande parte da sociedade ignorar a condição FTM, por não considerar a transição do gênero feminino ao masculino. Isso ocorre em grande medida em razão do olhar de que as representações sobre masculinidade e vivência masculina dependessem necessariamente da presença material original do pênis. A segunda restrição é o *passing* se dar de maneira rápida, inclusive pelo não conhecimento social do processo transexualizador FTM.

O autor, ao discutir o uso do termo "homem trans" e algumas características comuns a tais sujeitos, delinea quatro grupos: o primeiro grupo é formado por pessoas que não querem um total descolamento do feminino. O segundo grupo é formado por 'homens' que não optam por modificações corporais cirúrgicas nem hormonais. Há um terceiro grupo de pessoas que constroem performances públicas em que os gêneros se misturam, expressando, dessa forma, insatisfação com o 'binarismo dos gêneros' e/ou com a 'heteronormatividade'. O quarto grupo de indivíduos que fazem e/ou desejam modificações corporais através da hormonização e de intervenções cirúrgicas, além de se valerem em larga medida de outros recursos sociais (como roupas e faixas torácicas). Buscam também frequentemente o reconhecimento jurídico do sexo e do nome masculinos.

Este estudo não tem como proposta categorizar os homens trans grávidos, uma vez que os processos são bem mais ricos e bem maiores que as categorizações, visto que cada homem trans tem uma vivência particular em relação à gestação e ao modo como se posicionar em relação à criança. A crítica não seria, necessariamente, à categorização, ou ao cumprimento de funções materna e paterna, mas que critérios norteiam a classificação, já que é cristalizada a relação entre feminino e maternidade, masculino e paternidade.

Um estudo (SOUZA, 2013) sobre parentalidade transgênero no Canadá aborda a prevalência das identidades de pai e mãe sem interferência da identidade de gênero. O papel parental é prioritário e antecedente à identidade de gênero, indicando uma primazia do referencial biológico, no qual o momento em que se teve o filho definiu o papel parental – se antes ou depois do processo transexualizador. No caso da parentalidade das travestis e transexuais brasileiras, Zambrano (2006)

aponta que “a divisão dos papéis parentais é mais definida e parece se dar de acordo com o sexo/gênero de ‘escolha’ de cada um: mulheres transexuais e travestis são consideradas mães e seus companheiros, pais” (p. 136).

Os homens trans grávidos não exibem apenas a distinção entre sexo e gênero, eles desafiam, ainda que implicitamente, a diferenciação entre aparência e realidade que um bom contrato popular pensa sobre identidade de gênero. A “realidade” do gênero se constitui por sua performance; não existe um recurso para um sexo ou gênero essencial ou não percebido devido a uma expressão ostensiva do gênero. Entretanto, ao contrário do gênero das travestis, por exemplo, cujo desempenho é tão verdadeiro quanto qualquer outro que não fira as expectativas sociais, os homens trans grávidos não estão consonância com o padrão social de homem, pois a gravidez é vista como algo exclusivo das mulheres.

“Se a existência é sempre marcada pelo gênero, então desviar-se do gênero estabelecido é em algum sentido colocar a própria existência de alguém em questão” (BUTLER, 1986, p.42). Para aqueles que desempenham outro papel que não aquele imposto culturalmente para seu gênero (ou sexo), há uma “penosa limitação social”. Se por meio da performatividade, há meios específicos de agir em uma reprodução reiterada, nos quais homens são compelidos a comportar-se de modo masculino e mulheres de modo feminino, resta a exclusão àqueles fora do padrão imposto pelas relações sociais, como os homoafetivos, os intersexos e os transgêneros.

Se alguém do gênero masculino engravida – ato, até então, pertencente ao gênero feminino -, a própria existência desse sujeito é posta em questão. Alguns justificarão como “é um corpo de mulher” ou “é biologicamente mulher”. Porém, a partir desse caso, perguntamo-nos: se gravidez, então maternidade? O parentesco tem gênero? Se sim, a que ele obedece? De fato, existe um corpo específico que possibilita a gravidez, mas o que define um corpo está ligado à sua funcionalidade?

o que circunscreve esse lugar como o “corpo feminino?” É o corpo ou o “corpo sexuado” a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? Ou será que “o corpo” em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e construído pelos marcadores sexuais? (BUTLER, p. 185-186, 2003a)

Tais questionamentos que Butler se coloca nos servem para refletir sobre a maternidade como uma forma de manutenção de forças políticas e como um marcador de gênero (ou sexual), uma vez que há uma pressuposição sobre um corpo de “mãe”, que seria aquela que engravida, mulher, cis e heterossexual., que foi posto em questão por um homem trans grávido.

1.3 Percurso metodológico

Este trabalho seguiu uma abordagem qualitativa de pesquisa, tratando-se de um estudo exploratório simultaneamente empírico e teórico. Para a discussão conceitual da pesquisa que se pretendeu desenvolver foram utilizados livros, artigos científicos e teses. Como apoio teórico, utilizamos, principalmente, a noção de função por parte da psicanálise e as propostas de Butler para pensar gênero e aplicá-las para reflexão das parentalidades. Levamos em conta a história de vida dos sujeitos entrevistados e sua relação com a sociedade. Segundo Minayo (1995, p.21-22)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Da parte empírica, foi utilizada uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) realizada virtualmente por chamada de vídeo, tendo sido construído um roteiro de entrevista com questões de formato aberto. O roteiro da entrevista contemplou dois momentos de vida dos participantes no contexto das transexualidades: primeiro, um breve relato da própria história, como foi o processo de identificação enquanto homem trans e, segundo, foram enfatizados aspectos em relação a experiência gestacional e relacionamento familiar.

Depois de terem sido contatadas diversas pessoas e instituições, por meio de e-mails e páginas e grupos no facebook, apenas 03 se mostraram interessados e só 02 totalmente confortáveis para a realização da entrevista. As pessoas que

aceitaram foram indicadas pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades do Rio Grande do Sul (IBRATRS).

Esta dificuldade em chegar aos participantes foi devido ao pequeno número de casos de homens trans que engravidaram no Brasil, e da dificuldade em encontrá-los, além de poucas publicações a respeito para orientar o estudo, porém, como se tratou de uma pesquisa qualitativa, pensamos ser uma questão contornável. Levando em consideração essa dificuldade, foram incluídas reportagens disponíveis em meio eletrônico sobre homens trans que engravidaram em outros países para complementar a discussão.

Foi realizada uma entrevista com cada sujeito, ambas com duração de aproximadamente uma hora. Para garantir a privacidade das informações e o sigilo das identidades dos homens trans que participaram da pesquisa, foram atribuídos nomes fantasia aos mesmos.

1.3.1 Participantes

Em sua faceta empírica, foram participantes desta pesquisa sujeitos que se consideravam homens trans, com idade acima de 18 anos; não houve restrições em relação a aspectos socioeconômicos. Foram excluídos aqueles que não tinham filhos, sendo recolhido apenas o discurso dos sujeitos que engravidaram. O número de participantes refere-se ao número de sujeitos disponíveis.

De modo a alcançar os objetivos desta investigação, os dois voluntários escolhidos foram aqui chamados de Esdras e Joaquim. Esdras, com 19 anos completos, solteiro, com uma filha de 2 anos de idade, ensino superior incompleto, identifica-se como homem trans desde os 14 e engravidou aos 16 anos de idade e Joaquim, com 39 anos completos, solteiro, uma filha de 5 anos, ensino superior completo, atualmente atua na área da gastronomia como chef, identifica-se como homem trans desde os 30 e engravidou aos 34 anos de idade.

A escolha recaiu particularmente sobre homens trans, com base na escassez de estudos que existe sobre esta população em específico por terem menos visibilidade não só na academia, mas também no ativismo. No Brasil, há alguns estudos recentes (AMORIM, 2016; ÁVILA, 2014; SOUZA, 2013), sendo que apenas um (ANGONESE, 2016) trabalhou especificamente as parentalidades trans, mas nenhum que articula a gestação com a vivência de parentalidade. Assim, a escolha de estudar mais a realidade dos homens trans que engravidaram vem pela tentativa de discutir psicanaliticamente a noção de função por desvincular do sujeito concreto e aumentar a sua visibilidade na investigação acadêmica nacional.

Nesta investigação, os participantes tinham suas identidades automeadas como homens trans. Importa referir que os participantes atravessaram mudanças, mas nem todos realizaram necessariamente modificações corporais ao nível de cirurgias.

1.3.2 Instrumentos

Como exposto anteriormente, a coleta dos dados ocorreu somente por meio de entrevista semidirigida. O roteiro de entrevista foi elaborado especificamente para este trabalho e teve por finalidade a coleta de dados de identificação; aspectos referentes ao desejo de gestar um filho; os sentimentos de gestar um filho em um corpo esteticamente masculino; a interferência da identidade de gênero nas funções materna/paterna; a vivência da sexualidade; as concepções de maternidade e paternidade; os primeiros cuidados com a criança; realização de alguma intervenção corporal; relação com a família; sua relação com o corpo; a fim de acessar informações que permitam maior familiaridade com a experiência trans. Optou-se pela forma semiestruturada por ser baseada em um roteiro que permite alterações quando for necessário. Por ter um apoio claro na sequência das questões, a entrevista semiestruturada promove a abordagem facilitada e garante, principalmente aos pesquisadores com pouca experiência, que suas hipóteses teóricas ou seus pressupostos serão garantidos na entrevista (MINAYO, 2008). A entrevista semiestruturada proporciona ainda a possibilidade de se expandir o limite

dos questionários, de maneira menos formal do que as entrevistas estruturadas, de caráter mais fechado e direto.

1.3.3 Procedimentos

1.3.3.1 Procedimento de coleta de dados

Numa fase inicial, procedeu-se ao contato com os grupos e páginas sobre homens trans no facebook e e-mail de instituições que tinham a ver com a temática, afim de identificar potenciais participantes. Após inúmeras respostas negativas, houve indicações de participantes, via e-mail, pelo diretor de pesquisas do IBRATRS, que mandou links das páginas pessoais do facebook. Fiz contato então com os homens trans indicados, com o propósito da sua adesão ao estudo e obtive o número de participantes já citado anteriormente. Este contato teve como finalidade fazer uma breve exposição acerca dos objetivos da pesquisa bem como verificar a possibilidade e interesse de participação no estudo. Com esta abordagem, todos demonstraram interesse e disponibilidade para participar prontamente na investigação. Antes de ser enviado um convite formal à participação da pesquisa, todos os participantes foram esclarecidos sobre o estudo, onde foram apresentados os objetivos, a sua expectável utilidade e o consentimento livre e esclarecido. Foi também referido o caráter voluntário da participação, a garantia de anonimato e solicitado consentimento para o uso das respostas nesta investigação.

Em consideração aos aspectos éticos previstos pela Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, serão assegurados aos participantes esclarecimentos sobre a pesquisa (objetivos, método, relevância social), garantia de sigilo, respeito aos valores morais, culturais, sociais e religiosos, retorno dos dados observados, participação voluntária bem como a obtenção de sua autorização para utilização e divulgação das informações obtidas, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I). Também será garantido o retorno dos benefícios obtidos através da pesquisa para os sujeitos, assegurando os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória, desde que cumprissem os critérios de inclusão anteriormente descritos. Foram agendados datas e horários para aplicação do instrumento de coleta dos dados, sendo individual e virtualmente. Todas as entrevistas foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra e literalmente (ANEXOS II E III) a fim de se analisar os dados colhidos.

As entrevistas foram realizadas por chamada de vídeo e áudio, visto a impossibilidade do encontro presencial. Houve interferência da dinâmica de outros ambientes (entrada da mãe em uma e entrada da filha em outra), mas não atrapalharam o desenvolvimento da entrevista.

1.3.3.2 Procedimento de análise de dados

Todas as respostas resultantes da entrevista foram sujeitas a numerosas leituras e releituras. O material foi cuidadosamente trabalhado e analisado na tentativa de entender e interpretar as experiências vividas em função da experiência gestacional.

Os dados foram analisados qualitativamente por meio da análise de conteúdo das informações obtidas na entrevista e agrupadas nas seguintes categorias (ver tabela ANEXO III): deslegitimação/reconhecimento das questões trans, questões relacionadas à saúde, papéis sociais e gênero feminino, papéis sociais e gênero masculino, performatividade e gênero masculino, reconhecimento da própria identidade de gênero, desejo de ter filho, parentalidade trans, aceitação da genitália, experiência gestacional e parto, percepção de violência obstétrica, relações familiares, inteligibilidade e, finalmente, violência relacionada às questões de gênero.

A análise de conteúdo se caracteriza pela explicitação do sentido contido num documento ou modo em que pode ser transformado com finalidade de oferecer um significado, tendo em conta palavras pré-escolhidas pelo locutor, frequência de recorrência de certos termos, aparato e andamento do discurso (TURATO, 2008).

Após leitura flutuante do material coletado, os elementos constitutivos do conjunto são classificados por diferenciação e reagrupamento segundo o gênero, em uma etapa chamada categorização. Em seguida, colocando em destaque alguns

tópicos particulares relevantes para discussão dentro dos grandes tópicos, é realizada a subcategorização. O processo de categorização ocorre considerando dois critérios: o de repetição (o que os entrevistados têm em comum em seus discursos) e o de relevância (destaque de um ponto falado, que constitui uma fala rica em conteúdo a confirmar as hipóteses iniciais de investigação) (TURATO, 2008).

Após o levantamento bibliográfico e aprofundamento do tema, os resultados obtidos foram discutidos em sua repercussão para a sociedade contemporânea e para a própria psicanálise.

2 DAS NOMEAÇÕES POSSÍVEIS

Diversas mudanças ocorreram e tantas outras estão em andamento no modo como o gênero é percebido, como os papéis são distribuídos em função dele ou em função de masculino e feminino. O mesmo acontece no âmbito dos direitos reprodutivos, das biotecnologias, e das várias possibilidades e maneiras de tornar-se pai ou mãe, constituir uma família. Assim, a tentativa de definição dos encargos que cabem a função parental tem seus delineamentos cada vez mais borrados e teve seus efeitos na organização do grupo familiar. A disposição da família continua hierarquicamente a mesma – adultos responsáveis por crianças -, porém as novas formas de parentalidade acentuam as mudanças não dos papéis parentais, mas de quem os exerce.

A adaptação a essas mudanças torna-se imprescindível para a legitimação de vários tipos de cuidados parentais, já que a partir do momento em que há o reconhecimento de outras formas de parentalidade, elas passam a existir. Nosso interesse é colocar em discussão o conceito de parentalidade e novas maneiras de se colocar diante dessas mudanças na prática dela. Iremos também apresentar brevemente como as novas, e concomitantemente mesmas, estruturas parentais são vistas pela psicanálise a partir dos conceitos de função materna e função paterna.

Ao longo da vida apreendemos referenciais de gênero que, além de organizar a legitimação do exercício de determinadas funções, guiam nossa inserção na vida familiar. Chodorow (1990) apresenta os conceitos de maternagem e paternagem, ambos significando os cuidados parentais com a criança e assinala que a maternagem possui um valor cultural que contribui com a produção de desigualdades, sendo assim, é base para a repetição de padrões de masculino e feminino, já que as mulheres, como mães, participam mais ativamente da educação dos filhos, transmitindo os valores sociais em vigor.

O modelo patriarcal assegura aos homens o poder de inserir-se na organização doméstica por meio do diálogo quando lhe é conveniente. “Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte [...] juntas definem um padrão de comportamento a ser

seguido pelos homens” (p. 151). Já às mulheres é reservado o espaço privado, a dedicação ao cuidado dos filhos e da casa (NOLASCO, 1995).

A colagem de concepções como gênero, sexo e sexualidade, associações automáticas de mulher-vagina-feminino-mãe e homem-pênis-masculino-pai, favorece a generificação da função de cuidado. Essa generificação ganha força, principalmente, pela maternidade, uma vez que existe um corpo específico capaz de engravidar, e o laço biológico de reprodução remete ao heterossexismo.

Nessa perspectiva, o termo parentalidade, neste trabalho, carrega um destino importante, haja vista que sua intenção é referir-se a essa função sem designar o gênero da pessoa que a realiza. Foi por interrogar a polarização existente ao se falar em paternidade e maternidade que o termo parentalidade ganhou visibilidade no cenário acadêmico, visto a necessidade de criar novos termos que contemplassem os novos arranjos familiares, provocando mudanças na percepção da função de pais e mães.

Ao juntar as palavras maternalidade e paternalidade, o psiquiatra e psicanalista francês Paul-Claude Racamier (1961) retoma o termo parentalidade, já introduzido no fim dos anos 50 pelo psicanalista americano Benedekt (IACONELLI, 2014). Posteriormente, o termo foi utilizado por Lebovici para nomear as vivências do ser pai e ser mãe. Racamier tinha como objeto de estudo a psicose puerperal e em seus estudos sobre tal patologia cunhou o termo maternalidade, definindo-o como “[...] conjunto dos processos psicoafetivos que se desenvolvem e se integram na mulher por ocasião da maternidade” (RACAMIER, 1961, apud HOUZEL, 2004, p. 47). Também são acrescentados os termos paternalidade e parentalidade, contudo Racamier não faz especificações ao que se referiam (HOUZEL, 2004).

Houzel (2004) chama atenção para o fato do termo parentalidade ter surgido a partir de uma patologia procedente da relação entre mãe e bebê e que aponta a constituição desse vínculo. Nos anos 1980, Serge Lebovici propõe algo mais abrangente:

A parentalidade vai além do fator biológico: para se tornar um pai ou uma mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais. Não me refiro ao que é genético ou programado, como o apego, e sim aquilo que é relativo à transmissão intergeracional.” (LEBOVICI, 1987, p. 21)

Considerando parentalidade o estudo dos laços de parentesco e dos processos psicológicos que deles derivam, o autor completa: “A parentalidade necessita de um processo de preparação, até de aprendizagem, não no sentido de pedagogia parental, mas como trabalho que põe em evidência a complexidade e as características paradoxais do fenômeno natural do parentesco” (p. 29).

Houzel (2004) indica que a parentalidade abrange vários aspectos em relação à realidade psíquica dos pais e de todas as modificações que esta sofre durante a gestação e pós-parto. O autor sugere, então, abordar o conceito a partir de três eixos articulados entre si e que definem como o lugar parental será constituído, a saber: o exercício da parentalidade (como os laços de parentesco são organizados e regras e valores transmitidos), a experiência da parentalidade (modificações psíquicas dos pais resultantes da transição para a parentalidade), e prática da parentalidade (cuidados parentais). Diante disso, é possível reconhecer que existem diversas constituições familiares embasadas nesses três eixos, ainda que suas vivências e dinâmica familiar não se aproximem dos padrões conhecidos e aceitos em nossa sociedade.

Existem tribos no Brasil, como as dos índios Tupi-Kawahin, em que o chefe se casa, ao mesmo tempo ou em sequência, com uma mulher e filhas que ela possua de outra união ou com duas irmãs de determinada família, as quais criarão coletivamente os seus respectivos filhos sem dar importância ao fato de as crianças serem biologicamente suas ou não. Além disso o chefe compartilha suas mulheres com seus irmãos mais novos ou hóspedes. Entre essas famílias, o autor cita uma em que uma mãe e sua filha, casadas com o mesmo homem, criavam juntas os filhos que eram simultaneamente enteados de ambas, netos de uma e meios-irmãos da outra. Já em uma comunidade na África, existiam mulheres de alta posição que poderiam se casar com outras mulheres grávidas de seus amantes, caso desejassem e posteriormente tornavam-se o “pai” legal da criança e transmitiam-lhe seu sobrenome e posses, evidenciando que importava mais o fato de a nova esposa ser nobre e ter maiores condições de lidar com a criança, do que o fato de ter duas mães criando-a juntas. Lévi-Strauss ainda nesse texto, problematiza que a família limitada não deveria ser nem alicerce, nem produto da sociedade, sendo mais coerente afirmar que esta última só existe em oposição à família, ainda que respeite em maior ou menor grau as imposições sociais (LÉVI-STRAUS, 1980).

2.1 Parentalidades outras

Pensar o gênero e seus possíveis desdobramentos no exercício da parentalidade torna-se essencial, tendo em vista que os sujeitos posicionam-se distintamente diante do cuidado com a criança conforme as atribuições de seu gênero. Isso pode ser reflexo da compreensão do gênero, destacado por Butler (2003a), como ato performativo, “efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade por via de uma heterossexualidade compulsória” (p.57). Nesse sentido, podemos considerar que tanto a exigência que o gênero siga uma coerência interna quanto o molde binário para sexo e gênero são regulações que estabilizam operações de poder. O que chamamos de gênero está, de modo constante, sendo “constituído performativamente, pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003a, p.16).

Assim, refletir sobre o desempenho dos papéis parentais por casais homossexuais aponta para a questão da necessidade de categorizar esse tipo de parentalidade também em uma estrutura que comporte binariedade e inteligibilidade. Como acontece com as travestis e transexuais que, segundo Zambrano (2006),

Por se sentirem mulheres, tanto travestis quanto transexuais consideram que as relações afetivo/sexuais com parceiros homens são hetero e não homossexuais. Com isso, os casais constituídos dessa forma são percebidos por elas como heterossexuais, contemplando as expectativas dos papéis de gênero intrafamiliares mais tradicionais...A sua posição de “mãe” é complementada pela posição de “pai” do companheiro. (p.138)

Zambrano (2006), ao discutir os modos de exercício da parentalidade de homossexuais, travestis e transexuais, aponta quatro maneiras principais para acessar a homoparentalidade⁶ descritas na literatura: família recomposta com filhos de uma relação heterossexual anterior à união com parceiro do mesmo sexo; adoção informal ou legal; filhos biológicos por meio de tecnologias reprodutivas; e a co-parentalidade⁷, que é o exercício conjunto e igualitário dos cuidados da criança.

⁶ “Homoparentalidade é um termo surgido em 1997 para designar uma situação em que pelo menos um dos pais se assume como homossexual” (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.48).

⁷ “Co-parentalidade é uma situação na qual uma mãe lésbica ou um pai gay elabora o projeto de ter e criar uma criança com um parceiro, sendo que um é o pai biológico e o outro o pai social que cria a criança” (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.48).

Essa forma de parentalidade pode ser acessada pelas três citadas anteriormente ou incluir um casal homossexual masculino e outro feminino que terão um filho por meio de inseminação artificial caseira ou medicamente assistida.

Souza (2005) destaca que o “transgenderism”, no Canadá, é considerado uma identidade passageira, ainda inacabado, que vai atingir uma definição de gênero em algum momento. Por estar “em transição”, as posições insinuam movimento, instabilidade. Nessas mudanças de posição, só duas categorias continuam imutáveis tanto social quanto biologicamente: as de “mãe” e de “pai”. De caráter transitório, o “transgenderism” e a orientação sexual são relegados a segundo plano e, assim, nas relações sociais e de parentesco, esses sujeitos não possuem nome ou definição. O perigo está nos estados de transição, simplesmente porque a transição não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível” (DOUGLAS, 1976, p. 119). Justamente por esse risco que a indefinição provoca, a identidade fixa de “pai” ou “mãe” sobrepõe-se à de transgênero.

Em sua pesquisa realizada com homens e mulheres trans, Angonese (2016) enfatiza a utilização dos termos “pai” e “mãe” com variados sentidos. A autora chama atenção para a reprodução biológica como um modo de continuar no mundo, citando exemplos de alguns homens trans que, em decorrência desse desejo, relataram que não tinham problemas em engravidar, enquanto outros homens trans repudiavam esta ideia por considerarem inaceitável para um homem.

Peçanha (2015a) coloca a transgressão de corpos cisgêneros, considerado um modelo para construção de corpos, como um ato de resistência, pois há dificuldade de acesso à saúde e políticas públicas por pessoas trans. Como exemplos de ressignificação de corpos trans, o autor cita a hormonioterapia, a mamoplastia masculinizadora e a histerectomia. Acrescenta ainda a gravidez num corpo de aparência masculina, um corpo menos presente nos espaços, mas que existe. O autor evidencia o diferente significado social atribuído a este corpo que questiona o que é válido como homem ou não na sociedade.

Peçanha (2015a) faz um apontamento importante em relação ao corpo, que não é o que define o que é um homem trans, visto que já seriam homens antes de qualquer alteração corporal, mas sua identidade de gênero. Assim, a partir dessa

lógica, a gestação não está ligada à identidade, mas sim a um corpo específico, uma determinada condição fisiológica.

Em uma nota do seu livro “O que é transexualidade?”, Bento (2008) faz referência a Stephen Whittle, um homem trans estadunidense que escreveu sobre a questão dos hormônios e da reprodução no caso de pessoas trans.

Para Stephen Whittle (2004), a partir dos últimos anos da década de 1990 muitas pessoas transexuais passaram a ignorar simplesmente as convenções. Vários homens transexuais se retiram da terapia hormonal por um período para conceber e dar a luz a um/a filho/a. Alguns estão congelando seus óvulos com o fim de realizar possíveis implantações no útero de sua companheira ou uma mãe substituta, e muitas mulheres transexuais estão elegendo congelar espermatozoides para um possível uso futuro (BENTO, 2008, p. 212).

Guacira Lopes Louro (2013), feminista brasileira que trabalha intensamente com as relações de gênero e a educação, chama a atenção para o fato de que o gênero “normal” é compreendido no bojo de uma família “normal”, qual seja, a família sustentada na reprodução e na heterossexualidade. Conforme a filósofa feminista estadunidense Judith Butler (2014), vivemos em um momento de idealização da família, sendo que, inclusive, tornar-se humano consistiria em participar de uma família normativa. Assim, o parentesco se tornou “frágil, poroso e expansivo” e se busca estabelecer quais formas de parentesco são inteligíveis. A autora questiona: “como é que o parentesco garante as condições de inteligibilidade pelas quais a vida se torna vivível, pelas quais a vida também acaba condenada e foraclusa”? (p. 45).

Como afirma Uziel (2014), ainda a família é organizada de maneira dimórfica, com a função masculina encarregada do sustento, ocupando lugar de provedor familiar e a função feminina ligada à reprodução. Já problematizamos antes que pessoas trans apenas desconstroem normas sem reproduzi-las. Do mesmo modo que pessoas cis o fazem, pessoas trans também estão sujeitas a essa reprodução, aplicando-se inclusive ao modo de organização familiar.

2.2 Pai e mãe aos olhos da psicanálise

Lacan, em seu texto *Os complexos familiares*, assinala a inserção da família na ordem social, ressaltando que a transmissão da cultura, aquisição da linguagem e educação inicial acontece no grupo familiar. Lacan (1938/1985, p. 20) indica “[...] é necessário reconhecer o caráter que especifica a cultura humana, a saber, essa subversão de toda fixidez instintiva, da qual surgem as formas fundamentais, prenhes de variações infinitas, de cultura”.

Desde o princípio desse texto, Lacan enfatiza que a constituição dos laços familiares não deriva dos vínculos biológicos da procriação, mas das leis de interdição cultural. Lacan inclui na sua definição de família as regras de sucessão e herança e as maneiras de sistematização do poder familiar. Aqui, o vínculo entre mãe e criança é estabelecido na estrutura simbólica, sem ligação com a satisfação da necessidade alimentar. É na descontinuidade dos laços de alimentação que a relação entre mãe e filho é firmada. A mãe é compreendida enquanto elemento da matriz simbólica, não enquanto pessoa ou objeto.

Freud demonstra que a satisfação das necessidades vitais está ligada com o fato da mãe ser o primeiro objeto de amor. Assim, a função da mãe em todo conflito edípico está ligada com os cuidados iniciais. Lacan ainda enfatiza a importância da linguagem, pela qual o grito da criança adquire significado por meio da significação da mãe. Por isso a mãe é considerada Outro primordial, por ser quem primeiro ocupa o lugar do Outro, o lugar do tesouro do significante” (1960/1998, p. 820). Segundo Lacan, “No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como macho ou fêmea (...) o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça no Outro” (1964/1988, p. 197).

Lacan (1969/2003) acentua como é importante o investimento da mãe na criança. Os cuidados iniciais que a mãe volta ao seu filho, como higiene e alimentação, só garantem um vínculo mãe-filho constituinte, organizador, na medida em que “têm a marca de um interesse particularizado” (p. 06), sendo que cada criança ocupa um lugar específico no desejo da mãe.

No primeiro tempo do Édipo, a mãe ocupa lugar privilegiado na relação com a criança, pois esta tem suas necessidades satisfeitas e recebe cuidados básicos da mãe desde o nascimento. Por ser responsável pela satisfação da criança, a mãe torna-se, para ela, um Outro onipotente. A relação é, portanto, fusional e a criança é identificada ao falo materno. Para Lacan, “existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo que a criança simboliza ou realiza mais ou menos” (LACAN, 1956-57/1995, p. 56). O pai, por sua vez, não participa desse circuito entre mãe e criança, sua presença como terceiro ainda não está situada, encontrando-se velado, circulando apenas enquanto significante no discurso materno.

O segundo tempo é caracterizado pela privação materna, em que a mãe enquanto Outro onipotente é percebido pela criança como faltante. A mediação do pai que acontece na sua entrada como representante da lei é fator decisivo. A relação fusional da mãe com a criança é interrompida pela introdução de uma lei de interdição por um terceiro. Assim, o pai é privador e onipotente. A criança crê que o pai é o falo que dita e interdita o desejo da mãe.

No terceiro momento, a preocupação da criança é centrada em ter ou não o falo e não mais em sê-lo. A função paterna possibilitará, então, que a criança ocupe um lugar de sujeito desejante. O pai muda de estatuto, “intervém como permissivo e doador – doador no nível da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p. 213). Segundo Lacan, neste tempo do Édipo, “o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra – digamos que o pai é um pai potente” (LACAN, 1957-58/1999, p. 200).

Temos até aqui um resumo dos tempos do Édipo em Lacan. Essa teorização possui aspectos muito mais complexos que não trataremos aqui. O que pretendemos é deixar em evidência o papel do pai e da mãe em cada momento.

Se nos primórdios do ensino de Lacan havia uma prevalência de conceitos freudianos, o texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” inaugura a inserção da linguagem e as alterações da teoria da Linguística de Saussure na articulação com os textos de Freud.

A partir dos registros Simbólico, Real e Imaginário aponta o Simbólico como ordenador da cultura, fundada pela linguagem. Nesse primeiro momento de seu

ensino, evidencia a prevalência do Simbólico, afirmando: "é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas" (LACAN, 1953/1998, p. 277). Segundo uma visão lacaniana, o que é universal na cultura é compreendido como sendo suas regras simbólicas ou de linguagem, e elas são vistas como suporte das relações de parentesco.

O debate antropolinguístico entre as leis do simbólico e da linguagem sobre a família, a despeito da obra de Franz Boas em 1911, foi descrito por Lévi-Strauss, cunhando a afirmação do inconsciente enquanto linguagem. Lacan, apropriando-se dessa afirmação de Lévi-Strauss e da linguística de Jakobson, desenvolve parte de sua teoria.

Lacan (1953/1998) afirma que Lévi-Strauss encontrou as leis sociais que regulam a aliança e o parentesco, conquistando com isso o terreno que Freud estabeleceu o inconsciente.

Se eu quisesse caracterizar o sentido pelo qual fui sustentado e levado pelo discurso de Claude Lévi-Strauss, eu diria que é na ênfase que ele colocou (...) sobre o que chamarei a função do significante, no sentido que esse termo tem em lingüística, como esse significante, não direi somente se distingue por suas leis, mas prevalece sobre o significado ao qual ele os impõe (...) Claude Lévi-Strauss nos mostra em todo lugar onde a estrutura simbólica domina as relações sensíveis (...) que o que faz com que uma estrutura seja possível são razões internas ao significante, o que faz com que uma certa forma de troca seja concebível ou não são as razões propriamente aritméticas: eu acredito que ele não recuará diante desses termos (LACAN, 1956; Bulletin de la société française de philosophie, t. XLVIII. apud ZAFIROPOULOS, 2009).

No livro intitulado Antropologia Estrutural, publicado em 1958, Lévi-Strauss esclarece seu grande interesse: as estruturas sociais latentes, portanto invisíveis, ao invés de observar a realidade empírica, privilegiando o modelo construído a partir dela que, por sua vez, é capaz de "reduzir um tipo de realidade a outro; que a realidade verdadeira nunca é a mais evidente; e que a natureza do verdadeiro já transparece logo no cuidado que este emprega em se ocultar" (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 62).

Lacan, ao pensar o parentesco como determinante para a organização familiar, propõe que no centro das estruturas de parentesco reside o nome e que tais denominações de parentesco, incluindo as regras de filiação e aliança, permitiriam que as diferenças tanto de sexo quanto de geração fossem reconhecidas

(1953/1998, p. 279). Por consequência, a concepção de parentesco instituir-se-ia como um fenômeno de âmbito cultural, não determinado pela biologia.

Lacan salienta que nem sempre as estruturas do parentesco são essenciais, e que, apesar da complexidade de nossas estruturas de parentesco, sua existência não seria possível sem um sistema de palavras para organizá-las

E o fato é que os interditos que regulam em nós a troca humana das alianças, no sentido próprio da palavra, limitam-se a um número excessivamente restrito. Por conseguinte, tendemos a confundir termos como pai, mãe, filho, etc. com relações reais. É porque o sistema das relações de parentesco reduziu-se extremamente, em seu limite e em seu campo. Mas trata-se de símbolos (2005, p. 32)

Neste sentido, dois pontos são enfatizados: o nascimento de um filho não implica automaticamente no estabelecimento de funções parentais, uma vez que não são determinadas por circunstâncias biológicas (IACONELLI, 2012). Para isso, é necessário um processo de reorganização simbólica. O segundo ponto é que o desempenho, pela família, de seu papel na transmissão da cultura não reivindica a existência de um homem e uma mulher nem de uma mãe e um pai.

Em seu texto de 1969, intitulado Nota sobre a criança, o exercício das funções parentais é destacado por Lacan em uma tentativa de descolar as figuras que ocupam os lugares de pai e mãe de sua efetuação enquanto função. As funções materna e paterna não são restritas aos adultos geradores, portanto, não reduzidas ao biológico, sendo o próprio complexo de Édipo um dos modos do papel dessas funções serem descritos na formação do sujeito.

Neste mesmo texto, Lacan especifica que a constituição subjetiva é da ordem do “irredutível de uma transmissão” ligada tanto ao Nome-do-Pai quanto aos cuidados maternos e encontramos a seguinte definição para essas duas funções imprescindíveis à essa transmissão: “da mãe: na medida em que seus cuidados têm a marca de um interesse particularizado, ainda que o seja pela via de suas próprias faltas. Do pai: na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (p. 06).

Propor uma reflexão a respeito do gênero na parentalidade a partir do conceito de função não é uma articulação fácil, uma vez que as funções materna e paterna não podem ser confundidas com a presença concreta do pai e da mãe, dos

pais ou das mães. Nas palavras de Lacan, “tanto a maternidade quanto a paternidade têm uma essência problemática – são termos que não se situam pura e simplesmente no nível da experiência” (LACAN, 1955-56/1988, p. 204).

A gravidez de homens trans nos convoca não só a refletir, mas a problematizar a insuficiência dos termos que fazem referência a quem são atribuídas determinadas características que, no seu conjunto, nomeiam mães, pais, maternidades e paternidades, enfim, parentalidades. A biologia como definidora dos papéis parentais já foi questionada, mas a identidade de gênero toma seu lugar como organizadora dessas funções. “É claro que isso não é simples. Se tudo fosse apenas uma questão de mamãe e papai, é difícil ver como poderíamos dar conta dos fatos com que lidamos” (LACAN, 1957-58/1999, p. 354)

3 GÊNERO E PERFORMATIVIDADE

Neste capítulo, define-se o conceito de gênero e a sua relação com a ideia de performatividade, proveniente da filosofia da linguagem em consonância com as concepções de Judith Butler. Pretende-se ainda questionar ideias naturalizadas no que se refere à gênero e sexualidade, demarcando a relevância dos processos formativos que compõem o gênero, corpo e heterossexualidade como resultados da cultura e historicidade social.

Para a autora, o gênero é estruturado em nosso contexto cultural como se caracterizasse uma parcela de uma unidade maior, no caso a heterossexualidade. Essa unidade definiria um padrão no qual corpo compreensível é aquele cuja estabilidade do sexo se manifesta por meio do gênero igualmente estável. No interior desse discurso, masculino estaria somente para homem e feminino somente para mulher (BUTLER, 2003a).

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como um relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (BUTLER, 2003a, 45-6).

Esse modelo hegemônico impõe diretrizes para se estabelecer e regulamentar o gênero e distancia o feminino do masculino como se fosse viável essa divisão tão rígida entre os dois, criando um paradoxo – de uma lado, quando pensamos em termos de gênero, não reduzimos o ser humano à sua genitália, por outro lado, definir o ser humano, ou determinar suas funções, em termos de gênero também restringe e não compreende a complexidade do sujeito.

Ainda sobre isso Butler problematiza o fato de que o sexo, ainda que diminua seu caráter essencialista, não impede que gênero seja construído socialmente em seu lugar, se adequando ao discurso cultural hegemônico vigente e mantendo a binariedade.

3.1 Contextualizando o aparecimento do termo gênero

Para adentrarmos à temática desta pesquisa, partiremos de um lado mais histórico, posto que nem sempre a sexualidade e o sexo foram vistos de forma linear. Não é desde sempre que se concebe a existência de dois sexos. No século II d.C., foi criado pelo médico grego, Galeno, o modelo do sexo único. De acordo com este modelo, havia apenas um sexo, o masculino, e a mulher configurava-se como um homem invertido. “Nesse mundo, a vagina é vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos” (LAQUEUR, 2001, p.16). A permanência dos órgãos na parte externa dos homens e na parte interna das mulheres aconteceria em decorrência de um determinado calor vital.

Segundo Laqueur (2001), na época de Galeno existiam dois gêneros que corresponderiam a um único sexo, com a linguagem demarcando a visão da diferenciação sexual, ou seja, as delimitações entre masculino e feminino. O sexo tinha um aspecto secundário - eram considerados relevantes os papéis atribuídos aos homens e mulheres, sendo que, para Galeno, a mulher constituía-se como uma variação do macho capaz de reproduzir.

Referindo-se aos gregos, Laqueur (2001), acrescenta que “a anatomia no contexto da diferença sexual era uma estratégia representativa que iluminava uma realidade extracorpórea mais estável. Existiam muitos gêneros, mas apenas um sexo adaptável” (p.50).

Foi no mundo do sexo único que se falou mais diretamente sobre a biologia de dois sexos, que era mais arraigada no conceito do gênero, na cultura. Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou o outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica (LAQUEUR, 2001, p.19).

Tal modelo do sexo único predominou até o século XVIII. A partir daí, com a influência da revolução Francesa e do Pensamento Iluminista, surgiu o Modelo dos Dois Sexos. Evidentemente que a mudança de concepção não aconteceu repentinamente ou de maneira uniforme (LAQUEUR, 2001). Costa (1995) ressalta

que a constituição de outra ordem política evidenciou a necessidade de nomear os órgãos específicos da mulher, uma vez que as diferenças entre homens e mulheres passaram a ser vistas como opostas e não mais em termos de continuidade e hierarquia, como no sexo único. Com o Modelo dos Dois Sexos, a diferença dos sexos também estabeleceu a diferença de gênero (masculino e feminino), fundando um processo de especificação das qualidades morais, sociais e intelectuais dos seres humanos a partir desta diferença sexual (COSTA, 1995).

Em 1792, Mary Wollstonecraft, pioneira do feminismo política, já destacava em seu livro *A Vindication of the Rights of Woman* a compreensão de que a anatomia sexual não é determinante do que é chamado de masculinidade e feminilidade. Opondo-se às teorias vigentes na época de que os fatores biológicos eram responsáveis pela diferença intelectual e de papel social entre homens e mulheres, atribuiu tais desigualdades à educação distinta que cada categoria recebia (LATTANZIO, 2011). Porém, somente na década de 1950 o conceito de gênero foi introduzido no cenário científico pelo psicólogo e sexólogo norte-americano John Money.

Money (1955) utiliza o hermafroditismo para tentar entender como a orientação sexual de seres humanos se desenvolve. O autor o considera um experimento natural no qual seria possível a mensuração de fatores mais ou menos influentes na formação do papel de gênero em decorrência da ambiguidade sexual biológica. Os elementos considerados eram o sexo cromossômico, o sexo que a criança foi criada definido pelos seus cuidadores, o sexo gonadal e o sexo hormonal. O resultado desse estudo denunciou que a designação do gênero está menos relacionada ao sexo biológico do que o modo como a pessoa foi criada e socializada.

Assim, Money (1955) conclui que o papel de gênero que a pessoa assume não é estipulado pelo nascimento, mas por aquilo que ela diz ou faz para ser reconhecida enquanto menino ou homem, menina ou mulher, por um acúmulo de experiências aprendidas casualmente e sem planejamento e também de recomendações e orientações explícitas. O autor esclarece que não há relação entre a identidade sexual (ou identidade de gênero) e a genitália, sendo que a construção

da identidade masculina ou feminina é dependente de como a criança autodesigna seu gênero.

Posteriormente, Robert Stoller, psiquiatra americano de formação psicanalítica, trabalha no desenvolvimento desse conceito, utilizando o termo “gênero” de forma desvinculada de “sexo”. Ao discutir o tratamento de pessoas intersexos e transexuais em seu livro *Sex and Gender*, Stoller (1968) privilegia a identidade de gênero em relação à anatomia, afirmando que gênero e sexo não são coincidentes, sendo que enquanto o último diz respeito à genitália, o primeiro refere-se ao sentimento de pertencer a um sexo. A identidade de gênero nuclear referida acima é designada como a “primeira e fundamental sensação de que uma pessoa pertence a seu sexo” (STOLLER, 1982, p. 31).

O processo da identidade de gênero (sentimento de ser homem ou ser mulher) acontece em três níveis. O primeiro é o momento em que a criança encontra a feminilidade primordial; o segundo, núcleo da identidade de gênero, é estabelecido no estágio em que a criança está num laço simbiótico com a mãe, formando-se de acordo com a separação ou afrouxamento dessa simbiose; e, por fim, o terceiro momento, o surgimento de conflitos edípicos (STOLLER, 1982).

Stoller (1975, 1978, 1982, 1993) acentua que a formação do núcleo identitário acontece sem conflito, como produto do *imprinting* materno e das crenças dos pais sobre as qualidades de masculinidade e feminilidade. Essa ideia de uma aceitação por parte da criança diante das situações que definem sua identidade denota uma contradição inerente à constituição da masculinidade que o próprio Stoller se incumbiu de exibir: “é somente se o menino (...) puder se separar sem problema da feminilidade de sua mãe que ele terá condições de desenvolver essa identidade de gênero mais tardia – que não é o núcleo – que nós chamamos masculinidade” (STOLLER, 1978, p. 215, tradução minha). Neste sentido, Stoller afirma que, em decorrência da feminilidade ancorada na identificação com a mãe, existente em todos nós, o núcleo da identidade de gênero é fixo nas mulheres e nos homens é um tanto problemático, visto que é inconstante e fundado sobre um conflito.

De acordo com Stoller, o segundo nível, que envolve o desejo materno, é crucial na origem do transexualismo (sic), pois a feminilidade vivenciada no contato

simbiótico com a mãe seria de tal forma gratificante que provocaria uma fixação. O autor substitui a concepção da primazia do falo ou do masculino pela primazia do feminino que tem a identificação precoce com a mãe, produto do *imprinting* materno, como apoio.

Bleichmar faz uma tentativa de fundamentar teoricamente o uso do gênero, que marca a imprecisão do papel do instinto derivado da diferente anatomia sexual e ressalta a perspectiva cultural do ser homem e ser mulher.

Sob o substantivo gênero se agrupam todos os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade/ masculinidade, reservando-se sexo para os componentes biológicos, anatômicos e para designar o intercâmbio sexual propriamente. A clivagem efetuada na profundidade dos conceitos reduz o papel do instintivo, do herdado, em favor do caráter significativo que as marcas da anatomia sexual adquirem para o homem através das crenças de nossa cultura (BLEICHMAR, 1988, p. 33).

Entretanto Stoller, como já citado anteriormente, considera que sentir-se homem ou mulher prevalece sobre as características biológicas. Marie Langer, na introdução do livro de Bleichmar, aponta que Stoller supervaloriza o gênero em detrimento do sexo biológico.

3.2 Questionando o “natural”

No campo das ciências sociais, as categorias diferenciais de sexo não se reduzem à correspondência de natureza feminina ou masculina, abstrata e universal; ao contrário, indicam o caráter cultural da modelação de mulheres e homens, uma vez que o que chamamos de mulher e homem são antes produtos de relações sociais fundamentadas em diferentes estruturas de poder do que da biologia (HEILBORN, 1992).

Segundo Louro (2000), “as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente. Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas” (p.04).

Durante muito tempo os estudos sobre gênero constituíram-se como sinônimos de estudos sobre as mulheres. A substituição do segundo termo pelo primeiro não implica, entretanto, em sua inutilização, uma vez que ambos sugerem a mesma coisa: estudar as mulheres envolve necessariamente estudar os homens, não há como dissociá-los. Esta ideia não só invalida a existência de esferas separadas como também defende que estudar sexos separadamente imortaliza o mito de que a experiência de um sexo nada tem a ver com o outro, negando que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens e vice-versa. Além disso, temos que o gênero refere-se também às relações sociais que os sexos estabelecem entre si. Fica clara a recusa de justificativas biológicas para os comportamentos como a afirmação de que as mulheres têm filhos e os homens detêm a força muscular (SCOTT, 1988/1995). Afinal, segundo Chiland (2005), o que é referente a masculino ou feminino está intimamente ligado a como o grupo social se dispõe em torno desses conceitos.

Nesse sentido, cada cultura configura seu próprio arranjo em relação à divisão de tarefas segundo o sexo, definindo o que será considerado tarefa masculina ou feminina, variando enormemente de uma cultura pra outra. Como salienta Rubin (1993a), “Em alguns grupos, a agricultura é trabalho para mulheres, em outros para os homens. Existem até exemplos de mulheres caçadoras e guerreiras e de homens encarregados de cuidar das crianças” (p. 26).

O ambiente circundante é submetido a uma categorização de gênero. Assim, masculino e feminino possuem significados distintos em cada cultura, a exemplo de atividades que são invariantes em culturas diferentes, mas são atribuídas de forma variada ao sexo julgado mais competente para desempenhá-la. “Afirma-se assim que se a distinção de gênero é universal, as categorias de gênero são sempre culturalmente determinadas” (HEILBORN, 1992, p. 41).

A categoria de gênero não deve ser acionada como um substituto de referência para mulher ou homem. Seu uso designa, ou deveria fazê-lo, a dimensão inerente de uma escolha cultural e de conteúdo relacional. Por outro lado, ele traz embutida a articulação desse código que se apropria da diferença sexual tematizando-a em masculino e feminino com outros níveis de significação do universo. Ele interage com outros códigos sociais. (HEILBORN, 1992, p. 41)

O enunciado de Heilborn denota a percepção da construção de identidades e exercício de papéis sociais como relacionais, acarretando na não essencialização das categorias de homem e de mulher.

O questionamento de concepções tão naturalizadas, como o corpo, o sexo, as posturas feminina e masculina foi feito por Judith Butler, filósofa referência na literatura atual sobre o gênero. Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler encarrega-se de interrogar o par sexo/gênero enquanto ditos naturais e propõe um olhar mais atento à fabricação do gênero e das identidades, além de perceber o sexo como produto discursivo e cultural, assim como o gênero. Para desmontar a causalidade entre sexo e gênero, Butler utiliza como exemplos as travestis, transexuais e drag queens, advindo a noção de gênero enquanto performatividade, oriundo da reprodução de sinais, condutas e trejeitos, embasados no contexto cultural, que fortaleceriam a estruturação de corpos ditos masculinos e femininos. Discutiremos a seguir de forma mais abrangente essa visão de gênero para além do aspecto biológico, construindo uma díade conceitual sobre inteligibilidade e performatividade.

3.3 Inteligibilidade

O sexo, cuja definição residiria num corpo/biológico, e sua separação do gênero, aspectos socioculturais atribuídos ao sexo, já foi problematizado por Butler (2003a, 2008). À primeira (e desatenta) vista, esta separação pode ser considerada uma conquista aos estudos de gênero, propiciando desbancar e enfraquecer ideias essencialistas na luta contra a opressão. Contudo, a proposta de Butler é indicar que o próprio sexo também é uma construção sociocultural, visto o risco de essencialização da heterossexualidade (compulsória/ heteronormatividade) ao invés de provocar desestabilização ou alguma denúncia da situação.

Neste sentido, para Butler, a separação comporta uma contestação da unidade do sujeito e de que o gênero seria uma interpretação do sexo. Os corpos podem assumir outros gêneros (não pautados em uma dicotomia), como os

intersexos, as drag queens ou corpos abjetos, já que “corpos masculinos não deveriam constituir compulsoriamente apenas homens, nem corpos femininos deveriam constituir apenas mulheres” (SAFATLE, 2006, p. 16).

Vale ressaltar que, segundo Butler (2013),

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (BUTLER, 2013, p. 162).

A humanidade reconhecida nos corpos categorizados segundo marcadores de gênero é garantida quando existe uma linha o gênero e a imagem corporal. O seu corpo deve estar adaptado ao gênero de maneira que não haja confusões na leitura que se possa fazer dele. A resposta da pergunta “é menino ou menina?” não deve comportar a dúvida, deve ser certa e categórica para que a humanidade não seja também questionada. Esse fenômeno pode ser percebido na fala de Joaquim (39) sobre como se sente em relação ao seu gênero: “eu me sinto bem com uma aparência masculina dentro de toda essa sociedade, mas isso não me deixa imune a tratamentos sociais de menosprezo, quando as pessoas percebem que eu tenho seios é estranho” (JOAQUIM, 39).

Assim, como percebemos no excerto acima, ainda que a aparência seja masculina e ele possa ser lido enquanto homem, isso é quebrado pela percepção dos seios e tem repercussões negativas no modo como as pessoas o tratam.

Este rompimento entre o que é ser homem, ser reconhecido enquanto homem, mas de ter algo que provoca incerteza, também é expresso pela gravidez. Por ser socialmente considerada como uma conduta do gênero feminino, a tentativa é de reorganizar para que as coisas voltem a se encaixar. Desse modo, para que não haja maiores rupturas, um homem grávido passa a ser visto e tratado no feminino, como exemplifica a fala de Esdras (19): “Então, essa foi a parte mais conflitante, porque, assim, eu conseguia me entender e até hoje eu consigo me entender e a gestação não é um problema para mim”.

Todo mundo pode tá me tratando no masculino e tals, mas ainda assim você tá com aquele... coisa na sua mente, “cara, as pessoas não me veem como homem porque eu to grávido. As pessoas não me veem como homem

porque isso e isso e aquilo”, sempre “tem gente que...”, enfim (ESDRAS, 19).

Butler considera ainda as características associadas ao sexo (ao natural) – timbre de voz, distribuição e quantidade de pelos corporais, presença de genitália com características específicas, massa muscular, distribuição de gordura – como um potencial desestabilizador da dicotomia sexual, via paródia corporal.

Parecer ser homem, parecer ser mulher ou não estar em conformidade com essa posição binária e todos os estereótipos que cada definição carrega, moldam também a possibilidade da pessoa se colocar enquanto mãe ou pai. No atendimento à saúde, essas representações são reproduzidas pelos profissionais de saúde de acordo com a genitália: “É aquele lance nasceu com vagina é mulher e foda-se, é só isso que eles pensam” (JOAQUIM, 39).

A autora aponta que o indivíduo que deseja ser de um gênero diferente do que indica sua genitália, como os transgêneros, revelam fissuras presentes na performatividade dos gêneros masculino ou feminino. A um só tempo, esse indivíduo copia e, enquanto cópia, provoca uma diferenciação, transformando-se em outro ser. As materialidades ou especificidades de cada sexo manifestam-se como um gatilho para desestabilizar o binarismo dos gêneros, ainda que a justificativa do desejo de transgenitalização, por exemplo, seja pautado nesse binarismo.

Simultaneamente à exposição da problematização dos argumentos da separação entre o sexo (ligado à biologia) e o gênero (ligado à cultura), há uma provável desestabilização da lógica de pares considerados opostos e hierarquizados. Butler ressalta que:

se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (...), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que

homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (2003a, p. 24).

Tal fidelidade à lógica de separação é combatida pela existência dos transgêneros. A autora ressalta a não obrigatoriedade de um corpo feminino produzir gênero feminino e um gênero masculino ser determinado por um corpo masculino. A não vinculação dos corpos, mesmo expostos a uma lógica binária, a um mesmo gênero do corpo permite contestar o caráter imutável do sexo, igualmente produzido pelo discurso como o próprio gênero:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (2003a, p. 25-26).

Essas categorias criadoras de realidades sociais são acessíveis apenas por meio de um processo de significação linguística. O que é anterior à significação não pode ser acessado justamente por não foi significado, não fazendo parte de uma construção de realidade social. A significação não é imutável ou eterna, tem de ser reconstruída, realimentada, o que permite que novos sentidos sejam produzidos, alterando o sentido anterior. A alteração dos sentidos produz fissuras ou brechas que se constituem enquanto àquilo que excede ou escapa à norma ou à categorização decorrente da estrutura social. Este caráter instável é a possibilidade “desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o sexo” é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do sexo” em uma crise potencialmente produtiva” (2004a, p. 164).

Por serem fissuras sofrem sanções sociais, podendo transformar-se em corpos abjetos. É a partir destes corpos que a autora refletirá sobre possibilidades de desestabilizar concepções naturalizadas na tríade sexo-gênero-sexualidade, em conjunto com a ordem compulsória de heterossexualidade. Por um lado, tais corpos confirmam (ou reafirmam) os corpos considerados perfeitos, sadios ou normais; por outro lado, por meio da abertura de fissuras, permitem que uma desestruturação nos moldes opressivos e denunciam a heterossexualidade hipostasiada.

Sobre esses corpos abjetos e a transexualidade, colocamos aqui a fala do homem trans João Nery a respeito dos sujeitos transexuais vai de encontro à concepção dos seres abjetos:

Considero que somos rebentos espúrios de uma sociedade inóspita, que se recusa segurar a nos aceitar em sua jurisprudência médica e legal. Somos rejeitados porque não correspondemos às suas aspirações preestabelecidas, e transformam-nos em minorias asfixiadas. Ela tenta, em função do sexo genital de cada um, moldar seus filhos num só sentido, seja para o “instrumental masculino” ou para o “expressivo feminino”, e por nós não nos sujeitarmos aos seus antolhos sociais, tornamo-nos “objetos folclóricos” (1984, p. 172)

Uma das sanções sociais que pode acometer esses sujeitos é o preconceito, especificamente no caso dos participantes da nossa pesquisa, a chamada transfobia. Ao se deparar com a possibilidade de quebra da estabilidade, não há aceitação, pelo contrário, há um implacável não reconhecimento desses sujeitos, implicando na deslegitimação de sua existência ou até mesmo no direito de existir, em vários ambientes, seja na escola, no trabalho ou em casa. Como pode ser observado nos seguintes trechos da entrevista com o participante Esdras (19): “mas transfobia⁸ eu já sofri no colégio, já sofri no trabalho, já sofri na faculdade, em todos os lugares, até dentro de casa já sofri”; “Era um inferno. Tinha uma inspetora que ela falava para os meus amigos pra se eles me vissem no banheiro pra me trancarem no banheiro para eu aprender a não usar o banheiro masculino”; Quando falei para o meu diretor que eu queria usar o meu nome social ele riu na minha cara e disse não”, “Teve uma pessoa que eu falei que eu não sabia como deveria ir ao banheiro e a pessoa me ensinou que eu deveria fazer xixi no mato”; “Teve uma professora que zerou a minha prova por eu usar nome social”.

Essas falas problematizam várias questões de gênero, como a violência na escola e a resistência em tratar desse assunto, a chamada “ideologia de gênero”; o uso do nome social; a incitação da violência; a circulação restrita pelos espaços, entre outras problemáticas pertencentes ao cotidiano da população transexual no Brasil. Ainda que esses problemas não sejam abordados especificamente nesse estudo, é importante salientar que o preconceito e a intolerância se fazem presente e retomam o questionamento sobre o preconceito vigente em nossa sociedade.

⁸ Preconceito, sentimento de repulsa contra transgêneros.

3.4. Performatividade

Para entendermos então a possibilidade de mobilidade ou mesmo a fixidez de um gênero, e dos papéis desempenhados nas relações parentais, há um conceito crucial: performatividade. Discuto, na sequência, a noção de *performatividade* com base em Jacques Derrida e Judith Butler. Essa conceituação será importante para o seguinte capítulo, no qual aponto interlocuções teóricas desta noção em sua relação com construção do casamento, parentalidade e família.

Para se contrapor às oposições binárias, tais como construídas pelo estruturalismo e com reverberação na teoria psicanalítica, Judith Butler constrói o conceito de performatividade. Com tal conceito, pretende desnaturalizar as identidades sexuais fixas e, por conseguinte, discutir a fabricação das essências como o que está por trás do processo de naturalização do gênero.

A desestabilização da naturalização imposta pelas normas do gênero ao longo do processo histórico permite entender as identidades não mais como fixas e imutáveis, mas como fluidas, sendo o efeito de condicionamentos sociais e objeto destinado a ser reproduzido por “imitação” de acordo com as culturas disponíveis.

O inquérito do aspecto encarnado-performativo da reprodução e contestação de estruturas sociais destaca o potencial de resistência às hegemonias. A partir desta perspectiva, o conceito de performatividade procura entender como a subversão do poder emerge dentro de uma relação dialética entre restrição e agência.

Referente à confusão entre performance e performatividade, Butler alerta para um aspecto principal da performatividade: a regulação por uma estrutura rígida que seria a heterossexualidade compulsória, juntamente com os discursos de sustentação desta, que limitam as possibilidades de performances de gênero. A performance, por sua vez, pode ser potencializada, limitada ou possibilitada pela performatividade (SULLIVAN, 2003; CAMERON, KULICK, 2003; PENNYCOOK, 2007). Esclarece a filósofa:

performatividade não é um jogo livre nem uma auto-apresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (BUTLER, 1993, p. 93).

Para abordar este conceito, é indispensável a leitura de *Excitable Speech: a politics of performative*, obra seminal para sua compreensão, na qual a autora discute as ideias de Austin para, então, ampliar este conceito.

3.4.1 Uma questão de linguagem

Na obra de Austin, há três conceitos que se vinculam, e poderíamos dizer até que são interdependentes, em que um muitas vezes é útil para explicar o outro, são eles o conceito de performativo, de ato de fala e de ilocucionário.

Inicialmente, as discussões sobre performatividade encontravam-se atreladas à certeza de se saber algo. “já que a linguagem não é puramente descritiva mesmo quando se diz eu sei” (AUSTIN, 1998, p.38), a argumentação desenvolvida por Austin a respeito dessa certeza desemboca na crítica à falácia descritiva. Para o autor, a visão do performativo como um objeto linguístico passível de análise empírica como qualquer outro objeto de natureza física é descartada, já que há situações nas quais as ações não são descritas, mas praticadas.

O questionamento que Austin faz a respeito da categoria afirmação também se estende a como são aplicadas as noções de falsidade e de verdade. Estas contestações servirão como base principal, mais tarde, quando em *Performativo-Constativo*, o autor afirma que

Pode-se muito bem fazer uma ideia do enunciado performativo, termo, sei disso, que não existe na língua francesa, nem em outros lugares. Esta ideia foi introduzida para contrastar com a do enunciado declarativo, ou melhor, como chamarei, constativo. Eis aí o que questionarei. Esta antítese performativo-constativo, devemos aceitá-la? O enunciado constativo tem, sob o nome de **afirmação** tão querido dos filósofos, a propriedade de ser verdadeiro ou falso. Ao contrário, o enunciado performativo não pode jamais ser nem um nem outro: tem sua própria função, serve para realizar uma ação (p.111).

Com uma preocupação da mesma natureza que Austin, Butler inicia seu uso da palavra “performativo” se perguntando acerca da relação entre gênero e as palavras e de que modo o gênero poderia ser criado com as palavras. Em seu artigo intitulado *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory* (2004a), a autora usa a noção de ato performativo para discutir como o gênero é constituído por uma repetição estilizada de atos.

A autora coloca uma questão austiniana em *Excitable speech*:

Poderia a linguagem nos ferir se não fôssemos, de algum modo, seres lingüísticos, seres que requerem linguagem para ser? Nossa vulnerabilidade à linguagem é consequência do fato de sermos constituídos em tais termos? (1997, p. 1-2)

Para destacar que o caráter permanente do gênero é apenas uma ilusão criada pela repetição estilizada de atos e, portanto, não é uma identidade estável, Butler cita o enunciado proposto por Simone de Beauvoir – não se nasce mulher, torna-se uma -, colocando em evidência que se trata mais de uma característica performativa sancionada socialmente. Este epíteto desloca a substancialidade do gênero para sua concepção enquanto dependente de uma temporalidade social específica e que nesta prática performativa encontra-se a possibilidade de transformação e contestação do gênero, na arbitrariedade entre os atos repetidos, no sentido de que a cada repetição, há alteração, repetindo-se de modo subversivo.

A autora propõe ainda repensar o corpo não apenas como algo posto, natural, mas sim como uma “superfície politicamente regulada”. Sobre a concepção de Na Beauvoir, afirma que

o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003a, p. 200).

Butler afirma que para que sejam definidas identidades precisa ocorrer o exercício das normas de gênero, já que é por meio disso que elas se criam. É a repetição dessas normas de gênero que promove isto, o que no pensamento da desconstrução chamamos de “duplo gesto”. A reprodução delas como performance

se dá sempre no momento em que ocorre a possibilidade de burlá-las, de maneira que não sejam certas ou erradas:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2003a, p.195).

A compreensão de performatividade em Butler deve passar por dois conceitos nucleares que a autora encontra em Derrida: iterabilidade e citacionalidade. O primeiro pode ser entendido como “a propriedade do signo de ser sempre outro na sua mesmidade, a repetição na alteração” e o segundo como “a propriedade do signo de ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, e por isso mesmo produzir significado”.

Na conferência *Signature événement contexte*, em Montreal, realizada em 1971, Jacques Derrida discute, com ênfase no termo performativo, a teoria dos atos de fala desenvolvida por Austin, a partir da obra *How to do things with words*. Com grande impacto na academia, esta discussão gerou debate entre Derrida e o filósofo John Searle.

Ao passo que Searle propicia uma adaptação e uma sistematização dos preceitos austrianos à tradição, Derrida (1991) busca desconstruir certos pontos dos argumentos de Austin, afirmando que o performativo é uma comunicação que carrega não apenas um teor semântico já instituído e vigiado por uma verdade, assim como:

[...] o performativo não tem seu referente (mas aqui essa palavra sem dúvida não convém o interesse da descoberta) fora de si ou, em todo caso, antes e perante si. Não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera [...]. (p.26/27).

Nas palavras do autor (1991):

Qualquer signo, linguístico ou não-linguístico, falado ou escrito (no sentido corrente desta oposição), em pequena ou grande unidade, pode ser citado, colocado entre aspas; com isso pode romper com todo o contexto dado, engendrar infinitamente novos contextos, de forma absolutamente não saturável. [...]. Esta citacionalidade, esta duplicação ou duplicidade, esta iterabilidade da marca não é um acidente ou uma anomalia, é• aquilo (normal/anormal) sem o qual uma marca não poderia mesmo ter funcionamento dito “normal” (p. 25/26).

A partir do exposto, Judith Butler utiliza destes preceitos para revelar a ideia de gênero performativo. Para a autora, a repetição de atos, gestos, atuações e desejos, partindo dos discursos, criam na superfície dos corpos, a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, performatizando nossas maneiras de ser masculino e feminino, com o intuito de efetivar nos corpos uma heterossexualidade imposta e reprodutora (BUTLER, 2010). As pessoas se constituem de maneira a reproduzir um possível modelo ideal e limitador do que caracterizaria o seu gênero, como pode ser reconhecido no trecho da fala abaixo:

Não, eu tenho problemas até com as bandas fat family, problemas assim, porque elas definem os serem em valores sociais e acaba me incomodando seres que limitam o outro, seres que se limitam e não respeitam. (JOAQUIM, 39)

É muito sombrio e muito confuso, eu sei que eu gosto de ter traços físicos e que lembrem os homens socialmente falando, mas eu não me sinto confortável no comportamento de reprodução em si (JOAQUIM, 39).

A expressão “performatividade do gênero” é cunhada pela filósofa estadunidense em *Gender Trouble* em defesa do ato performativo como atributo da formação do gênero, e posteriormente também do corpo e dos códigos normativos em geral, sua reiteração como forma de mudança, sua menção como deslocamentos de contextos simulacros, o estabelecimento do corpo como sua própria alusão.

Vários anos mais tarde, em *Frames of War*, a autora afirma: “A ideia de iterabilidade é crucial para entender porque as normas não agem de formas determinísticas. E pode ser também a razão porque performatividade é finalmente um termo mais útil do que ‘construção’.” (2010, p. 168). Para a autora, a fabricação do sujeito como origem dos efeitos do discurso é uma decorrência da citacionalidade camuflada.

A performatividade do gênero, quando este é entendido como algo da ordem performática e não da natureza, descreve ações que se repetem e que constituem uma a execução de um papel e uma nova forma de exprimir diversos significados consolidados pela cultura. O mesmo se aplica com as noções de pais e mãe. Diante dos modelos familiares que estão sendo reconstruídos (ou, de alguma forma, mantidos), buscamos na performatividade uma possibilidade de subversão do binarismo de gênero também na constituição familiar. A performatividade faz

referência à ideia de que o ato transforma em realidade e origina aquilo que ele nomeia ou atua. Desta forma, se o gênero é apenas um efeito performativo, sem essência, não sugere identidade. As várias facetas possíveis de um mesmo personagem não caracterizariam a rigidez necessária a definição de identidade propriamente dita, mas sim uma fluidez de gênero que ocorre na constituição dos sujeitos. Esse processo teorizado por Butler pode ser percebido também na fala de Esdras(19):

Flertar um pouquinho com aquelas brincadeiras de gênero que eu fazia e aí foi ficando, foi me dominando de tal forma que eu fazia o cross dresser e eu não queria sair do personagem, não queria me desmontar e não queria que as pessoas parassem de me chamar no masculino, tipo nunca.

Cardozo (2007) problematiza a caracterização de travestis como um transitar entre o masculino e o feminino, um terceiro lugar, resultando em uma cristalização de lugares de gênero com a consequente coincidência entre identidade de gênero e sexualidade, negando a ideia de performatividade. Ao fazer tal afirmação, incorre-se que homens e mulheres cis tem lugares de masculinidade e feminilidade fixos e naturalizados, quando também transitam entre masculino e feminino.

Sobre essa possibilidade de trânsito entre os gêneros, Joaquim (39) demonstra que ao obter definitivamente o reconhecimento pela sociedade enquanto homem, e isso envolve a mastectomia masculinizadora, ele poderá, a partir de então, circular entre os universos feminino e masculino, pois sua masculinidade estaria assegurada. Ou seja, a partir da aquisição de um lugar fixo, é possível “passear” entre os gêneros, como é ressaltado em sua fala:

Por que uma das coisas que eu quero muito é tirando os seios, eu deixando crescer o bigode eu quero demais por uma saia, andar mais de saia e usar mais acessórios, é estranho talvez, eu gosto do meio do caminho. Os seios para mim é não, não, mas são vários conflitos mesmo assim no dia a dia de pensamento e atitude; como eu vou definir o que é ser homem? Mas se você quer saber, eu quero ter barba, não quero ter peito, quero usar bigode, gosto do cabelo mais baixo.

Butler recupera o conceito de performatividade em *Bodies that matter* elucidando-o e desconectando de uma escolha voluntária de expressão de um papel de gênero, pela qual o sujeito adotaria uma identidade que representasse essa escolha. Contrariando essa ideia, a autora expõe a anterioridade da reiteração de normas à agência do sujeito, visto que essa repetição seria base da materialização daquilo que ela nomeia. Deste modo, a performatividade também se aplica às

normas reguladoras do sexo, uma vez que regulam práticas, produzindo uma generificação delas, materializam-se nos corpos e marcam o sexo. Trata-se mais de uma repressão, de um impedimento, do que de uma escolha, enfatizando sua a-historicidade mediante ao caráter “natural” das imposições.

Embora Butler tenha esclarecido essa questão, dá abertura para outras críticas de seus leitores ao eleger a psicanálise lacaniana como paradigma para debater as restrições do estruturalismo e a possibilidade de alteração do simbólico. É, então, apenas em seu livro *Undoing gender* que acentua o caráter sócio-histórico dos estudos queer. A ponderação em relação ao social e ao histórico fica clara na sua definição mais recente de “inteligibilidade como aquilo que se produz como consequência do reconhecimento do acordo com as normas sociais vigentes” (BUTLER, 2006, p. 15).

A inteligibilidade é um requisito para o reconhecimento e este uma condição de sobrevivência. Ser reconhecido pode exigir um “abandono” daquilo que justamente diferencia o sujeito em nome do desejo de ser considerado como humano, reconhecível para além das normas prescritas. Podemos citar como exemplo o aceite das categorias masculino ou feminino por meio da construção cirúrgica de um sexo por parte dos intersex. Ficamos diante de dilemas sem resolução no plano individual. É necessária capacidade crítica de reação às normas a nível coletivo, com grupos organizados que ponderem alternativas ao que existe (BUTLER, 2006, p. 16). As demandas dos sujeitos que não vivem de acordo com as normas disponíveis devem ser alvo de reflexões teoricamente embasadas para assim dar resposta à questão: “de que forma o mundo pode ser reorganizado de maneira que melhore este conflito?” (p. 18).

A teoria deve estar articulada às diferentes demandas. Uma vez que o movimento social de intersex reclamam a não intervenção cirúrgica em seus corpos enquanto bebês, e para que sejam compreendidos como mais uma possibilidade de morfologia humana, pessoas transexuais lutam pela realização de cirurgia a fim de “adequarem-se”. A adequação, neste sentido, passa por quais corpos podem ser lidos como humanos. A grande problematização de vários movimentos sociais é justamente a ideia de humanidade (MISKOLCI & PELÚCIO, 2007).

Há um certo caminho novo do humano que se dá com o fim de iniciar o processo de refazer o humano. Posso sentir que sem certos traços reconhecíveis não posso viver, mas também posso sentir que os termos pelos quais sou reconhecida convertem minha vida em inabitável. Esta é a conjuntura da qual emerge a crítica como um questionamento dos termos que restringem a vida com objetivo de abrir a possibilidade de modos diferentes de vida. (BUTLER, 2006, p. 16-17)

Finalmente, a compreensão do conceito de performatividade deve ser feita a partir das regulações que os sujeitos convivem ou entram em conflito, que são impostas, mas podem ser incorporadas. Assim, o conceito de performatividade é sempre atual, pois é sempre possível participar de outros contextos históricos e sociais, sendo “transferível” a qualquer sociedade e a qualquer tempo desde que utilizado em seu sentido pragmático (MISKOLCI & PELÚCIO, 2007).

E por meio dessa atualização permanente que o conceito implica, é possível enquadrá-lo nos contextos familiares e mais especificamente no que se refere a parentalidade. Exercer a função de pai ou mãe implica em determinadas diretrizes que constituiriam e regulamentariam o exercício dessa experiência. Por estar inserida em um ideal regulatório, a parentalidade pode ser essencializada em identidades paterna e materna, mas também contém em sua repetição potencial desestabilizador. A ideia de performatividade aplicada ao exercício da parentalidade será abordada no capítulo 4. Antes dessa discussão, iremos apresentar no capítulo que segue como o gênero foi inserido nas discussões sobre parentesco e a (des)legitimação de novos arranjos familiares.

4 FAMÍLIAS ABJETAS

Os ideais do modelo de família ocidental – heterossexual e monogâmica – vêm sofrendo alguns questionamentos decorrentes de mudanças sociais. A relação entre homens e mulheres vista como complementar pela função reprodutiva, exercendo papéis de gênero naturalizados, e que, supostamente, ofereceriam um ambiente mais adequado para o cuidado e a socialização de crianças vem sendo confrontada pelos novos arranjos familiares.

No entanto, a tríade heterossexualidade-casamento-filiação, estabelecida por meio do exercício de papéis sexuais alicerçados sob a diferença sexual instituídos em uma lógica binária de correspondência entre sexo e gênero, tem sido pouco questionada como construção histórica e social. Há uma naturalização da divisão sexual binária da sociedade que tem como pressuposto, obrigatoriamente, a heterossexualidade (SOARES, 2010).

A heterossexualidade de tal forma naturalizada é reforçada na base da reprodução social pela heteronormatividade. Para Miskolci (2009), a heteronormatividade⁹ poderia ser definida como um “conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto” (p.154), estendendo-se ao exercício parental, encarnada nos papéis de pai e mãe.

O vínculo familiar pode se estabelecer de formas diversas, abrangendo o vínculo biológico, a filiação (ligado a um reconhecimento jurídico), o parentesco (vínculo entre dois indivíduos em relação ao pertencimento a um grupo) e a parentalidade (função parental exercida em termos de cuidado com alimentação, saúde, educação, etc.) (ZAMBRANO, 2008).

Neste trabalho, o uso do termo parentalidade não é despropositado, considerando que é um modo de referir a essa função sem especificação do gênero da pessoa que a desempenha, o que não acontece quando se fala em maternidade

⁹ o termo heteronormatividade foi cunhado em 1991 por Michael Warner em seu livro *Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory*.

ou paternidade. Lembramos que é apenas uma tentativa de evitar a dicotomia, mas ela não deixa de acontecer quando se fala em parentalidade masculina ou feminina, por exemplo. A justificativa para fazer tal diferenciação entre as parentalidades, conforme Zambrano (2008), residiria na biologia, visto que somente mulheres teriam capacidade para gerar uma criança, o que contestaremos nesta pesquisa.

A proposta aqui é discutir como as práticas de parentesco podem se adequar, ou responder, a um sistema normativo, ou então contestar e rearticular, buscando compreender em que medida as parentalidades trans reconfiguram as representações do pensamento ocidental no momento em que performatizam a parentalidade na sua relação com o gênero. Inicialmente, apresentaremos uma breve revisão de como o gênero foi considerado para se pensar parentesco, as regulações a que está submetido e também será discutido o conceito de paródia e como a ambiguidade das significações poderia ser corrigida através das designações. Além disso, exploraremos a contradição de estar sujeito à obediência às normas no contexto de uma ininterrupta deslegitimação social e política.

4.1 Gênero e parentesco

O advento da antropologia feminista nas décadas de 1970/80 favoreceu a incorporação de um recorte de gênero em suas análises sobre o parentesco, especialmente nas reflexões produzidas em países anglo-saxões. A desnaturalização das relações de parentesco foi alavancada por estudos como o de Héritier, Schneider, Rubin, Strathern, entre outros.

Pensando que as teorias de parentesco tratam das relações entre mulheres e homens, elas são marcadas pelo gênero. Contudo, algumas antropólogas feministas apontam um dilema existente nestas teorias: mesmo dizendo da relação entre homens e mulheres, as teorias do parentesco não abordam (ou abordam pouco) o gênero nas sociedades descritas; práticas e valores referentes à masculinidade, feminilidade nas ideologias do casamento e nas práticas do parentesco não foram

alvo de investigação, sendo necessário, então, que os estudos do parentesco passassem a incorporar a perspectiva de gênero.

Como já citado, Gayle Rubin foi uma das pioneiras nos estudos da relação entre gênero e parentesco. Na década de 70, esta autora debatia uma questão central nas preocupações feministas: a subordinação universal das mulheres. Conforme a autora, "Os sistemas de parentesco... transformam machos e fêmeas em homens e mulheres, cada um, uma metade incompleta que só adquire completude quando unida com a outra" (1993a, p. 179). Ou seja, o parentesco criaria gênero.

Homens e mulheres são, é claro, diferentes. Mas nem tão diferentes como o dia e a noite, a terra e o céu, yin e yang, vida e morte. De fato, do ponto de vista da natureza, homens e mulheres estão mais próximos entre si do que de qualquer outra coisa – por exemplo, montanhas, cangurus ou coqueiros. A ideia de que homens e mulheres diferem mais entre si do que em relação a qualquer outra coisa deve vir de algum outro lugar que não (seja) a natureza... longe de ser a expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero é a supressão de similaridades naturais (RUBIN, 1993a, p. 179).

A ideia desenvolvida por Rubin de um sistema de sexo e gênero, definido como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (1993a, p. 02), demonstra como a relação entre gênero e reprodução é firmada em um pressuposto, não colocado de maneira explícita, que é o da heterossexualidade como algo natural. De acordo com ela, o sistema sexo/gênero poderia ser observado empiricamente nos sistemas de parentesco. A própria expressão “sexo/gênero” remete a uma genitalização da sexualidade. Tal genitalização, como se o sexo fosse a verdade última dos sujeitos, é um dos desdobramentos do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1999), em que ocorre a coincidência de sensações com determinadas zonas corporais e a redução do corpo a zonas erógenas, em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (masculino/feminino) (PRECIADO, 2002): “É muito sombrio e muito confuso, eu sei que eu gosto de ter traços físicos e que lembrem os homens socialmente falando, mas eu não me sinto confortável no comportamento de reprodução em si” (Joaquim, 39)

Na leitura que Rubin faz do texto *A família* de Lévi-Strauss, no qual são discutidas algumas precondições de concretização do sistema de casamento, a

autora sustenta que a atividade sexual humana é organizada em termos de gênero e heterossexualidade compulsória, em que a relação desses dois fatores estaria vinculado à reprodução, à biologia e ao social. Para Rubin, o que Lévi-Strauss formula a respeito do parentesco destaca, em termos culturais, as diferenças biológicas entre os sexos. Assim, os sistemas de parentesco implicam em uma dicotomia, criada socialmente, de gêneros derivados do sexo biológico e a divisão sexual do trabalho, além das práticas regulatórias da sexualidade, ditando ou reprimindo as configurações que divergem dos arranjos heterossexuais. A garantia do matrimônio estaria na marcação de gênero nos indivíduos.

Uma proibição que diz respeito a certas uniões heterossexuais supõe um tabu relativo às uniões não heterossexuais. O gênero não é somente a identificação a um sexo; ele conduz também o fato de o desejo sexual ser orientado para outro sexo. A divisão sexual do trabalho entra em jogo nesses dois aspectos do gênero – ela os constrói homem e mulher, e ela os constrói heterossexuais. [Assim] impõe-se um gênero aos indivíduos a fim de garantir o casamento. Lévi-Strauss está perigosamente perto de afirmar que a heterossexualidade é um processo instituído (RUBIN, 1993a, p. 35).

De acordo com Rubin (1993a), tanto a opressão quanto supressão da homossexualidade são partes de um mesmo mecanismo responsável pela opressão das mulheres. Em relação ao parentesco, provoca a questão se a desestabilização do pressuposto da heterossexualidade atribuiria uma diferença (e uma relação) entre natureza e cultura e como seria a operação de gênero levando-se em consideração as relações entre parentesco e homossexualidade.

A naturalidade da heterossexualidade nos campos antropológicos e psicanalíticos foi exposta por Rubin em *The Traffic* (1993a), cuja leitura do modo que a atividade sexual humana foi construída na qualidade de atividade social pondera o lugar central da sexualidade ligado à reprodução, bem como a aproximação entre gênero e sexualidade. Já em “Thinking sex” (1993b), apesar de não abordar o parentesco, ela defende a política da diversidade sexual e a criação de mecanismos de análise para se pensar sobre ela. Assim, na proposta de se firmar diferenças entre gênero e sexualidade, ela coloca em relevo as sexualidades não reprodutivas, uma vez que quando se fala em sexualidade heterossexual, a noção de gênero é atravessada por uma divisão binária, determinando uma continuidade entre sexo e gênero.

Estes dois textos de Rubin levantam questões relevantes, embora não necessariamente interligadas, para pensar gênero. O trabalho de articulação entre esses trabalhos é feito por Judith Butler em “Is Kinship always already heterosexual?”, no qual faz uma retomada a respeito do lugar que a heterossexualidade naturalizada ocupa na relação entre natureza e cultura, propondo um maior alcance teórico para pensar parentesco e sexualidade.

Neste texto, Butler (2003b) propõe que

Se entendermos parentesco como um conjunto de práticas que estabelece relações de vários tipos que negociam a reprodução da vida e as demandas da morte, então as práticas de parentesco são aquelas que emergem para dirigir as formas fundamentais da dependência humana, que podem incluir o nascimento, a criação das crianças, as relações de dependência e de apoio emocional, os vínculos de gerações, a doença, o falecimento e a morte (para citar algumas) (p. 221).

Conforme Butler, “a nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma”. Para os antropólogos, é a nominação que guarda um lugar importante no sistema de parentesco, justamente por falar das posições que as pessoas ocupam em uma dada cultura, seu lugar social. Logo, definimos categorias nativas para os parentes, como mãe, pai, filho, filha, avó, etc., utilizados como categorias de referência: “O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai” (Joaquim, 39 anos). Vários trabalhos recentes têm se debruçado sobre a temática das lógicas terminológicas, como *À quoi servent les terminologies de parente*, de Georges Augustins (2000) e *Histoires de mutation. Les terminologies russes de Parenté*, de Gessat-Anstett (2000).

Segalen et al (2002) fazem uma abordagem do tema de forma um pouco mais ousada quando falam das transformações sofridas na família ocidental na contemporaneidade, citando as famílias homossexuais como exemplo

Finalmente, a família tem hoje uma geometria variável, conjugal, “clássica”, monoparental, recomposta, homossexual. Seus contornos são múltiplos e eventualmente se movem por alianças eletivas. O que permanece é a força das relações de parentesco na sociedade moderna (SEGALIN et al 2002, p. 07).

Em relação à parentalidade, há uma exigência que existam dois pais para a criança que sejam equivalentes quanto a doação genética, mas desiguais quanto a

representação de papéis em sua vida. Não importa a quantidade de pessoas que se ocupem do cuidado da criança, elas sempre estarão distribuídas entre mães ou pais. Estes podem ser adotivos, biológicos, ou “substitutos”, “o gênero sempre designa pessoas para um ou outro papel” (STRATHERN, 1995). Este aspecto pode ser observado nas duas falas de Joaquim (39). Na primeira, uma tentativa de outras pessoas o encaixarem em categorias de pai ou mãe e na segunda como os papéis foram definidos espontaneamente por sua filha: “Eu me sinto confortável sendo tratado como pai, mas tem gente que acha que eu sou pai e mãe”.

igual ao tipo de mãe que a minha ex companheira é e eu não tive participação nenhuma nesse lance da Maria e ela, nem nesse tratamento de mãe e filha, um dia a minha filha simplesmente começou a chamar ela de mãe e eu perguntei se era ela que estava ensinado e ela disse que não, foi uma acordo entre as duas, minha filha pediu para ela ser mãe (JOAQUIM, 39).

Segundo Schneider (1968, p. 115), “o parentesco não é uma teoria sobre a biologia, mas a biologia serve para formular uma teoria do parentesco”. Conforme este autor, os fatos culturais são construídos de forma a se ajustar aos fatos biológicos, assim, uma alteração científica no campo da biologia poderia alterar as relações de parentesco, mas o contrário não seria possível. No artigo “Necessidade de pais, necessidade de mães”, Marilyn Strathern assinala que o parentesco euro-americano reconhece somente “dois lados” biológicos de parentalidade. Este “modelo duo-genético de parentalidade” (STRATHERN, 1995, p. 322) é determinado, então, por uma relação assimétrica de gênero: o pai e a mãe.

Para nosso interlocutor Joaquim (39), esta diferença foi concretizada devido às funções sociais que ele e sua ex companheira desempenhavam e, ainda que não fosse uma questão para eles, existia uma cobrança social:

Na nossa família tem uma diferença porque eu acabo tendo o papel social da mulher e ela ficava tendo o papel social do homem porque a criança nasceu de mim e ela começou a ser cobrada como se ela fosse um pai ausente, porque quem estava sozinho no corre era eu, eu que fazia tudo para a nenê, eu quem estava pagando as contas, mas para nós não era um conflito sabe?

Butler (2003b) aproxima-se desta discussão desenvolvida por Strathern e invoca um aparato teórico para questionar as normas fundadoras da heterossexualidade também nas relações parentais. A estrutura do parentesco, de acordo com a interpretação de alguns, é constituída por essa heterossexualidade

ficcional, mas que adquire substancialidade, tratando-se menos de uma manifestação social que simbólica, e instrui “os arranjos sociais”, embasando a afirmação “de que o parentesco tem sido sempre heterossexual”. Segundo esse preceito de concordância com a “lei simbólica fundadora e disseminada” da heterossexualidade, “aqueles que entram nos termos do parentesco como não heterossexuais só farão sentido se assumirem o papel de Mãe ou o papel de Pai” (p. 251), uma vez que as formas socialmente variáveis que o parentesco assume não são capazes de alterar tal lei.

Segundo Butler, essa heterossexualidade tida como alicerce deve ser compreendida como um lugar onde o poder opera, lugar este que a sexualidade ocupa como tratável pelas relações de troca, mesmo que as transações não sejam, inicialmente, sexuais. A reprodução da cultura não se dá de forma exclusiva e apenas por meio da criança, mas há uma erotização do lugar que ela ocupa nesta reprodução, levantando a questão da transmissão segura da cultura através da reprodução heterossexual.

4.2 O poder regulador do Estado

Há uma crença no que se refere à exigência da cultura de que uma criança seja gerada por uma homem e uma mulher para que a criança possa entrar na ordem simbólica, na qual residem regras capazes de ordenar “nossos sentidos de realidade e de inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003b).

Bento (2012) sobre essa percepção questiona o fato de que a família heterossexual sagrada e consanguínea nos é imposta desde a infância e problematiza sobre o papel protetor e cuidador delas. Marilyn Strathern, em consonância, afirma:

Em termos tradicionais, julga-se correto que as crianças euro-americanas sejam criadas em famílias e aprendam com os pais o que significa um relacionamento amoroso. No contexto do círculo familiar considera-se a relação sexual entre os pais como o fundamento do amor conjugal no qual se baseia o amor familiar. O sexo é assim o símbolo da naturalidade do

relacionamento do par conjugal do qual o filho é encarado como um resultado igualmente natural (STRATHERN, 1995, p. 313).

De acordo com Badinter,

Ao fazer da diferença biológica o critério supremo da classificação dos seres humanos, fica-se condenado a pensá-los em oposição um ao outro. Dois sexos, logo duas maneiras de ver o mundo, dois tipos de pensamento e de psicologia, dois universos diferentes que permanecem lado a lado, sem jamais se misturar. O feminino é um mundo em si, o masculino é outro, e eles dificultam a travessia das fronteiras e parecem ignorar as diferenças sociais (2005, p. 157).

Esta relação dicotômica e complementar entre os gêneros é a base para a construção da família. Sugerir qualquer alteração nesta ordem implica ameaçar a estrutura sobre a qual a sociedade está consolidada, o que inclui o que nos define enquanto sujeitos e não-sujeitos.

Variações no parentesco que se afastem de formas diádicas de família heterossexual garantidas pelo juramento do casamento, além de serem consideradas perigosas para as crianças, colocam em risco as leis consideradas naturais e culturais que supostamente amparam a inteligibilidade humana (BUTLER, 2003b, p. 224).

O participante Esdras (19) confirma essa preocupação “social” com o desenvolvimento da criança nasceu em uma família que não partilha dos moldes tradicionais, associando essa preocupação com a naturalização dos gêneros e dos papéis sociais:

Essa é uma pergunta muito recorrente, me fazem muito essa pergunta, “ué, como você vai explicar pra sua filha, porque ela sempre vai te achar mãe, sei lá o que”, é o que eu falo “não, vocês naturalizam muito”, é que a criança cresce ouvindo aquilo (JOAQUIM, 39 anos)

Foucault (1999), no primeiro volume de A história da Sexualidade aborda a redução do sexo à sua função de reprodução e, por consequência, o casamento para procriação. A sexualidade passa a ser vivida como algo íntimo, privado, dentro dos moldes do casamento. O sujeito dito normal vivia sua sexualidade de forma específica, a saber, monogâmica, utilizando sua genitalidade apenas para reprodução.

Joaquim (39) comenta sobre a vivência de sua mãe no interior dessa lógica, em que a genitália determina comportamentos, gestos e mesmo sentidos, por exemplo, o que significa ser mulher e ser mãe. Além disso, os sentidos não são

partilhados pelos diferentes sexos, sendo que não é possível (ou permitido) um pai dedicar-se totalmente aos cuidados da criança:

minha mãe tem esse princípio, ela tem uma crença que eu abandonei o ser mãe e na cabeça dela ela tem aquele lance de que a mulher tem que tá...Saca? Vamos ser mais amplos, que quem nasceu com vagina tem que estar na posição de submissão, de entrega da vida eternamente, saca? (..) Não existe na mente dela que um pai possa sentir isso, ela acha que eu abandonei ser mulher, não quero mais e que eu abandonei e tal (JOAQUIM, 39)

O autor elabora a hipótese de que, a partir do século XVIII, os discursos sobre o sexo sofreram uma proliferação, incitada pelo próprio poder, através da escola, da igreja, da família, do consultório médico. Não era a proibição da prática sexual ou sua redução que essas instituições “visavam, mas o controle do indivíduo e da população”. A regulação do sexo era feita por meio de discursos que serviam ao fortalecimento do Estado, sendo quatro as estratégias principais para “conter” a sexualidade a uma norma familiar-reprodutiva: a histerização do corpo da mulher, a pedagogia do sexo das crianças, a socialização das condutas do casal e a psiquiatrização do prazer perverso (FOUCAULT, 1999).

O casamento e o parentesco encontram-se vinculados pelo pressuposto da heterossexualidade, já que o parentesco só é legitimado enquanto uma forma de família reconhecida que, por sua vez, depende do casamento enquanto instituição, também só reconhecido pelo laço heterossexual. Este modo de pensamento embasa o exercício da sexualidade enquanto privada e para fins reprodutivos e o casamento é a garantia da família. Assim, “a sexualidade é pensada em termos de casamento e o casamento é pensado em termos de aquisição de legitimidade”. (BUTLER, 2003b, p.227).

Conforme indica Butler (2003b),

O Estado se torna o meio pelo qual uma fantasia se torna literal; desejo e sexualidade são ratificados, justificadas, conhecidas, declaradas publicamente instaladas, imaginadas como permanentes, duradouras. E, nesse mesmo momento, desejo e sexualidade são despossuídos e deslocados, de modo que o que alguém “é” e o que o relacionamento desse alguém “é” não são mais assuntos privados; de fato, ironicamente, poder-se-ia dizer que, através do casamento, o desejo pessoal adquire um certo anonimato e intercambialidade, torna-se mediado publicamente e, nesse sentido, um tipo de sexo público legitimado (p. 234).

Deste modo, discutir o casamento para não heterossexuais é considerada fonte de controvérsia, considerando que, por um lado, há um sofrimento e um “desempoderamento” ao viver fora das normas que permitem reconhecimento e, por outro, é que a própria demanda por reconhecimento pode gerar novas formas de se estabelecer hierarquicamente na sociedade, abandonando a discussão da sexualidade ou do domínio sexual, de forma não só a manter o poder do Estado, mas de aumentá-lo, ao deixar de lado o fato de que tais normas de reconhecimento são de exigência do próprio Estado (Butler, 2003b).

Joaquim (39) relata uma experiência atual que não diz especificamente de uma união aceita pelo Estado, mas, de certa forma, diz de sua legitimação enquanto pai. Ele está tentando reaver a guarda de sua filha, hoje cedida à sua mãe (avó de M.), e alega que “a justiça” (sic) não aceita que ele ensine sua filha a chamá-lo de pai, já que ainda tem seios.

É... eu to na justiça hoje tentando recuperar a guarda da minha filha, tipo, tive um problema com a minha mãe e ela quer porque quer ficar com a minha filha, então hoje eu to num conflito pessoal muito foda, assim, mas né, gata, tem que evoluir, digamos assim, ela não entende muita coisa, a dificuldade da relação... se dependesse da minha filha, a minha filha queria todo mundo junto morando na mesma casa, então isso é complicado. Mamãe não aceita minha ex companheira que é uma mulher negra e lésbica... nossa, minha mãe é cheia do caô assim, foda, mas... faz parte

O casamento resguarda uma relevância histórica enquanto formador de aliança e uma maneira de estender as relações de propriedade, além de garantir a manutenção de formas socialmente mais conservadoras da sexualidade. Uma alternativa seria repensar a organização social no que se refere aos contatos sexuais, à amizade e à comunidade de forma não centrada no Estado, uma vez que o reconhecimento do casamento entre não heterossexuais não deve ser a única opção de se legitimar a sexualidade (BUTLER, 2003b).

Uma nova concepção de amizade ou comunidade poderia conceder à sexualidade campo separado do parentesco e este, por sua vez, sofreria a descentralização da relação biológica e sexual do parentesco, possibilitando a formação de um laço duradouro sob outra ótica que não do arranjo conjugal (BUTLER, 2003b).

Neste sentido, Joaquim (39) traz uma definição de família que envolve mais o contexto que você vive e as experiências compartilhadas em determinado momento de sua história do que laços de sangue ou judiciais. Apesar de ainda conservar uma noção de família nuclear, diz da transitoriedade da família, quase uma fluidez:

Momentos define uma família, porque eu tenho amigos no Brasil todo que se eu precisar eu tenho aonde ir sabe? Pessoas do movimento trans mesmo;

Mas eu vejo família hoje é a minha ex companheira e minha filha, sabe? Elas, eu não sei, eu queria ter uma explicação, mas eu não consigo ver família como algo de eterno saca? Então é o momento mesmo, eu moro num local que é uma vila e é uma grande família, cada um se apoia do jeito que dá, mas eu sei que aquilo ali vai passar

Esdras (19) também exclui de sua definição de família a consanguinidade, admitindo que essa é a única relação com seus pais, mas, ao considerar a sua própria família, a única “exigência” é laços afetivos:

Queria falar algo menos clichê que é amor e companheirismo, mas eu vou ficar com o clichê.

Então, se você for perguntar pra mim se eu considero que tenho família, aí a pergunta vai ser um pouquinho diferente, porque, no caso, eu só considero família a S., que é minha filha, o resto eu não considero justamente porque falta amor e companheirismo.

Por exemplo, eu não me sinto à vontade de falar muitas coisas sobre quem eu sou e sobre o que eu acho, até porque eles são reações e eu sou “comunismo vencerá” e muitas outras coisas, enfim, e eu não acho que seja, não acho que... a única coisa que torna a gente família é o sangue.

De acordo com Ayouch (2014), “quando o alvo da prática sexual não é o destino biológico da reprodução, a complementaridade de dois sexos da espécie se revela totalmente relativa” (p. 60). A fala de Esdras (19), embora fale de relações parentais, acentua a relatividade de uma ordem binária e que o cuidado com a criança independe do gênero dos pais: “É a pessoa que está no devir da criança, ahh, não vejo muita diferença entre um pai e uma mãe. Quer dizer, no meu mundo ideal não tem diferença, na realidade sabemos que sim”.

Vale ressaltar a “ruptura” do parentesco tradicional que não somente desloca o lugar central das relações biológicas e sexuais de sua definição, mas confere à sexualidade um domínio separado daquele do parentesco” (BUTLER, 2003b, p.256).

A restrição ao dimorfismo homem e mulher como única forma de compreender o gênero consolida uma operação de regulação de poder, na qual a hegemonia é naturalizada e a possibilidade de pensar em práticas disruptivas acaba sendo excluída. Os estudos de gênero tendem a propor como alternativa ao binarismo, a multiplicidade de gêneros, o que, rapidamente, suscita a questão de quantas variações de gênero seriam possíveis e quais seus nomes. Logo, Butler supõe que a ruptura com o sistema binário não precisa significar colocar o gênero em tal ordem quantitativa (Butler, 2004b).

Ao propor uma analítica do poder, Foucault problematiza o poder como biopoder, não mais o tomando como fenômeno de dominação/subordinação entre indivíduos ou grupos. A circulação do biopoder acontece em rede e o indivíduo não se constitui como o outro do poder, mas como um de seus efeitos. O regime disciplinar é o principal modo de exercer o poder, cujo discurso é o das ciências humanas que se constituirá como norma. Esta normatividade atua de forma constante às práticas sociais e históricas e opera como um ideal regulador, determinando fronteiras entre algumas práticas consideradas como reconhecíveis, inteligíveis e lícitas e outras tidas abjetas, ininteligíveis e ilícitas. Estas últimas configurariam o território dos anormais (FOUCAULT, 1999).

Nesse sentido, Joaquim (39) apresenta dois episódios: um em que sua orientação sexual e o uso de drogas não aceitos pelos pais resulta em uma internação em hospital psiquiátrico e o outro que reconhece os efeitos sociais da diferença de gêneros e critica as proibições e determinações estabelecidas em decorrência de seu gênero:

saímos na porrada várias vezes quando ele era vivo, eles me internaram várias vezes, a primeira vez foi porque eles descobriram que eu estava com mulher e que eu fumava um beck, aí eles me internaram em um hospital psiquiátrico (JOAQUIM, 39 – em referência ao próprio pai)

porque às vezes te proíbem de brincar com os meninos, te proíbem de estar com os meninos, mas ninguém te ensina a se defender, ninguém te ensina a perceber e não ensina aos rapazes e é uma coisa que a minha filha desde muito pequenininha (JOAQUIM, 39).

Contudo, não semelhante a Foucault, Butler não pensa as regulações de gênero somente como mais uma modalidade de exemplificar os modos de regulamentar um poder mais extenso, mas modos de regulação específica que

produzem efeitos sobre a subjetividade. A identidade inteligível é governada por regras são organizadas parcialmente a partir da hierarquização entre feminino e masculino e da heterossexualidade. Assim, o gênero não seria nem construído socialmente nem expressão de uma essência interna. Com base nestas definições, a autora chega a afirmar que o gênero é ele próprio uma norma (BUTLER, 2004b, p. 58).

Sujeitado ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o "eu" nem precede, nem segue o processo dessa "criação de um gênero", mas apenas emerge no âmbito e como a matriz das relações de gênero propriamente ditas (BUTLER, 1993, p. 07).

Para entender como as repetições de normas constitutivas naturalizam processos de construção de identidade, basta pensar na ultrassonografia. Por meio deste procedimento, um enunciado performativo como "é um menino" transforma o bebê em "ele" e, a partir de então, este menino será masculinizado e introduzido nos campos inteligíveis do parentesco e da linguagem. Entretanto, essa "masculinização" do menino não ocorre de modo permanente, tendo que sofrer várias reiterações ao longo do tempo com o objetivo de reforçar esse efeito "natural". Segundo Arán e Peixoto (2007), o enunciado referente à orientação sexual a partir de uma ultrassonografia causaria estranhamento na medida em que não faz parte de nossa inteligibilidade cultural. Este fato demonstra como a nomeação a um só tempo repete uma norma e estabelece uma fronteira.

O trecho a seguir do participante Esdras (19) fala do caráter naturalizado de concepções de gênero que, na verdade, é ensinado para as crianças, sendo reforçado por constantes afirmações ao longo da vida:

Muita gente quer que a criança nasce achando que menina é pepeca e menino é piupiu quando, tipo, não é assim, a criança não nasce sabendo isso, isso é algo que a gente ensina e é algo que eu particularmente não vou ensinar pra a minha filha.

A partir desta perspectiva, fica evidenciado que a construção da percepção de um corpo específico se dá pelo ato performativo que funda uma realidade social que é nomear o sexo. O gênero pode ser entendido então como uma "identidade tenuamente construída através do tempo" por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos (BUTLER, 2003a, p. 200), como explicitado

pelas falas de Joaquim (39) sobre o processo de identificar-se enquanto homem e os comportamentos reproduzidos que ele entende como sendo masculinos:

O ombro aumenta, o queixo aumenta, o rosto murcha e você fica diferente e isso é legal; então essa personagem, porque no início era personagem; até se tornar uma identidade, porque eu não sabia como que era ser homem, apesar de me sentir como um, então eu acabei reproduzindo uma construção social que o cara tem que ser machistão ou retardado, provedor

Playboy, sempre fui playboy, sempre tive o meu carrinho, sempre tive cartão de crédito, sempre tive grana, todo saradão para caralho sexualmente. Sabe aquela postura machistona mesmo de que o homem é o macho, masculino e sempre tem aquele lance do controle, de ser macho, ser otário e tratar mal as mulheres; então eu era casado, mas tinha dez amantes e vivia em puteiro.

A persistência da norma enquanto norma se dá justamente por sua constante atualização nas práticas sociais, sendo reinvestida por meio dos ritos sociais. A reprodução das normatizações relacionadas ao gênero é convocada por práticas corporais que são capazes de modificar tais normas em sua menção. Se o gênero é o resultado de repetições incorporadas de gestos e estilos que impõe efeitos essencializadores, ele próprio é uma norma. Contudo, Butler apoia-se na teoria de biopoder de Foucault para argumentar que, justamente pelo fato de as normas de gênero serem instáveis e encontrarem-se abertas à necessidade de repeti-las, o gênero pode ser uma fonte de resistência e subversão, uma vez que a lei reguladora pode ser aproveitada para realizar uma repetição diferencial (BUTLER, 2004b).

A diferença na repetição pode ser percebida, por exemplo, em um homem com seios, como o caso de Joaquim (39). Ele fala que papéis sociais só fazem sentido para reconhecimento social e da coerção que sofre ao perceberem o que seria um ato de transgressão da norma:

Ai gata é que você faz umas perguntas que eu não tenho respostas, porque eu não acredito nesses papéis sociais, eu não acredito nessas coisas porque é que nem eu falei para você, nós usamos esses títulos para a identificação na sociedade, mas como nós vivemos isso não tem nada a ver, sei lá; saca? Não tenho uma resposta para ti, só que são papéis sociais e aí eu repito, eu me sinto bem com uma aparência masculina dentro de toda essa sociedade, mas isso não me deixa imune a tratamentos sociais de menosprezo, quando as pessoas percebem que eu tenho seios é estranho.

Sobre possíveis rupturas nas normas estabelecidas, Butler (2014, p. 100-101) questiona “o que devemos pensar de alguém que habita a forma e a coloca em

crise? Se a relação entre o habitante e a forma é arbitrária [...] sua estrutura funciona no sentido de domesticar de antemão qualquer reformulação radical do parentesco”.

Além da norma heterossexual, podemos considerar a cisnorma voltada para a reprodução: pessoas cis podem ter filhos. Pessoas trans têm esse mesmo direito? Neste sentido, Teixeira (2012) destaca que:

Considero que não seja por acaso que as cirurgias de neocovulvoplastia e neofaloplastia produzam sujeitos estéreis. Observei que, após o início do tratamento hormonal, um dos primeiros procedimentos cirúrgicos a que os homens (transexuais) foram submetidos é a retirada do aparelho reprodutor feminino. [...] As condutas médicas, no Brasil, (ainda que não normatizadas) parecem garantir que, reivindicando a posição de homens, os homens (transexuais) não desorganizem ainda mais as normas de gênero ousando ser mães (TEIXEIRA, 2012, p. 510).

Stephen Whittle comenta sobre o direito à reprodução e países que exigem a esterilização:

Stephen Whittle (2004) questiona o porquê das legislações em vários países exigirem a esterilização como condição para conferir às pessoas transexuais uma identidade. “Somos tão inumanos/as que não temos direito a nos reproduzir? Que não tenhamos direitos à proteção legal alguma?” (WHITTLE, 2004, p. 51 apud BENTO, 2008, p. 220).

Desta forma, pensar em sujeitos considerados abjetos implica em uma dificuldade na concepção de parentalidade e reprodução. Questiona-se: esses corpos dito abjetos poderiam assim, ser caracterizados como inférteis?

A construção de um “fora” que todavia está completamente “dentro”, não de uma possibilidade além da cultura, mas de uma possibilidade cultural concreta que é recusada e redescrita como impossível. O que permanece “impensável” e “indizível” nos termos de uma forma cultural existente não é necessariamente o que é excluído da matriz de inteligibilidade presente no interior dessa forma; ao contrário, o marginalizado, e não o excluído, é que é a possibilidade cultural causadora de medo ou, no mínimo, da perda de sanções. [...] O “impensável” está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura *dominante* (BUTLER, 2013, p. 116-117).

4.3 Legitimação/Paródia

Outra possibilidade de transformação ou disrupção de concepções hegemônicas encontra-se nas práticas parodísticas. Na concepção de Butler,

performar o gênero é parodiar o gênero, pois a paródia denuncia a própria noção de uma origem. Para tanto, o caráter imitativo como efeito da performance pressupõe uma infinidade de deslocamentos que permitem um afrouxamento de identidades dentro de uma constante re-significação e recontextualização das mesmas. Assim, a disseminação da paródia do gênero põe em questão a essencialização das identidades de gênero, ou sua própria naturalização pela cultura da heterossexualidade reprodutora. A ideia de imitação é evidenciada no trecho a seguir de Esdras (19) ao falar de como começou a se identificar com algumas coisas consideradas masculinas:

E tem personagens que eu sou apaixonado e eu olhei o cabelo deles e eu falei “nossa, meu deus do céu, eu quero aquele cabelo”, especialmente para fazer o cross dresser que eu já fazia há um tempo já (...) Aí eu cortei o meu cabelo daquela forma, eu comecei a me ver e flertar um pouco com a estética masculina, por assim dizer.

E nesta fala quando se identificava ainda como mulher, reproduzindo alguns estereótipos:

E, pô, eu gostava de me mostrar. Como bom leonino eu usava decotão lá no umbigo, basicamente, usava shortinho, aqueles shortinhos bem socados assim, bem curtinhos mostrando a polpa da bunda na época que ninguém fazia isso. Então, sendo bem mais específico, eu era uma piriguete. (ESDRAS, 19)

Rubin aponta uma diferenciação feita entre os estilos de sexualidade no que se refere à “estratificação sexual”, manifestada nas sociedades modernas ocidentais, em que os considerados “bons (normais, naturais, saudáveis), tais como modalidades heterossexuais, no marco do casamento, monogâmicos, reprodutivos, se oporiam aos “maus”, expressos nas práticas sexuais de travestis, transexuais, fetichistas, sadomasoquistas, sexo comercial, por dinheiro, entre gerações, contando com áreas intermediárias” (1993b, p.14).

A vivência transexual sobressalta os gestos e as condutas que permitem o reconhecimento e dão visibilidade ao estabelecimento do gênero por meio de interpretações e negociações que acusam o que, na prática, é ser homem ou ser mulher. A cópia não tem uma referência original, pois os homens e mulheres cis também são cópias sem origem determinada, visto que seu gênero é assumido e fabricado pela reiteração de atos, isto é, da mesma maneira que as pessoas trans (BENTO, 2003).

Nessa perspectiva, não há um referencial primordial, natural para as performatividades de gênero. O original, segundo os preceitos normativos de gênero, encontra-se no biológico, em que a verdade dos gêneros seria revelada pelas tríades corpo-pênis-homem e corpo-vagina-mulher. As interpretações e práticas dos que não se encaixam nessa lógica seriam considerados cópias de homem ou mulher, paródias. Uma vez considerados desviantes (como gays, lésbicas e trans), pois fugiriam ao considerado normal, sofreriam exclusão. “Para uma concepção essencializadora, práticas performativas não passam de cópias burlescas das mulheres e dos homens “de verdade” (BENTO, 2003, p. 09).

Existe uma binariedade que pauta a sexualidade inteligível e que também guarda possibilidades intermediárias e hibridismos, denunciando que mesmo as relações binárias tem seus espaços de legitimidade e ilegitimidade. Estas regiões intermediárias não abrigam nomeações claras devido aos conflitos gerados entre as próprias práticas legitimadoras, gerando não lugares, em que há sujeitos reconhecíveis, mas que o reconhecimento (mesmo o autoreconhecimento) é frágil (BUTLER, 2003b).

Ao avançar na discussão sobre corpos abjetos, Butler (2003a) sugere um retorno analítico no qual eles são contextualizados como propulsores de resistência e enfrentamento ao biopoder. O corpo, antes frágil, apresenta-se agora empoderado, forte e pleiteador dos seus direitos, como a participação nas esferas de poder. Seu maior mecanismo de enfrentamento à heteronormatividade consiste em sua própria existência, uma vez que sua ação desestabilizadora está nas interpelações ao sistema de coerência entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo, imposto pelas biopolíticas regulatórias, no próprio exercício do biopoder.

Podemos observar essa ação disruptiva do sistema de coerência quando Joaquim (39) traça um caminho de como se entendeu como homem e pode vivenciar sua sexualidade de outras formas:

Então, eu era muito frustrado e eu não me percebia sabe? Que eu era muito frustrado e no que eu fui morar no R., eu comecei a morar em algumas ocupações com uma galera anarcopunk e eles foram mostrando um lance bem interessante sobre a sexualidade, sobre o seu próprio corpo, então quando eu me percebi atraído por uma mana, saca assim? Que tinha os traços e o corpo de um homem, caramba! Como ela era sensual, saca? Foi um choque para mim e depois disso eu comecei meio que me perceber mais e aí eu entendi que eu era homem.

Mas cada vez que tentamos considerar o corpo como existente antes da socialização, antes do discurso sobre macho e fêmea, diz Butler (2008), “descobrimos que a matéria está inteiramente sedimentada com discursos sobre o sexo e a sexualidade que prefiguram e limitam os usos que podemos fazer desse termo”. Butler sugere que olhemos para o corpo como um sistema que, simultaneamente, produz significados sociais e é produzido por eles, exatamente como qualquer organismo biológico sempre resulta das ações simultâneas e combinadas de natureza e criação.

No caso de nossa pesquisa, mesmo que o casal parental seja heterossexual, a união não é legitimada enquanto tal, pois é trans. O corpo ainda carrega a função de maternidade, mas seu significado já não é o mesmo, pois, também pelo corpo, é significado da paternidade – ser homem é ser pai, é sobreposto à função reprodutora ou de corpo capaz de engravidar.

Apesar disso, essa paternidade é deslegitimada, não reconhecida socialmente, já que gravidez é vista como inerente à mulher, então a tendência é tratar no gênero feminino:

Todo mundo pode tá me tratando no masculino e tals, mas ainda assim você tá com aquele... coisa na sua mente, “cara, as pessoas não me veem como homem porque eu to grávido. As pessoas não me veem como homem porque isso e isso e aquilo”, sempre “tem gente que...”, enfim. (ESDRAS, 19).

Em seu artigo “Parentalidades impensáveis: pais/mães, travestis e transexuais”, Zambrano (2006) discorre sobre a questão da parentalidade de transexuais e travestis tão pouco problematizada e, por muitas vezes, encoberta no termo “homoparentalidade”. Para esta autora, a nomeação de um tipo de família é de grande importância e indispensável para sua existência discursiva, assinalando o reconhecimento de uma realidade, possibilitando seu estudo juntamente com sua problematização e “favorece, ao mesmo tempo, a emergência de um campo de luta política onde as demandas de (homo) parentalidade ficam fortalecidas” (p. 128). Sobre a já existência das parentalidades trans e de como elas estão sendo vivenciadas, destacamos o seguinte excerto:

Eu sou o pai da M. E., ninguém discute com a minha filha e ela já entendeu coisas como por exemplo, que tem menino que nasce com vagina e menina que nasce com pênis, para a minha filha isso é muito simples, que eu nasci

com corpo de princesa, mas eu tenho o coração de príncipe, é assim que ela explica para os amigos (JOAQUIM, 39)

Apesar das novas formas de família, as noções de paternidade e maternidade ainda atualizam definições de gênero fundamentadas em assimetrias e desigualdades. É preciso destacar que tais definições não se tratam somente de produções ou imposições de modelos culturais e normas sociais, mas de uma forma de apropriações realizadas pelos sujeitos a fim de legitimar suas posições dentro da família, marcadas por constantes renegociações.

A respeito de reprodução de papéis, colocamos aqui as falas de Esdras (19) em que associa o papel de pai ao papel de provedor e também como constituinte de sua masculinidade:

Porque com a minha visão um pouco... um pouco não, totalmente patriarcal eu me sinto mais masculino, por eu estar provendo pra minha filha, eu estar trabalhando pra ela poder ter o melhor

Eu me sacrificava por ela, pra ela poder comer arroz integral, azeite com zero três por cento de acidez máxima, óleo de coco, aí compra aqueles negócios caros, aí compra chia, compra quinoua, compra a porra toda cara, tipo, pra isso, eu não comia, eu ficava semanas e semanas comendo um pão com ..., essa era a minha alimentação e foi a minha alimentação durante muitos meses. Esse sacrifício que eu fiz é meio que uma romantização, né, do sacrifício, mas esses sacrifícios que eu fiz estão muito ligados à questão da minha identidade masculina e à questão da minha paternidade.

Sobre essas atualizações de noções de papéis de gênero, Butler (2003b) sustenta que

a legitimação tem uma dupla fronteira: é crucial que, politicamente, reivindicuemos inteligibilidade e reconhecimento; é crucial que, politicamente, mantenhamos uma relação crítica e transformadora em relação às normas que governam o que irá ou não contar como aliança e parentesco inteligíveis e reconhecíveis (p. 239).

Há um dilema em relação à exclusão provocada pela norma: concomitantemente às inteligibilidades que ela rege sobre o social, o não pertencimento a esta norma também responde a ela, então estar fora de um campo masculino ou feminino é reconhecer que determinadas práticas são definidas em termos de masculino e feminino. Isto não significa, porém, que se possa igualar as noções normativas de feminilidade e masculinidade à norma de gênero, pois entender o gênero como binário, como já dissemos antes, é manter e ampliar o

poder da norma e os que não se encaixam neste binarismo também fazem parte do gênero. Considerando que gênero não define ser ou ter, Butler o define como “o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume” (p. 253), acrescentando que do mesmo modo que se faz uso do gênero a favor da naturalização do masculino e feminino, também pode se tornar um mecanismo para desconstruir e desnaturalizar tais concepções (Butler, 2004b), como podemos observar na fala de Joaquim (39): “Eu já tinha uma aparência que ninguém discutia comigo, os meus seios murcharam e eu sou neto de índio, então eu tenho muito pouco pelo, então fiquei com cara de moleque, bem moleque”; e na fala de Esdras (19 anos): “Antes disso, eu não era tipo muito feminino, mas também não era masculinizado, eu era entre andrógono e feminino”.

As atualizações de gênero, referentes ao que é ser mulher ou homem, realizadas por transexuais por meio da materialidade do corpo e atos corporais, o produto é a paródia de outra paródia, que abala a naturalização de identidades centradas no homem e na mulher “biologicamente normais” (BENTO, 2003).

Conforme a autora,

O que diferencia as paródias das/os mulheres/homens biológicas/os das/os transexuais é a legitimidade que as normas de gênero conferem a cada uma delas, instaurando, a partir daí, uma disputa discursiva e uma produção incessante de discursos sobre a legitimidade de algumas existirem e de outras serem silenciadas (BENTO, 2003, p. 13).

Safatle (2008) aprecia em Butler a paródia de gênero enquanto uso político, que a autora reconhece, por exemplo, nas travestis, drag queens e nas práticas de cross-dressing. Butler propõe que a travesti subverte diferenciações tão caras à tradição metafísica, como interno/externo, imitação/original, brincando com a ideia de uma real identidade de gênero.

Crítica paródica que, por inaugurar um deslocamento perpétuo de identidades, teria a força de sugerir a abertura para processos de resignificação capazes de se disseminarem na malha social. Essa crítica articulada através do embaralhamento da diferença ontológica entre essência e aparência só é possível porque a aparência é elevada aqui à condição de simulacro ou, ainda, de fetiche que desorienta a própria noção de identidade e representação fixa por, ao mesmo tempo, adequar-se e não adequar-se à diferença sexual e aos modos de sexuação tais como seriam postos pela Lei (SAFATLE, 2008, p.170).

Neste sentido, fecharemos, então, este capítulo com a fala de Joaquim (39) que denuncia não só a não existência de uma maneira única de ser homem como são possibilidades fluidas, em trânsito:

Por que uma das coisas que eu quero muito é tirando os seios, eu deixando crescer o bigode eu quero demais por uma saia, andar mais de saia e usar mais acessórios, é estranho talvez, eu gosto do meio do caminho. Os seios para mim é não, não, mas são vários conflitos mesmo assim no dia a dia de pensamento e atitude; como eu vou definir o que é ser homem? Mas se você quer saber, eu quero ter barba, não quero ter peito, quero usar bigode, gosto do cabelo mais baixo (JOAQUIM, 39).

5 GÊNERO APLICADO À PARENTALIDADE

Neste capítulo nossa reflexão está focada nas implicações de gênero presentes no exercício da parentalidade, qual seja, a função parental do adulto ou adultos que são responsáveis por prover as necessidades da criança que têm ou adotam como filho (a).

Para tanto, partiremos de alguns conceitos essenciais para discutirmos gênero x parentalidade, uma vez que é nosso objetivo referir-se a essa função sem designar o gênero de quem as realiza, posto que os novos arranjos familiares devem ser contemplados, o que ocasiona mudanças na percepção das funções de pai e mãe.

Assim, concepções como gênero, sexo e sexualidade favorecem a generificação da função de cuidados da criança – de um lado mulher/vagina/feminino/mãe e de outro homem/pênis/masculino/pai. A maternidade, que requer biologicamente um corpo específico para a gestação, contribui para fortalecer essa generificação da função parental. Porém, entendemos que esta visão é uma herança de um discurso conservador que entende maternidade como função exclusiva da mulher, sendo esta portadora de vagina e útero, portanto, capaz de engravidar, como ilustra a fala de Joaquim (39):

minha mãe tem esse princípio, ela tem uma crença que eu abandonei o ser mãe e na cabeça dela ela tem aquele lance de que a mulher tem que tá...Saca? Vamos ser mais amplos, que quem nasceu com vagina tem que estar na posição de submissão, de entrega da vida eternamente, saca?

Devemos examinar, à luz da psicanálise, a diferença entre função materna e função paterna a fim de se entender como são funções generificadas, construídas histórica e socialmente.

5.1 Função materna e função paterna

Para a psicanálise as funções materna e paterna são necessárias para a estruturação e o desenvolvimento do psiquismo da criança e possuem diferentes atributos conforme a fase de desenvolvimento. Essas funções são exercidas por adultos tutelares (mãe e pai biológico ou adotivo). Segundo a visão psicanalítica, ser mãe ou pai não implica apenas o aspecto biológico, mas também sentimentos e atitudes decorrentes do desejo pelo filho (DOLTO, 1996).

Dessa forma as funções materna e paterna vão além dos papéis de mãe e pai, ou seja, da execução de tarefas culturalmente estabelecidas como sendo papel de pai ou de mãe. Portanto, há correlação entre essas funções e aspectos reais, imaginários e simbólicos.

Para Lacan (1956-57/1995) o real, o imaginário e o simbólico são três registros da experiência do pensar: o registro real tem relação com o corpo e as experiências no contato corporal; o registro do imaginário refere-se ao às fantasias e à capacidade imaginativa - área do psiquismo onde a partir das experiências vivenciadas as coisas ganham representação; o registro simbólico pressupõe maior capacidade de elaboração em relação ao registro do imaginário e refere-se à capacidade de ir além das representações, adquirindo novos sentidos.

Assim, podem-se citar no âmbito do real os cuidados físicos, o contato, a percepção que os pais têm das necessidades fisiológicas da criança (nuances de choro, temperatura, movimentos, etc.). No âmbito do imaginário, situam-se as expectativas dos pais em relação à criança, bem como as expectativas da sociedade em relação a ela. E no âmbito do simbólico temos a possibilidade de dar sentido às experiências vividas e sua nomeação pelos pais.

Esses fatores reais, imaginários e simbólicos interagem na vivência e no desenvolvimento da função materna e da função paterna e, como coloca Hurstel (1999), as contribuições de Lacan provocaram uma ruptura epistemológica na abordagem da paternidade, na qual é dada importância ao sentido que o pai possui na vida da criança.

Hurstel (1999) utiliza o termo função como uma função propriamente humana, simbólica e real, que pressupõe assumir uma posição por quem deseja a criança. Portanto, função materna e função paterna pressupõem adultos que desejam a criança e que são possuidores de determinados atributos que os tornam capazes de cuidados físicos e psíquicos com a criança. O interlocutor Esdras (19) ao tentar definir o que é mãe, não consegue estabelecer uma diferença entre o cuidado materno e o cuidado paterno, apesar de reconhecer que socialmente são exercidos de modo diferente:

Ah, essa daí... não sei. Acho que é a mesma coisa que o pai, só que uma pessoa que se identifica no feminino. É a pessoa que está no devir da criança, ahh, não vejo muita diferença entre um pai e uma mãe. Quer dizer, no meu mundo ideal não tem diferença, na realidade sabemos que sim.

As condições psicológicas e emocionais dos pais, assim como as demandas e as etapas de desenvolvimento da criança, são variantes no exercício das funções materna e paterna – as atribuições e significações das funções materna e paterna são diferentes em cada etapa, iniciando-se com o desejo de ter um filho, passando por todo o período da gravidez, o momento do nascimento e as diversas etapas de desenvolvimento da criança.

Não se deve esquecer que para estudiosos como Freud, Klein e Winnicott o período de zero a cinco anos representa um dos mais importantes, no que se refere às funções materna e paterna, para a constituição do desenvolvimento do ser humano, fundamental na sobrevivência física e psíquica da criança.

O desejo pelo filho é aspecto significativo a se considerar sob a luz da psicanálise, principalmente em tempos atuais, em que um mundo globalizado acarreta traz constantes exigências pessoais, profissionais e sociais para o indivíduo que se tornar mãe/pai – até que ponto o desejo consciente ou não por um filho influencia a função materna e a função paterna. Winnicott (2000) ressalta a importância da harmonia do casal no desenvolvimento da criança, mesmo antes de seu nascimento, proporcionando um ambiente através do qual ela possa encontrar a si mesma, o mundo, e sua relação com o mundo – para ele a harmonia e a forma de convivência do casal são fatores influenciadores do desenvolvimento das funções materna e paterna.

Enfatizamos que o desejo de ter filhos pode ser de um casal como pode ser de uma única pessoa e isso não faz o desejo menos genuíno ou necessariamente prejudica o desenvolvimento da criança. Essa visão de que filhos são bem-vindos dentro da harmonia de um casal nega o desejo individual de alguém gerar um filho, nega a autenticidade do desejo do interlocutor Joaquim (39) de ter tido sua filha e conseguir cuidar dela, como se esse modelo familiar fosse menos eficiente do que esse modelo de família tradicional de Winnicott.

Sabe quando você, eu não sei se você vai entender. Ou eu morria frustrado porque nunca vou poder engravidar uma mana ou mesmo tinha o bebê, saca? Eu tinha uma disforia bizarra de que eu jamais poderia engravidar uma mulher, então eu era bem brisado pra caralho com isso, então ainda tinha aquela limitação física mesmo, tinha pouca informação cara, muito pouca informação. Então eu nunca tive problemas com homens, eu fui e furei umas camisinhas, levava no bolso e até que um dia deu certo e eu engravidei.

Para Lebovici (2004) a gravidez estimula o narcisismo primário dos pais – entenda-se por narcisismo primário o sentido de valorização, quando os pais sentem-se satisfeitos pela capacidade de gerar, o que os torna capazes e valorizados tanto psíquica quanto socialmente (sentimentos do homem que é varão e da mulher que é fértil) – o que os torna bons pais. Tais sentimentos reativam as lembranças da infância dos pais, eles também olhados e admirados por seus genitores – ao gerarem seus próprios filhos na vida adulta, os pais transmitem os sentimentos de terem sido olhados e amados. Assim, quando a criança é objeto de desejo de seus pais, tudo ficará bem para ela.

A partir da vivência que os pais tiveram com seus próprios genitores são fatores que determinam experiências de contato com as crianças como a capacidade de transmitir sentimentos através dos cuidados físicos diários, da percepção de seu desenvolvimento, do entendimento acerca de sua fala e de seu gestual. Da mesma forma, pais que não tiveram essas experiências em suas infâncias sentem-se incapazes de tais atitudes com seus filhos, chegando até mesmo a manifestarem receio de espelharem o tratamento recebido, seja através do desamor, da frieza, da rigidez ou da agressividade.

Para Lebovici (2004), devido aos avanços científicos, tornou-se relativamente fácil ter filhos. Entretanto, a questão da parentalidade está além do fator biológico e encontra-se relacionada à aceitação daquilo que herdamos de nossos pais, através

das experiências transgeracionais transmitidas, heranças psíquicas iniciadas durante a gravidez, com a criança que a mãe imagina que irá dar ao marido/companheiro – trata-se então do âmbito do imaginário, seja na escolha do nome, qual o sexo do bebê, como ele será, etc., ideias carregadas de expectativas e significados. E lembra ainda que nos tempos atuais a decisão acerca do número de filhos a se ter, cada vez mais reduzido, bem como quando tê-los, aumenta as exigências relacionadas a eles – maiores expectativas e idealizações.

Para Winnicott (1996) a criança nasce inicialmente de uma concepção mental dos pais: quando crianças, ao brincarem de serem pais e posteriormente na ideia do casal de procriarem.

Já as interações com o bebê começam antes do nascimento, quando a gestante fornece ao bebê um ambiente que lhe possibilite alcançar as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes a seu desenvolvimento. Há uma identificação tanto consciente como inconsciente da mãe com o bebê, necessária para a sobrevivência do mesmo e, assim, a função materna no início da vida da criança é estabelecer condições apropriadas para que ela possa se desenvolver - para Winnicott (2000) o ambiente é relevante para o desenvolvimento e a estruturação da personalidade do indivíduo, possibilitando as condições para que o verdadeiro “self” do indivíduo se desenvolva. Trata-se do desenvolvimento de um eu genuíno, respeitando as características próprias do sujeito, resultado de uma relação com a mãe que aceita e reconhece os gestos espontâneos da criança e, em caso contrário, há uma falha na função materna quando a mãe não dá sustentação à criança para adquirir experiências. Portanto, os pais são os responsáveis por preparar e monitorar o ambiente que cerca a criança, ambiente esse que deve ser o menos intrusivo possível, de forma a protegê-la de estímulos externos e mantê-la acolhida.

Dessa forma, no início da vida a função materna deve suprir tanto as necessidades fisiológicas da criança quanto as psicológicas, ou seja, necessidades essenciais para a sobrevivência física e psíquica como alimentação, calor, higiene, afeto, calor humano, etc.

Winnicott (2000) denomina de estado de “preocupação materna primária”, a fase de final de gravidez em que a mãe deve estar mais ligada ao bebê, como se ele e seu corpo fossem o centro de tudo e é através desse estado que a mãe passa a se sentir mais atenta ao contato com o bebê, desenvolvendo sua capacidade intuitiva. Da mesma forma, durante a gestação o bebê aprende muito sobre sua mãe, suas ansiedades, seu estilo e, por isso, a mãe também necessita de um ambiente facilitador para que possa estabelecer intenso contato com seu bebê.

É para proporcionar esse ambiente facilitador para a gestante que Winnicott estabelece o dever da função paterna: o pai como aquele que possibilita à mãe tornar-se dedicada a seu bebê, capaz de esperar por sua atenção a fim de permitir certa simbiose entre mãe e filho. A maneira como cada casal lida com os aspectos da vida em comum (vida social, sexual, profissional, etc.) é fator importante para estabelecer a função materna e a função paterna.

Como vivenciar a função materna depende de cada indivíduo, suas características, seu desenvolvimento psíquico e emocional, o contexto ambiental e até mesmo de cada criança – nenhum filho é igual a outro.

Um ambiente suficientemente bom no início da vida do ser humano, é proporcionado pela mãe em seu estado de profunda identificação com o bebê., identificação que se dá de forma consciente em alguns aspectos (colocar-se atenta para as necessidades da criança ao saber que o bebê pequeno demanda atenção) e inconsciente, em outros, como a busca de ambientes mais calmos, certa regressão e sensibilidade aguçada na mulher – para Winnicott (2000) deve haver o aspecto da identificação por parte da mãe e da dependência por parte da criança (em sua fase inicial).

Nesse momento a figura do pai tem importante papel para oferecer as condições necessárias para que a mulher possa se tornar mãe – o pai tem como função favorecer que este estado mental de preocupação materna primária possa ocorrer, uma espécie de “agente protetor”, permitindo que a mãe possa voltar-se para o seu bebê.

Até que ponto nos dias atuais, em que tanto pai como mãe exercem atividades desgastantes, onde muitas vezes o trabalho feminino é essencial para a

manutenção da família, onde as constantes cobranças físicas, sociais e profissionais levam tensão ao casal, ou como é cada vez mais comum, a figura paterna está distante ou inexistente na vida familiar, esse estado de preocupação materna primária é possível? Segundo DOR (1991), as funções materna e paterna podem ser exercidas, enquanto funções simbólicas, não apenas pelo pai ou mãe genitores, mas por quem as assume afetivamente e de forma efetiva - em psicanálise, a função do pai não se trata do agente de paternidade comum, mas do operador simbólico, alguém que exerça a função paterna. Neste sentido, cabe a definição de um dos participantes do que é ser pai, a medida que ele não generificou essa função:

Hm... cara, pai para mim não tem nenhuma relação com o sangue, com o biológico. Pai para mim é algo totalmente descolado dessa realidade física, essa realidade biológica; (ESDRAS,19)

para mim um pai é a pessoa que cuida e que auxilia a criança no crescimento enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto gente, né, que é o que dá a base para o bebê virar uma pessoa adulta, não só uma pessoa adulta, uma pessoa na definição da sociedade de pessoa, porque o bebê está ali para aprender a ser pessoa, e aí esse devir da pessoa... o pai é auxiliar no devir. É... Pai é auxiliar no devir, acho que essa é a melhor classificação (ESDRAS,19)

E como se apresenta a questão da paternidade nos novos moldes de reprodução assistida, família homoparentais e monoparentais? Para o autor, nesses casos as vivências dessas funções terão suas peculiaridades, sendo ou não substituídas por outro adulto que as desempenhe – cabe destacar que a ausência de alguém nessas funções trará consequências à formação psíquica da criança.

Segundo Winnicott (1996) se faz necessário um período de adaptação mãe/bebê para que se reconheçam: no início o bebê não tem desejos, mas necessidades corporais que devem ser supridas, por alguém que se identifique com ela a ponto de saber reconhecer o que efetivamente precisa. Assim, a falta ou a inadequação de alguém que supra essas necessidades gera distorção no seu desenvolvimento, pois, ao nascer, a criança encontra-se em estado de desamparo e o amparo materno é necessário para a constituição do ser humano. Esse desamparo inicial deverá ser suprido por outro adulto que possa identificar, nomear e interpretar os significados das necessidades da criança, como exemplificado pelo seguinte trecho:

Nos primeiros dias, nos quinze primeiros dias com a M. na casa da minha mãe era muito básico, era muito cansaço, ela mamava várias vezes no dia,

você sente seu corpo definhando, né, é muito louco isso. Ela acordava cedo, amamentava, andava com ela no sol, ela nasceu com icterícia que seria um amarelão e aí eu passeava com ela nos primeiros raios de sol, voltava pra casa, amamentava, saca? (JOAQUIM, 39)

Assim, exercer a função materna encontra-se na base da nomeação e da significação das necessidades da criança, como parte inicial do processo de desenvolvimento da função simbólica (DOLTO, 1996) – para Dolto a linguagem da mãe para a criança denomina-se “sentimento materno”. Desde a gestação a criança tem percepções sonoras do ambiente que a cerca (os sons emitidos pela família são reconhecidos ao nascer), embora sem compreensão e distinção de suas percepções. E, ao nascer, os adultos que a cercam passam a nomear gestos e expressões da criança, demonstrando satisfação por um sorriso, alegria por um ‘biquinho’, estabelecendo-se assim o início da linguagem e da simbolização – para Dolto, na psicanálise a função simbólica é percebida como a função fundadora do ser humano.

Para Dor (1991) pais reais desempenham melhor a função paterna caso tomem parte da “linguagem do desejo” de mãe/filho - é importante considerar a função paterna sedimentada na aceitação e acolhimento da mãe que reconhece o pai/companheiro como objeto de seu desejo e na criança que reconhece o desejo da mãe pelo pai e que não é seu único objeto de desejo (conflito edipiano).

Desde a fase inicial da relação mãe/bebê é importante que a mãe tenha elaborado questões ligadas ao conflito edipiano, de forma que possa paulatinamente introduzir a figura paterna, pois o processo de separação mental entre mãe e bebê deve existir desde o início – embora a criança perceba a fusão temporária com sua mãe, isso não significa que mãe/bebê representam um único ser e faz parte da função materna não perder a capacidade de discriminação entre a sua personalidade e a da criança.

Portanto, ser mãe, ser pai implica em um processo, em que transformações físicas e psíquicas ocorrem nos indivíduos – as transformações físicas (hormonais e fisiológicas) preparam o corpo da mulher para se tornar mãe, a fim de suprir as necessidades do ser em formação, ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças psíquicas profundas que passam desde a identificação com o bebê até um estado de maior sensibilidade, preparando-a para ser mãe. Já o pai, por sua vez, também

sofre importantes mudanças, sendo que alguns chegam a se identificar com as gestantes a ponto de somatizar seus sintomas e desejos. Salientamos aqui que esse tipo de ideia é embasado em uma perspectiva cis, em que mãe e mulher são sinônimos, bem como pai e homem.

Esse processo de se tornarem pais leva os indivíduos a se depararem com transformações, colaborando para a evolução de suas personalidades e ocorre devido a alguns fatores.

- Identificação: ao se tornar pai ou mãe o ser humano tende a agir segundo o modelo dos próprios pais, recorrendo aos modelos com os quais se identificaram. Essas identificações ocorrem ao longo da vida da criança, que assimila de forma consciente os modelos percebidos e admirados em nível de suas identificações sexuais e padrões culturalmente aceitos. Por outro lado, inconscientemente podem se identificar com aspectos mais femininos ou mais masculinos dos pais.

Para Dolto (1996) os sentimentos da mãe para com seu filho são a linguagem que dá sentido a todos o gestual e à fala que ela dirige a ele. Trata-se de uma linguagem pré-verbal, produto da educação que a menina recebeu na infância e resultado da relação com o pai da criança e com o meio em que vive. Assim, o sentimento materno é inconscientemente ensinado para a menina, através do contato com as mulheres de sua ascendência materna e paterna e das identificações (ou não) com as demais mulheres de sua família, com suas cuidadoras e com as professoras.

- Resolução do conflito edipiano: ainda de acordo com Dolto (1996) é pela elaboração da castração que a menina é levada a valorizar os mamilos e o clitóris como locais narcisicamente sensuais, iniciando-se a partir de então a identificação com o corpo feminino. A compensação da castração pode ser encontrada no comportamento com as bonecas e as crianças menores que a menina gosta de cuidar, proteger e manipular - essas compensações são valorizadas pelo grupo adulto que também a valoriza como futura mãe.

O processo de se tornar mãe, oriundo do sentimento materno, é transmitido como uma herança transgeracional, fazendo parte do processo de amadurecimento das meninas. Entretanto, nos dias atuais, outros aspectos além da maternidade são

considerados em relação à mulher, tais como sua capacidade profissional, seus talentos artísticos, sua capacidade de relacionar-se com os demais.

No menino tornar-se pai está ligado a um ideal de ego, resultado da elaboração do conflito edipiano: o menino abre mão do pai e da mãe para no futuro se tornar pai, tomando como ideal de ego o modelo do pai.

- Experiência de parentalidade: outro fator importante refere-se à experiência emocional resultante do contato com os pais, quando aspectos apreciados e pensados a partir de experiências agradáveis são tomados como modelo a ser seguido e, de maneira inversa, experiências desagradáveis devem ser modificadas ou evitadas. Lembranças de cuidados parentais, regras, deveres e obrigações servirão de parâmetro para os indivíduos que irão se tornar pais. Assim, pais excessivamente severos e exigentes transmitem a seus filhos superegos semelhantes, da mesma forma que pais amorosos e mais tolerantes possibilitarão filhos com uma parentalidade mais saudável.

Portanto, a maneira como os futuros pais vivenciaram a parentalidade, ou seja, a experiência emocional marcante de cada indivíduo na infância irá demarcar a função materna e a função paterna. Joaquim (39) teve pais que exerceram funções tradicionais de cuidado associada ao gênero e, de certa forma, apesar de se considerar tão cuidador quanto, concorda com a filha quando atribui a maternidade à sua ex companheira:

Cara, é foda bicho, é foda, elas se encaixam naquele perfil de mães da geração dela, ela foi criada para ser mãe, dona de casa, dessas do padrão social igual, dessas que tem ciúmes da nora, do genro, que vai ser a galinha que cuida dos ovos, viveu uma vida para a família, igual ao tipo de mãe que a minha ex companheira é e eu não tive participação nenhuma nesse lance da M. e ela.

- Desejo pelo filho: o desejo pelo filho perpassa a criança real com seus aspectos de criança imaginada, idealizada e mítica. Embora seja objeto de desejo dos pais, a criança também é causa de desequilíbrio para o ego dos pais, pois além de mobilizar aspectos da infância dos pais, o nascimento do filho acarreta mudanças na vida sexual do casal.

A passagem de dois (casal) para três (ou mais) traz dificuldades para o casal, muitas vezes acarretando abandono ou mudança de projetos, aparentando que o

novo membro do grupo familiar é uma ameaça ao que se tinha antes. Pais mais amadurecidos, menos presos ao seu espaço ou ao espaço do casal, podem enfrentar com mais facilidade as transformações de se tornar pais. Mais uma vez, isso é referência de um molde tradicional de família que implica em casal parental e filhos.

5.2 Édipo em Lacan

Ao falar do complexo de Édipo, Lacan introduz a figura do pai, situando a carência paterna como a mais traumática. Trata-se de um conflito triangular no sujeito: a mãe é o primeiro objeto, seja como o alimento a absorver ou o seio onde se pode reabsorver o desejo humano – Lacan relaciona o complexo de Édipo ao desenvolvimento sexual.

Em *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*, como já mencionamos no primeiro capítulo, Lacan aborda a família inserida na ordem da cultura, constituída pelo que ele denomina social. É no grupo familiar que ocorrerá a transmissão cultural, a primeira educação, a repressão pulsional e a aquisição da língua materna.

Em seu texto, Lacan destaca que os laços familiares são constituídos pelas leis de interdição da cultura e não pelos laços biológicos de reprodução. Assim, ao definir família, chama a atenção para os modos de organização da autoridade familiar, as leis de transmissão a serviço da filiação, os conceitos de descendência e parentesco, as leis de herança e sucessão. Os laços entre a mãe e a criança são desconectados dos laços de alimentação dos mamíferos, estabelecendo-se na estrutura simbólica e não na satisfação da necessidade de alimentação. E é na interrupção dessa satisfação da necessidade alimentar que se estabelece o laço mãe-filho, subordinado à noção de imago. Nesse momento, a mãe não é abordada como pessoa ou como objeto, mas como um elemento da estrutura simbólica - para Lacan a mãe representa a perda da possibilidade de satisfação.

Assim, o complexo de desmame vai fixar no psiquismo a relação de nutrição, de modo diferenciado ao animal: o desmame é regulado pela cultura e vai deixar no psiquismo humano um traço permanente da relação interrompida – o desmame será sempre traumático para o humano.

Lacan se refere à nostalgia do seio nutridor, como um equívoco de certa concepção de psicanálise e assinala que essa nostalgia não é possível, a não ser através do seu remanejamento no complexo de Édipo - o complexo de desmame remonta a uma separação anterior.

A maternidade é associada à imago do seio materno e a mãe aparece como presença-ausência, como perda, separação – essa perda vai ocorrer tanto no nível do eu, como no nível do objeto. Para Lacan, no mal-estar do desmame humano está a fonte do desejo de morte e, por outro lado, se essa perda não se coloca a mãe vai adquirir um caráter mortífero – em suas primeiras teorias sobre a mãe, Lacan associa a ideia de uma satisfação originária instintual e a pulsão de morte.

Esse desmame dá a expressão psíquica à imago mais obscura de um desmame mais antigo, penoso e de maior amplitude vital: aquele que, no nascimento, separa a criança da matriz, separação prematura da qual provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar.

Lacan em seu *Seminário, Livro 18* afirma:

O matriarcado consiste essencialmente nisto: é que, no que concerne à mãe como produção, não há dúvida. De vez em quando a gente pode perder a mãe no metrô, é claro, mas enfim, não há dúvida sobre quem é a mãe. Não há dúvida, igualmente, sobre quem é a mãe da mãe. E assim sucessivamente. A mãe, em sua linhagem, eu diria, é inumerável (LACAN, 1971/2009).

Ao salientar que mãe não é suficientemente definida pelo caráter biológico nem por ser quem insere a criança na linguagem, quem seria a mãe? Em algumas teorizações psicanalíticas, a maternidade é colocada como uma saída para a feminilidade, em que ser mãe é uma resposta a ser mulher.

O falo está ligado à relação da mãe com o filho: “Se a mulher encontra na criança uma satisfação, é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que a satura”

(LACAN, 1957-58/1999). Assim, a falta feminina pode ser “resolvida” pela criança, visto que ser mãe depende da falta deste objeto essencial para a mulher que é o falo.

Atribui-se ao falo um significado enigmático do desejo de mãe. De acordo com Lacan, sendo a mãe e o pai dois significantes, o significante do desejo da mãe é substituído pelo Nome-do-Pai. Em seu “*Seminário XX*”, o autor ressalta que a função fálica não responde ao enigma do que é ser mulher (LACAN, 1972-73/2008): a questão da diferença entre os sexos é abordada do ponto de vista de uma realidade discursiva. A inscrição do ser falante ao lado da função fálica acontecerá na posição masculina, enquanto que os falantes que não estão inseridos de todo na função fálica estarão inscritos na posição feminina.

Todos os falantes estão agrupados pelo universal da castração. O sujeito feminino pode ser inscrito do lado masculino da tábua de sexuação pela maternidade, pois o coloca como fálico – a mulher, em sua qualidade de falante, inscreve-se no registro da castração, inscrição que só é possibilitada para uma mulher enquanto mãe, já que não há um significante que a represente (BROUSSE, 1993).

Portanto, na relação sexual o homem está ligado ao gozo fálico e a mulher entra como mãe: “a mulher não será jamais tomada senão quoad matrem. A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe” (LACAN, 1972-73/2008). Esta discussão também é abordada em seu texto “Televisão” (1974/1993), em que, devido à incidência edipiana, a mulher é vista pelo homem somente enquanto mãe, uma vez que no registro da castração sua possibilidade de inscrição é somente esta.

Já a imago do pai é responsável pela transmissão do ideal do eu entre as gerações (o que importa é a transmissão simbólica). O aparecimento da mãe para o sujeito, como presença-ausência, vai manifestar para Lacan, a determinação recebida da ordem simbólica para o animal humano. Em “*Seminário, Livro 4*”, Lacan considera que o centro da relação entre a mãe e o filho é a frustração, que ele diferencia da castração e da privação: há a frustração imaginária de um objeto real, o seio materno e a mãe simbólica é o agente dessa frustração. Posteriormente, esse objeto que era real, passa a ser simbólico, um objeto de amor, índice do amor

materno e a operação de frustração passa a ser de privação, falta de um objeto, mesmo sem que tal objeto nunca tivesse estado lá.

Se a operação modificou-se, da frustração para a privação, também se deu uma mudança de agente: a mãe simbólica passou a ser mãe real e a solução para os efeitos dessa mudança é a figura do pai.

Lacan distingue três tipos de pai: simbólico, imaginário e real: o pai simbólico é uma construção situada mais além, é o significante do qual não se pode falar; o pai imaginário é aquele com que se lida o tempo todo, a quem se refere a identificação e a idealização; o pai real é o agente da castração do falo imaginário, não é um rival, mas um limite para a rivalidade. O pai real será agente, porque remete o filho à presença do significante do falo e essa significação fálica faz com que ele se refira ao falo simbólico, por supor que é o pai quem realmente o priva dele.

Lacan interpreta o pai como uma metáfora e nesse aspecto trabalha com o Complexo de Édipo e com o Complexo da Castração: o Édipo é o lugar da filiação, da sexuação, pois a sexuação só poderá ocorrer a partir de certa posição na genealogia familiar. Em *“A Significação do Falo”* (1958/1998) está colocado que o complexo de castração tem a função de nó, pois permite a instalação de uma posição inconsciente do sujeito, o que implica na estruturação dinâmica dos sintomas, na instalação de uma posição inconsciente (sem a qual o indivíduo não poderá se identificar com o tipo ideal do seu sexo ou responder às necessidades do parceiro na relação sexual) e, na relação com um parceiro, trata-se de uma posição necessária para atender às necessidades da criança.

A articulação da função paterna enquanto função simbólica não depende de nenhuma característica específica do pai: não é porque ele é amável ou violento, fraco ou castrador, que sua função está garantida ou irá falhar. Ela depende, fundamentalmente, do lugar da lei na singularidade do vínculo de cada mãe com cada criança e do fato de que nesse vínculo o pai é, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei, colocando-se acima desta. Sua posição é metafórica, na medida em que a mãe o coloca como aquele que, pó sua presença, sanciona a existência como tal do lugar da lei.

Não há como afirmar que um pai possa assegurar sua função por ser severo ou amável, castrador ou permissivo, pois não há como determinar a priori o que seria a posição paterna na singularidade da estrutura edipiana. O importante é o aspecto universal da função paterna enquanto função simbólica, ao mesmo tempo em que há necessidade de situar a singularidade de sua posição em cada caso particular – de que forma o pai opera ou de que forma ele pode ser considerado carente para determinado indivíduo, pois o que orienta sua função não é o personagem que a encarna, mas o desejo que lhe dá lugar.

Um resultante do processo edipiano é a identificação do indivíduo como sendo de um ou outro sexo, identificado a um sexo e responder ao parceiro de outro sexo e colocar-se como pai ou mãe, ao atender as necessidades da criança.

Assim, Lacan introduziu mais um elemento na estrutura edipiana (além dos três reconhecidos, pai, mãe e filho/a): o falo, significante da diferença e elemento simbólico que irá preencher o vazio que marca a incompletude do homem - trata-se do objeto que a criança entende como sendo capaz de satisfazer o desejo materno, cujo trânsito no complexo edipiano organizará a subjetividade. De acordo com a teoria infantil, na fase de desenvolvimento da libido, todos os seres são portadores de um pênis e, como articulador do Édipo, Lacan propõe que o falo é vivenciado em três tempos lógicos.

No primeiro tempo, a criança se identifica com o que é objeto de desejo da mãe, ou seja, a criança supõe ser o objeto de desejo da mãe susceptível de preencher a falta do outro, o falo. Entretanto, na mãe existe o desejo de algo mais do que a satisfação do desejo da criança e por trás dela se alinha toda essa ordem simbólica, o falo. Sendo assim, a criança está sujeita ao desejo da mãe e a questão que se coloca para ela é ser ou não ser o falo.

No segundo tempo, o pai entra em cena como o privador da mãe: priva o menino do objeto do seu desejo e priva a mãe como objeto fálico. A mãe, ao reconhecer a lei do pai, conduz a criança a um deslocamento do objeto fálico: o pai é suposto ter ou não ter. Desta forma, o pai é levado à dignidade de pai simbólico.

No terceiro tempo, o pai intervém como aquele que tem o falo (não como aquele que é tal), reintroduzindo o falo como objeto desejado da mãe e não como

objeto de que pode privá-lo enquanto pai onipotente - a criança percebe que há algo que a mãe deseja no pai (o falo), então não se trata de ser privador, sendo a partir daí que o pai aparece para a criança como alguém a se espelhar, como o ideal do eu, pela via da identificação. Nesta fase, o pai aparece como permissivo e doador.

A menina se subtrai da função de objeto de desejo da mãe e depara-se com a dialética do ter sob a forma do não ter, encontrando a identificação possível na mãe. Assim, a reposição do falo no seu devido lugar é estruturante para ambos os sexos e o pai, como possuidor do falo, tem preferência junto à mãe, atestando a passagem do registro do ser ao ter, prova do funcionamento da metáfora paterna.

Trata-se de relações de objeto, em que sendo a mãe o objeto primordial por excelência (por sua ausência/presença) possibilitará à criança a rivalidade com o terceiro termo e a constituição do ideal do eu, que se instaura na relação com o pai e implica o falo, o pivô da estrutura significante. Na relação com esse Outro materno, a criança assume a posição simétrica à do pai, rivalizando com ele e situando-se no lado oposto, onde irá encontrar o seu lugar, constituindo-se sob a forma de ideal do eu. Assim, na metáfora paterna, o pai intervém como representante do simbólico e a mãe intervém como proibida, caracterizada por sua ausência. É, para Lacan, o período em que a sexualidade humana está sob a égide do falo.

A metáfora paterna é o processo de substituição significante, em que um novo sentido se constitui. Essa é a mola mestra do conceito de metáfora paterna: o pai é um significante e substitui outro significante. Esse processo de substituição implica a substituição do pai da realidade por um nome, o Nome-do-Pai. A mãe, na metáfora, é reduzida ao desejo, que significa sua função de falta e de perda. Depois desta operação de perda, dá-se a inscrição do significante e a produção de uma nova significação, em que a função do pai no complexo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, ou seja, o significante materno - a mãe, nessa estrutura da metáfora, é a presença/ausência e, para Lacan, o significado desse binômio dessa ida/vinda é o falo.

Com a metáfora paterna a ausência desaparece como ausência e torna-se proibição - a proibição da mãe é uma criação simbólica, uma interpretação primária

do desejo da mãe e, assim, a relação primordial da criança não é mais com a mãe, mas com a sua ausência.

No primeiro tempo, a tríade ocorre entre mãe, filho e falo imaginário. A presença do pai está velada, encontra-se na cultura e na sociedade, mas não intervém efetivamente e a criança encontra-se diante da demanda do desejo da mãe, sem mediação. No segundo tempo, o pai intervém como privador da mãe e aparece mediado pelo discurso da mãe – a posição paterna introduzida como lei, o pai como privador da mãe, intervindo com uma mensagem voltada para a criança (“não te deitarás com tua mãe”) e para a mãe (“não reintegrarás teu produto”).

Lacan destaca que a privação a que se refere é a privação da mãe. O pai do segundo tempo é o pai que interdita a mãe, representante da proibição da relação entre a mãe e a criança. Ao interditar a mãe, o pai se remete à lei originária de proibição do incesto. Enfatiza, ainda, que a ameaça de castração é imaginária, pois o que o pai proíbe é a mãe, frustrando o filho da posse da mãe ao instituir que, como objeto, ela é dele e não da criança. Na frustração, por seu turno, o pai intervém como detentor de um direito sobre a mãe, enquanto elemento simbólico que frustra a criança do objeto real, que é a mãe. O personagem paterno se faz preferir em lugar da mãe, podendo se constituir como modelo de identificação para a criança.

Dessa forma, a mãe é privada do engodo imaginário em que a criança é levada a saciar o apetite materno pelo falo, o desejo feminino por excelência, em que, segundo a concepção freudiana, o falo assume função decisiva para as mulheres. Portanto, essa privação tem relação com o corte estabelecido na relação de engodo em que a mãe e a criança podem se instalar, na qual o apetite da mãe pelo falo e a imagem fálica da criança sobre si mesma podem estar sobrepostas.

Assim, a mãe é interdita de reintegrar o seu produto, o que faz funcionar a lei de proibição do incesto: a criança é separada da identificação com o falo, objeto do desejo da mãe que é deslocada da condição de Outro absoluto para o lugar de Outro barrado, remetendo à ideia freudiana de castração materna. Portanto, o pai privador pode ser entendido como a versão dada pela criança ao reconhecimento de que o que falta à mãe é o falo e de que é desejado - nesse momento a relação da

criança é com a palavra, com o discurso e com a presença do pai, enquanto mediados pela mãe.

Entretanto, para Lacan, mesmo constituindo o cerne do Complexo de Édipo, essa fase é transitória, pois a criança ao deixar de ser o objeto metonímico da mãe poderá atingir o terceiro tempo quando a relação se dará com o pai. Portanto, se no segundo tempo o pai aparecia como privador, no terceiro ele irá surgir como o pai potente, aquele que pode dar o falo, pois ocupa a posição de portador da lei – aquilo que foi prometido pelo pai, a promessa fálica, deve ser mantido para que a criança assuma a sua posição sexuada. O pai é potente e surge como aquele que tem, o que irá corresponder à saída do Complexo de Édipo. Nesse tempo, ocorrerá a identificação com o pai como o detentor do falo e como suporte das identificações da criança, ou seja, o ideal do eu.

No terceiro tempo, o pai funciona como suporte das identificações do Ideal do eu, o que permite a assunção do sexo, pois, para Lacan, a trajetória edipiana vai ter efeitos na admissão da virilidade ou da feminilidade. Dessa forma, ao abordar a problemática da diferença sexual, Lacan coloca que, a partir da falta do falo, ocorre um reordenamento que origina o posicionamento sexual - o falo é o significante ao qual o sujeito se identifica, mas essa identificação será problemática, pois como um único significante pode ser responsável pela diferença sexual. Assim, o falo não dará conta da castração, como ordenadora das posições sexuais, pois há um primeiro tempo em que a identificação ao significante fálico é a condição da dialética da castração. E, em um segundo tempo, a identificação fálica toma a dimensão da falta - a intervenção paterna desaloja tanto o menino quanto a menina da relação originária com a mãe, através da proibição do gozo, uma vez que o pai, como portador do falo, proíbe o filho (a) de ser o falo absoluto da mãe. Então, surge a relação com o ideal paterno, por meio do qual são conquistadas as posições sexuais: para o menino, ter o falo ao renunciar a ser o falo que falta à mãe e para a menina, na falta do falo, a saída será pela mascarada feminina, consistindo em uma estratégia para ser o falo.

A partir do funcionamento da metáfora paterna, é produzida a diferença sexual. Lacan faz a diferenciação entre o menino e a menina, a partir do significante fálico – não se trata do órgão real, o pênis, mas de uma dupla substituição: a do

desejo da mãe pelo Nome-do-Pai e a do órgão pelo significante. Como o sexo no falante é organizado pela linguagem e não apenas pela realidade anatômica, o sexo para o humano se dará no império do parecer. Portanto, parecer mulher por não ter o órgão, mascarando o que não tem, enquanto a sexualidade masculina orienta-se pelo ter – a orientação masculina é a de ter o falo e a feminina a de ser o falo. Para ambos os sexos, a sexualidade é fálica.

No Complexo de Édipo, inicialmente a menina surge em sua relação com a mãe e o fracasso dessa relação desvenda a relação com o pai, o que depois será normatizado pela equivalência entre o pênis, que ela jamais possuirá, e o filho que ela de fato poderá ter.

Em “O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise”, Lacan (1969-70/1992) concebe um mais-além do pai, buscando situá-lo em seu lugar, demonstrando uma disjunção entre Édipo e castração e outra sexuação fora dele, pois se o Édipo explica a sexuação no menino, por outro lado não explica a sexuação na menina - Lacan entende que se pode prescindir do pai edipiano, com a condição de se servir dele. Assim, estabelece uma distinção entre o Édipo e a castração: não é o pai ou outro significante o responsável por introduzir a castração, que é efeito da linguagem, pois é o significante-mestre que induz e determina a castração - todos os significantes se equivalem, cada um é capaz de vir em posição de significante-mestre, por sua função de representar um sujeito para outro significante.

A castração é efeito do significante e não do real. O pai imaginário é o agente da privação e o pai real, o agente da castração, em que a função de agente não é a função de autor, pois não é o pai que determina a castração, mas ele opera como um agente intermediário – ainda que seja efeito da linguagem, a castração será recebida, mediada e transmitida pelo pai do indivíduo. E o pai, ele mesmo submetido à castração, é o agente, porque transmite a castração, pois é da castração que irá ocorrer a sucessão entre pai e filho.

O pai transmissor da castração não é o pai morto, é um pai desejante, que transmite o desejo e permite ao filho aceder a seu próprio desejo. Lacan acrescenta que essa castração não é um fantasma, mas uma operação real, sem a qual a causa do desejo não existe: “A castração é a operação real introduzida pela

incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo. E é óbvio que ela determina o pai como esse real impossível que dissemos” (LACAN, 1969-70/1992).

Assim, ao separar a castração da função do pai, Lacan faz a operação castração depender da linguagem e demonstra a importância da castração do pai, demarcando o objeto não enquanto proibido, mas enquanto objeto perdido. No mais-além do Édipo, Lacan reduz o pai a um operador de estrutura, um significante.

Para Lacan não há prevalência de uma das três estruturas do Complexo de Édipo sobre as demais e, em “O Seminário: RSI, na lição de 21 de janeiro de 1975”, aborda o pai enquanto uma exceção: é preciso que qualquer um possa ser exceção para que esta se torne um modelo, porém o inverso não é verdadeiro – a exceção não deve ser feita com qualquer um para que se possa constituir em modelo. Em outras palavras, ser pai é encontrar-se na posição de exceção, qualquer um pode ser um pai, mas esse qualquer um não deve ser excepcional.

O pai, definido a partir da causa do seu desejo, é retirado da condição de personagem idealizado e é reconhecido no registro do amor. O pai será confrontado não à mãe já interditada, mas ao gozo de uma mulher, ao fazer de uma mulher a sua causa, que possa suportar o encontro amoroso com o outro sexo. Para que se cumpra a função do pai, é necessário que alguém encarne esta função, alguém que inspire em uma mulher o desejo de ter filhos.

5.3 Performatividade parental

Os estudos do parentesco correspondem a um campo privilegiado para o desenvolvimento da reflexão sobre a relação entre linguagem e cultura, como assinala Lévi-Strauss. Se o gênero é uma norma, não podemos deixar de lembrar o que há de frágil na sua incorporação pelas subjetividades, mesmo em relação ao parentesco, uma vez que se trata de relações que são reinstituídas através da prática de sua repetição - a possibilidade de deslocamento, inerente à repetição do binarismo masculino-feminino, permanece.

Butler (2004b), utilizando-se da perspectiva lacaniana sobre o complexo de Édipo, demonstra que a proibição do incesto só obtém sentido desde que inserida em uma relação de parentesco em que são definidas posições dentro da família. Assim, a mãe é denominada como aquela que não deve ter relações sexuais com o filho ou a filha e que deve ter relações sexuais apenas com o pai.

Butler aprofunda a discussão das regras de parentesco, cujo ponto central é o incesto - para Lévi-Strauss o incesto existe na constituição da cultura, não sendo exclusivamente social ou biológico. Segundo uma contribuição lacaniana, há uma diferenciação entre as normas consideradas simbólicas e as consideradas sociais.

Meu ponto de vista é que a distinção entre lei simbólica e social, enfim, não se sustenta, que o simbólico não apenas é, ele próprio, a sedimentação das práticas sociais, como as alterações radicais no parentesco exigem uma rearticulação dos pressupostos estruturalistas da psicanálise e, portanto, da teoria contemporânea de gênero e sexualidade (BUTLER, 2014).

Em *O Clamor de Antígona*, Butler indaga-se a respeito da possibilidade de separação entre família e parentesco se a psicanálise tivesse como mito fundador Antígona e não Édipo. Assim, retomando a tragédia grega de Sófocles, a filósofa aborda as relações entre Estado, gênero e parentesco. Ao discutir o enfrentamento de Antígona ao Estado, depara-se com uma representação de parentesco e de organização social que acontece através da linguagem e da posição que o sujeito ocupa no uso dessa linguagem para poder se expressar - quando Antígona confronta as ordens de seu tio, assume um aspecto de masculinidade que dá a ela um caráter de “aberração fatal do parentesco” (BUTLER, 2014).

Atendo-se à política, traça um paralelo entre as formas de parentesco sugeridas por Hegel e Lacan: para Hegel Antígona seria representante não só das leis de parentesco (ao desafiar o Estado para enterrar seu irmão ela teria exercido essa lei), como também do domínio feminino na família; para Lacan, Antígona localiza-se no limiar do simbólico, enfatizando que as relações de parentesco são instituídas dentro do domínio linguístico.

A minha leitura de Antígona, em resumo, buscará colocar essas distinções em crise produtiva. Antígona não representa nem o parentesco, nem o que lhe é radicalmente externo, mas torna-se a ocasião para leitura de uma noção estruturalmente constrangida de parentesco no que diz respeito à sua iteratividade social, à temporalidade aberrante da norma (BUTLER, 2014).

A crítica de Butler à teoria psicanalítica é a de pensar o dimorfismo sexual estabelecido nos termos de Édipo e do simbólico, comprometidos com discursos em defesa da heteronormatividade. Assim, ela aposta na performatividade do gênero para pensar em uma flexibilidade de posições sobre os papéis sexuais, seja sob uma perspectiva social ou psíquica.

Butler propõe uma complexa reflexão acerca do incesto, modelo de constituição de famílias e consentimentos do Estado. A releitura de Antígona conduzida pela teoria psicanalítica pode questionar a ideia de que o tabu do incesto legitima e normaliza o parentesco com base na reprodução biológica e na heterossexualização da família. Ainda que a psicanálise persista no fato de que a normalização é invariavelmente interrompida e frustrada por aquilo que não pode ser ordenado por normas reguladoras, ela raramente abordou a questão de como novas formas de parentesco podem surgir e, de fato, surgem em função do tabu do incesto.

E quando há dois homens ou duas mulheres que criam os filhos, devemos entender que alguma divisão principal dos papéis de gênero é, entretanto, ajustada pelo lugar psíquico pré-social da Mãe e do Pai em que eles entram? Faz sentido, nessas ocasiões, insistir que há posições simbólicas da Mãe e Pai que qualquer psique deve aceitar, independentemente da forma social assumida pelo parentesco? Ou seria essa uma maneira de reafirmar uma organização heterossexual do papel dos pais no campo psíquico, capaz de acomodada todas as formas de variação de gênero no campo social? É bem possível argumentar, em uma perspectiva lacaniana, que o lugar simbólico da mãe pode ser multiplamente ocupado, que este nunca é identificado ou identificável com um indivíduo e que é isso que o distingue enquanto simbólico. Mas por que o lugar do simbólico é singular e seus habitantes são múltiplos? Ou então, considere o gesto liberal que defende que o lugar do pai e o lugar da mãe são necessários, mas que, veja só, qualquer um, de qualquer gênero, pode preenchê-los. A estrutura é puramente formal, dizem seus defensores, mas note como seu próprio formalismo protege a estrutura contra a objeção crítica. (BUTLER, 2014, p. 100).

Segundo Porchat (2014), Butler vai ao encontro da psicanálise lacaniana em relação a não estabilidade no gênero - o sujeito não se conforma a uma identidade fixa. O "sexual" na psicanálise não poderia ser explicado apenas pela identidade de gênero, porém, a teoria é menos extremista por aceitar a divisão binária entre "homem" e "mulher" para caracterizar os seres humanos. A partir disso, Porchat traz duas exemplificações a partir dos textos de Lacan "*A significação do falo*" e "*O Seminário, Livro XX, Mais, Ainda*", em que o primeiro trata da relação entre os sexos

a partir da questão ter ou ser o falo e o segundo referencia um lado homem e um lado mulher na tábua de sexuação.

Como já apresentamos, no aspecto psicanalítico, faz-se necessária a presença de um "terceiro" para o rompimento psíquico entre mãe e filho, uma das pertinências da "função paterna". Porém, em se tratando de famílias homoparentais, confunde-se o que é a função psíquica exercida pelo "terceiro" e sua definição como "paterna". Nos casais homossexuais em geral, a função de "terceiro" pode ser cumprida pelo companheiro/a do pai/mãe. Sendo ele/ela o "objeto de desejo" do pai/mãe, insere-se na síntese mãe-filho, tornando clara ao filho a existência de um "outro" desejado e, com isso, estabelece a alteridade. Para a criança, é indiferente o sexo da pessoa que o pai/mãe deseja. O relevante é a percepção de que existe outra pessoa compartilhando o desejo do pai/mãe. A conservação do conceito de que o "terceiro" deveria ser o pai-homem causa um deslizamento do simbólico para o real, tornando clara a conexão que a psicanálise pretende com a sustentação da "ordem familiar" patriarcal (ZAMBRANO, 2006).

A dúvida recorrente acerca de quem exercerá o papel de pai e quem exercerá o de mãe em uma família homoparental caracteriza um artificialismo que não leva em consideração o fato de que um homem homossexual não se transforma em mulher por ter seu desejo sexual direcionado a outro homem, da mesma maneira que uma mulher, por ser lésbica não se transforma em homem. Ao consideramos função parental, podemos afirmar que a função da mãe ou do pai poderá ser realizada por qualquer um dos parceiros, ainda que um deles aprofunde mais alguma atividade desse papel e isso não causa uma alteração no seu sexo (ZAMBRANO, 2006).

A ideia de que os papéis parentais são socialmente construídos, independentemente do sexo, fica evidente na fala do participante Esdras (19): "Essa é uma pergunta muito recorrente, me fazem muito essa pergunta, 'ué, como você vai explicar pra sua filha, porque ela sempre vai te achar mãe, sei lá o que', é o que eu falo 'não, vocês naturalizam muito', é que a criança cresce ouvindo aquilo".

O autor comenta que em todas as famílias pesquisadas havia reinvenções das palavras para nomear pai e mãe e permitir a inserção de outros cuidadores

parentais. “Painho” – “mainha” e outros termos femininos semelhantes para as transexuais e travestis e alguma versão curta dos nomes próprios do segundo cuidador usada pelas crianças e que também demonstrava componente afetivo. Ainda que não haja termo legal, social ou de parentesco estabelecidos para os demais cuidadores, as crianças não confundem o gênero dos pais e chamam a mulher de mãe ou sinônimo e não apresentam problemas em desenvolver conhecimentos sobre diferenças sexuais ou outra questão apenas por fazerem parte de uma família homoparental (ZAMBRANO, 2006).

...mas a S. nunca vai ouvir eu me referir a mim mesmo como mãe. Ela tem um papai e um tatai, no caso o tatai sou eu, ela tem o tatai dela, ela tem o amorzinho dela e ela vai saber, eu não quero que ela ache que eu sou cis ou algo do tipo, ela vai saber de toda a história e é exatamente por isso que ela vai entender (ESDRAS, 19);

Souza (2013) afirma que parentalidade homossexual é muito distinta da parentalidade trans e das travestis e, ainda que reconheça a necessidade de se utilizar uma nomenclatura diferente de homoparentalidade, ao se referir aos trans especificamente nos casos pesquisados no Canadá, utilizou “parentalidade transgênero” e nos nacionais utilizou “homoparentalidade”.

Zambrano (2006) afirma que, no cenário brasileiro, o discurso sustentado pelas travestis e transexuais coloca-as como donas de um “instinto materno”, definindo a maternidade como algo socialmente construído e permitido pela “essência feminina” que elas também possuem; já a paternidade é definida como biológica, ligada à fisiologia do esperma e hormônios. Esta concepção provoca uma quebra na associação entre o sexo feminino e o “instinto materno”, antiga opinião ocidental comum que fixa os pais como aspecto social e as mães como biológico (STRATHERN, 1995). Sobre o jeito para serem mães, as transexuais e travestis a relacionam com o “instinto materno” que possuem e as cuidados maternos de experiências anteriores, como o cuidado de filhos de amigos, sobrinhos e outras crianças da família, legitimando assim a habilidade materna. Desta forma, a “essência feminina” estaria relacionada ao gênero, não ao sexo propriamente dito, rompendo com o modelo clássico, ou seja, a maternidade continua vinculada ao feminino.

Cardozo (2006, 2007), em estudos sobre parentalidade de travestis, reafirma o explicitado anteriormente sobre as travestis desempenharem o cuidado materno por já fazerem parte do mundo feminino e suas particularidades, de maneira que o não reconhecimento legal e biológico delas como mulheres e sim como homens, não interfere na identificação delas como mães por desempenharem o papel tradicional delas na prática.

A autora retoma alguns casos e cita o da travesti Cecília, no qual percebe que a paternidade também é vista como uma “essência”, mas não relacionada ao sexo masculino enquanto aspecto biológico já citado, mas sim à consanguinidade: “E, embora saliente discursivamente uma dificuldade em aceitar a paternidade, supõe uma concepção naturalizada de amor de pai, a exemplo do amor materno (BADINTER, 2005). Sob tal perspectiva, a não assunção total da identidade social paterna não anularia o amor que o progenitor teria por seu rebento, sangue de seu sangue.” (Idem, p. 3). Cardozo finaliza “que não só o gênero é performativizado (BUTLER, 2003a), como também a posição na organização e na estrutura de parentesco o é” (CARDOZO, 2007, p. 244).

Ainda sobre essa percepção, Zambrano (2006) constatou que o desejo de gerar uma criança no caso das travestis e transexuais está ligado ao desejo de serem mães e desempenharem o papel delas, não o de pais; assim, na relação de parentalidade estabelecida definiam os companheiros como responsáveis pelas funções de pais enquanto elas, como no modelo tradicional de família, seriam as detentoras do instinto materno e, por isso, realizariam os cuidados de mãe. Portanto, não apenas a mulher cis possuiria esse sentido, já que o mesmo se origina da construção social de mulheres e a naturalidade existente em tornar-se mãe.

Em sua dissertação de mestrado sobre parentalidades trans, Angonese (2016) problematiza que a maternidade pode ser compulsória mesmo para os homens trans, pois ao falarmos de reprodução uma concepção essencialista ganha mais peso e “o desejo de homens trans pela paternidade pode ficar remetido a um suposto instinto materno” (p. 127), visto que o corpo falaria mais alto que a identidade de gênero. É o que ocorre também nos casos em que médicos não realizam a mastectomia em homens trans levando em consideração uma possível amamentação no futuro. Reconhece-se que alguns optam amamentar, como

Thomas Beatie fez, mas, no caso dos sujeitos entrevistados o ato de amamentar remetia à maternidade, ainda que nem todas as mães consigam fazê-lo por diversos problemas emocionais ou físicos, define-se a ação com superior à própria gestação, como se a definição de maternidade estivesse interligada ao processo de amamentação. Entretanto, em nosso estudo reconheceu-se uma oposição à essa ideia, já que os dois sujeitos amamentaram suas filhas e isso não apareceu como algo relevante no que se refere à feminilidade, como mostra o seguinte trecho de entrevista: “Sim, cheguei. Teve até uma foto na época que viralizou no facebook, que tava eu bonitinho masculino amamentando a minha filha no shopping” (ESDRAS, 19).

O mesmo se aplica à gravidez, que em nenhum momento foi associada à feminilidade:

Não, eu me auto afirmei. Nossa totalmente, porque eu sei o que é parir hoje, eu sei o que é você ter um descontrole hormonal monstruoso e é algo muito doido não só com relação à gravidez, mas em relação ao perceber o corpo sabe? e eu me auto afirmei como pai mesmo, eu tive certeza depois que eu tive a minha filha que eu sou homem ao ponto de perceber que eu sou veado, sou uma veadinha. (JOAQUIM, 39)

Já no caso de Esdras (19), ele relata que a gestação foi uma experiência sem conflito no que refere à identidade de gênero, que não afetava sua masculinidade, mas diz do não reconhecimento das pessoas ao redor que passaram a tratá-lo no feminino: “isso aconteceu o momento todo, tipo era uma surpresa alguém me tratar no masculino, na verdade, porque ninguém me tratava no masculino mesmo. Nem o meu esposo, tá ligado, e ele foi o primeiro a saber quando eu saí do armário” (ESDRAS, 19).

Em entrevista publicada no site NLucon, em dezembro de 2015, Leonardo Peçanha conta da sua pesquisa (ainda não publicada) sobre ressignificação de corpos, citando que

O corpo do homem grávido é um corpo ressignificado duplamente, por ser trans e estar grávido. É mais difícil para um homem trans engravidar, porque socialmente quem engravida é a mulher. Só que entendo que quem engravida é o corpo. E que ser homem ou mulher não está ligado na questão do genital e nem do fisiológico, está ligado à identidade. Portanto, o fato de um homem trans engravidar não vai fazê-lo deixar de ser homem por causa disso. Ao contrário, precisa ser muito homem para engravidar. É apenas uma condição biológica e fisiológica que o corpo do homem trans permite. Em alguns casos, como o do Thomas, nos EUA, precisou de parar testosterona. E em outros ele não vai mais poder por conta dos efeitos dos

hormônios nos órgão reprodutores. Mas se for permitido e ele não tiver problema de saúde, o fato dele engravidar não tira o mérito dele ser homem. E há várias maneiras de engravidar. [...]Existem muitos homens trans que condenam, não entendem e acham errado. Mas é importante termos esse diálogo porque daqui a pouco vai começar a aparecer mais e mais homens nessa condição, essa é a realidade. E se pensarmos em homem trans grávido, acrescentamos outros temas como aborto e legalização do aborto, gestação paterna e etc. (PEÇANHA, 2015b)

Em sua autobiografia, Nery (2011), conversa com amigos sobre o homem grávido e o significado que ele teria, utilizando a definição deles como sendo “a última bomba em relação aos trans”. Comenta sobre Amadeus, que questiona: “o meu dom é a paternidade em função do que eu sou. Eles, afinal, são o quê? Pai ou mãe? [...] Jamais faria isso, pois a maternidade é a maior prova da feminilidade. Sou e sempre fui homem. A minha luta foi para sair da prisão do corpo, jamais voltaria a ela” (NERY, 2011, p. 317). Já seu amigo Darcy concorda com o enunciado de Amadeus: “até posso respeitar a decisão deles. Mas não me vejo numa situação dessas, por mais que seja um ato de amor. Não consigo imaginar um homem dando à luz! É tão intimamente associado à maternidade! Como Amadeus falou, acho o máximo da feminilidade” (p. 318).

Para Teixeira (2012, p. 508), Neil, homem trans que engravidou, “desestabiliza a experiência da reprodução biológica e a negação da maternidade como destino do sujeito”. Neil relata que nunca havia ido ao ginecologista e compreendeu o seu corpo como espécie de depósito, “recipiente no qual cresceria o presente para sua esposa”.

Em contraste com os dados da nossa pesquisa, realçando a singularidade de cada experiência e que, no caso deste estudo, mostrou que a dificuldade de uma “gravidez masculina” é de ordem social e não do homem que engravida, os dois participantes mencionam o desejo de engravidar novamente. Sobre a vivência de engravidar, destacamos o excerto seguinte:

eu ainda planejo ter outros filhos e tals, eu quero muito, muito, muito, muito mesmo passar por toda essa loucura de novo, por todo aquele ódio infinito de todas as pessoas. A parte das outras pessoas que era ruim, mas a gravidez em si é ótima, de você sentir o seu filho lá e brincar com ele, ele ficar chutando a sua costela até você perder o ar e você querer ir ao banheiro de cinco em cinco minutos, tudo isso é muito lindinho (ESDRAS, 19).

Ainda que nas novas constituições familiares haja espaço para outros cuidadores, o “materno” e “paterno” tradicionais permanecem como a representação das figuras parentais principais e embasadas no clássico modelo de gênero. Inclusive homens que adotam juntos procuram alguma figura feminina como mãe ou funcionária de casa para rotina de cuidados com saúde, alimentação e roupas e travestis e transexuais que desejam ser mães buscam um homem para ajudá-las na criação, de maneira que eles assumam o papel de pai enquanto elas são responsáveis pelos cuidados maternos, operando em uma forma de família tradicional no que se refere a papéis de gênero e parentalidade (ZAMBRANO, 2006).

Considerando as famílias em que um dos membros é transexual ou travesti, a divisão dos papéis parentais é melhor definida e ocorre em consonância com o gênero de escolha do casal: as mães, representadas pelas mulheres transexuais ou travestis e os pais, representados pelos seus companheiros (ZAMBRANO, 2006). Dentre as várias exigências para constituir-se enquanto homem, ressaltamos que ser pai pode ser considerado como uma delas, compondo uma experiência sequencial, como percebido na fala de Joaquim (39): “O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai”.

A coerência permanece como palavra-chave. Se você é do gênero masculino deve tomar certas condutas e, apesar das experiências identitárias trans questionarem vários estereótipos, ainda respondem ao modelo hegemônico ao qual foram inseridos, como demonstra a fala de Esdras (19):

Tem muito a ver com a identidade e como a minha identidade foi construída dentro de uma sociedade muito patriarcal eu vou ter essa tendência, mas isso não é natural do homem ou da mulher, isso é só algo que foi construído e que, bem, eu sou uma pessoa como todas as outras, eu não quero me pretender a essas construções sociais.

Ainda sobre essa continuidade entre identidade de gênero e papel parental, Esdras (19) afirma: “É uma questão de causa e efeito, eu sou homem porque sou pai e sou pai porque sou homem, porque minha paternidade também tá muito no cerne da minha masculinidade e ela se inseriu de uma forma meio chata”. Aqui, o participante também destaca a paternidade como inerente à identidade masculina.

A herança do discurso da metafísica da substância compõe a paternidade enquanto performativa que coloca a identidade paterna dentro de uma lógica interna entre macho-masculino-heterossexualidade-paternidade, conservando a separação entre natureza-corpo e cultura-gênero. Deste modo, há a produção de impossibilidades paternas que não se ajustam a esta continuidade e que revelam os limites e regulações da inteligibilidade e, ao mesmo tempo, mostram o estado performativo da coerência e constância da identidade paterna (VALENTE, 2011).

O reconhecimento dessa nova configuração (homens grávidos) é tão frágil ou causa tanto estranhamento que, por vezes, é necessário recorrer a exemplos do reino animal para tentar naturalizá-la. É assim que Joaquim (39) explica para sua filha a transgeneridade e o fato de ela ter um pai que a gestou:

A M. não existe problema nenhum, ela entendeu que alguns meninos que nascem com vagina e o papai é um cavalo marinho, porque nos cavalos marinhos os machos é quem parem, ela já entendeu essa parte e pediu para mim que não quer o pênis dela crescer, ela chegou e pediu: "Papai, eu não quero que o meu pênis cresce, por favor! Ela já entendeu.

O considerado culturalmente inteligível também se estende às noções de paternidade e maternidade, produzindo sujeitos pais ou mães que se materializam nos corpos. A produção de corpos paternos é desestabilizada por um homem grávido, pois a superfície que garantiria estabilidade e materializaria a diferença de sexo e gênero é quebrada, borrando a fronteira antes consolidada pela cisheteronormatividade.

Podemos dizer que a parentalidade é performativa à medida que é uma das repercussões de operações de poder que qualificam os corpos em dois gêneros baseados na diferença sexual. Se o corpo é também suscetível às regulações de gênero, e não anterior a elas, o "corpo parental" se materializa em pai e mãe. O exercício parental só faz sentido dentro de uma ordem binária, pois é nela que encontra fixidez e coerência, na repetição desses papéis dentro de uma visão dimórfica. Sendo a parentalidade também parte de práticas regulatórias e normatizadoras, ressaltamos, novamente, a partir da experiência dos participantes deste estudo, que é justamente nessa repetição que há a possibilidade de subversão. Assim, é possível a produção de um pai que gesta seu próprio filho, a produção de uma paternidade questionadora da lógica binária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado assumiu como objetivo central problematizar as parentalidades trans em sua relação com o gênero, analisando as concepções de paternidade e maternidade que perpassam a experiência gestacional. Para tal, tivemos como apoio a teoria psicanalítica de Jacques Lacan e os estudos de gênero, cujo nome principal é da filósofa Judith Butler. Além dos aspectos teóricos, também contamos com a realização de entrevistas com homens trans que passaram pela experiência de gestação.

Em primeiro lugar, realizamos uma revisão de literatura sobre a temática. Devido à imensidão de teorias que comporta a psicanálise, optamos por recortar o que achamos que atenderia melhor nossos objetivos, assim, focamos nos conceitos de função materna e paterna de Lacan. Para discutir ato performativo, elegemos o nome de referência que transpôs este conceito para o gênero, a autora Judith Butler. Apresentamos perspectivas estruturadas na binariedade bem as aquelas que tentam romper essas barreiras e considerar o sujeito nas suas multiplicidades.

O trabalho empírico envolveu a realização de entrevistas, cujo roteiro foi pensado de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa. Várias formas de parentalidade que questionam a biologia como estruturante das relações parentais poderiam ter sido abordadas, como a dos casais homossexuais, pessoas que criam sozinhas seus filhos, pessoas que adotam, mas elencamos os homens trans que engravidaram por questionar tão concretamente a maternidade como pertencente ao gênero feminino ou proporem uma nova forma de paternidade: gestar uma criança.

O que se convencionou chamar maternidade não mais pertence ao “universo feminino”, se é que existe um. Poderíamos dizer que maternidade se diversifica, mas ainda se mantém como uma “conduta” esperada de uma mulher. Como foi visto, nossos interlocutores, ainda que tenham tido uma vivência socialmente considerada como maternidade, por serem do gênero masculino, consideram-se pais. Quando Butler argumenta sobre a continuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, podemos acrescentar aí papéis parentais.

Uma das grandes dificuldades desta dissertação foi não só utilizar, mas pensar em termos como maternidade e paternidade. A tentativa de usar

parentalidade também se mostrou insuficiente para contemplar a experiência gestacional em homens. Por fim, tal experiência foi mencionada como paternidade por ser essa a identificação dos participantes desta pesquisa e mantivemos parentalidade pela tentativa de não referência ao gênero.

Este estudo possibilitou o rompimento com algumas convenções sociais, como a *gestação* enquanto sinônimo de maternidade e esta como elemento corporal/natural ao passo que a paternidade estaria vinculada ao social, servindo como marcadores de gênero. De experiências pretensamente consolidadas enquanto substância, passamos a pensá-las como atos performativos.

As noções de paternidade e maternidade podem estar envoltas em autoridade, responsabilidade, vivência, experiência, carinho, amor, necessidade, presença, ausência, excesso, falta, lei, limite. Não importa o enredo, são noções que se constituem enquanto norma, sujeitas à regulação e, por isso mesmo, à transgressão. E é por apostar na capacidade de desestabilização que traz a experiência de gravidez em um homem, nessa reiteração diferenciada, que sustentamos a ideia de performatividade parental.

Poderíamos também dizer que a maternidade torna difícil a rejeição de uma questão biológica inevitavelmente ligada à figura da mulher enquanto mãe. Porém, quanto à *gestação*, há uma inegável problemática do corpo. Como já foi discutido anteriormente, sabemos que não basta gestar para exercer a maternidade.

Diante da questão “o que é ser mãe?”, “o que é ser pai”, não ousaremos afirmar que existam respostas definitivas para tais indagações. Por enquanto, nos limitaremos a dizer que estamos passando por uma resignificação do que é ser mãe e pai e do exercício da parentalidade.

Destacamos com afinco que função materna e *gestação* não são coincidentes. As variedades são enormes: uma mulher pode engravidar e não desejar ser mãe, pode desejar engravidar, mas ser estéril, pode abortar, pode adotar... a questão é que até então isso tinha sido pensado em relação a mulheres. Por isso, pode parecer óbvio que função materna não seja a mesma coisa que concepção, mas não fica tão evidente se pensada para ser exercida pelo gênero masculino.

Com este trabalho, antes da pretensão de generalização ou de dar conta da temática, pretendemos pensar as experiências de gestação e parentalidades trans, considerando os novos casos sendo midiaticizados que também nos levam a outras questões como aborto, pré-natal, atendimento em saúde no geral, nas “maternidades”.

Ao se pensar nos serviços de saúde ou documentos públicos no Brasil, reconhecemos que a população trans, especialmente os homens trans, ocupa um lugar de invisibilidade. Ouvindo os participantes desse estudo, compreendi que as vivências desse estudo ultrapassam o desejo individual de engravidar e que, como já destacado ao longo do texto, mesmo configurações tão diversificadas de parentalidade, ainda aparece o exercício do cuidado vivenciado de acordo com o modelo tradicional de família.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, G. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

AMORIM, A. de S. **Homens (in)visíveis**: a experiência de transhomens brasileiros nas mídias virtuais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016

ANGONESE, M. **"Um pai trans, uma mãe trans"**: direitos, saúde reprodutiva e parentalidades para a população de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ARÁN, M. A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. In ARILHA, M.; LAPA, T. S.; PISANESCHI, T. C. **Transexualidade, travestilidade e direito à saúde**. São Paulo: Oficina Editorial, 2010. p. 75-94.

ARÁN, M.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 129-147, Jun 2007.

AUGUSTINS, G. À quoi servent les terminologies de parenté? **L'Homme**, p. 573-597, p. 154-155, 2000. Disponível em <<http://lhomme.revues.org/50>>. Acesso em: 17 Mar 2016.

ÁVILA, S.; [GROSSI, M. P.](#) Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexualidade masculina. In: FAZENDO GÊNERO – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-10 Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria_MariaJoao,Joao040721010.pdf>. Acesso em 11 dez. 2014.

ÁVILA, S.; [GROSSI, M. P.](#) 'Nós queremos somar!' - A emergência de transhomens no movimento trans brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA: PRÁTICAS, PEDAGOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2014, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande - RS: Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Disponível em: <https://www.academia.edu/7803170/_N%C3%B3s_queremos_somar_-_A_emerg%C3%Aancia_de_transhomens_no_movimento_trans_brasileiro>. Acesso em 11 dez. 2014.

AUSTIN, J. L. Performativo-Constativo. Tradução Paulo Ottoni. In: OTTONI, P. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.107-144.

AYOUCHE, T. Sex Difference in Psychoanalytical Theory: Aporiae and Deconstructions. **Revista brasileira de psicanálise**, v.48, n.4, p.58-72, 2014.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, 370 p.

BATISTA, P. M. M. O homem trans e a (re) construção da identidade. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA, 1., 2013, Guarapuava. **Anais...** Guarapuava - PR: UNICENTRO. 2013. p. 217-222. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/lhag/files/2013/10/Patricia-Michellini-de-Matos-Batista.pdf>>. Acesso em 11 dez. 2014.

BENTO, B. "Transexuais, corpos e próteses". **Labrys: Estudos Feministas**, n.4, 2003 Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys4/textos/berenice2mf.htm>>. Acesso em: 20 Mar 2016.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 3, p. 95-112, 2009.

BENTO, B. As famílias que habitam "a família". **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 2, 2012, p. 275-283.

BLEICHMAR, E. **O feminismo espontâneo da histeria**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p.33.

BROUSSE, M. H. Femme ou Mère: In: L'autre sexe, La Cause Freudienne, **Revue de Psychanalyse**, n.24, juin/1993, Paris, p. 30-33.

BUTLER, J. Sex and Gender in Beauvoir's Second Sex. In: **Yale French Studies**, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, nº 72, Winter, 1986.

BUTLER, J. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. Nova York: Routledge, 1993. 288 p.

BUTLER, J. **Excitable speech: A politics of the performative**. New York: Routledge, 1997. 200 p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a. 236 p.

BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, v.21, p.219-260, 2003b.

BUTLER, J. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre Journal**, Baltimore, v. 40, n. 4, p. 519-531, 2004a.

BUTLER, J. Gender Regulations. In: _____. **Undoing Gender**. New York, London: Routledge, 2004b. p.40-56.

BUTLER, J. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004c. 273 p.

BUTLER, Judith. **Deshacer el dénero**. Barcelona: Paidós, 2006. 392 p.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos Del "sexo". Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2008. 352 p.

BUTLER, J. **Frames of war**: when is life grievable? New York: Verso, 2010. 193 p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 236 p.

BUTLER, J. **O clamor de Antígona**: parentesco entre a vida e a morte. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 118 p.

CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Cambridge: CUP, 2003. 176 p.

CARDOZO, F. **Parentesco e Parentalidades de Travestis em Florianópolis**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

CARDOZO, F. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.) **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 233-252.

CHILAND, C. **Cambio de sexo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

CHILAND, C. O. **O sexo conduz o mundo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

CHODOROW, N. **Psicanálise da Maternidade**: uma crítica a Freud a partir da Mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990. 320 p. (Trabalho original publicado em 1978).

COSTA, J. **A face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995. 303 p.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Campinas: Papirus, 1991. 166 p.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã... diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 240 p.

DOLTO, F. **No jogo do desejo**: ensaios clínicos. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996, 295p.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**. 2. ed. São Paulo: Editora Cabral, 2010. 212 p.

FOUCAULT, M. **A vontade de saber: História da sexualidade v. I.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 152 p. (Trabalho original publicado em 1976)

GESSAT-ANSTETT, E. Histoires de mutations: Les terminologies russes de parenté. **L'Homme**, p. 613-634, 2000. Disponível em: <<http://lhomme.revues.org/52>>. Acesso em: 22 Dez 2015.

HEILBORN, M. Usos e abusos da categoria gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.) **Y Nosotras Latinoamericanas?** Estudos sobre gênero e raça. Fundação Memorial da América Latina, 1992, p.39-44

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da. (Org.). Diração Leticia Solis Ponton. **Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 47-51.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade.** Campinas: Papirus, 1999.

IACONELLI, V. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

IACONELLI, V. **Apostila do Curso de Formação em Psicologia Perinatal: Fundamentos – I Módulo: Gestação.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Psicologia Perinatal, 2014, p.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 92p. (Trabalho original publicado em 1938)

LACAN, J. **O Seminário, Livro 3:** As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988 (Trabalho original publicado em 1955-1956).

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. (Trabalho original publicado em 1964)

LACAN, J. **O Seminário, livro 17:** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

LACAN, J. **Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. (Trabalho original publicado em 1974)

LACAN, J. **O Seminário, Livro 4:** A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. (Trabalho original publicado em 1956-1957).

LACAN, J. Sobre o complexo de Édipo. In: _____. **O seminário, livro 4:** a relação de objeto. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, cap. 12, p. 203-219.

LACAN, J. A significação do falo. In: **Escritos** (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1958).

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 238-324. (Trabalho original publicado em 1953).

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Trabalho original publicado em 1960)

LACAN, J. **O Seminário, Livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Trabalho Original publicado em 1957/58)

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 369-370. (Trabalho originalmente publicado em 1969).

LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 93 p.

LACAN, J. **O Seminário, livro 16**: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Trabalho original publicado em 1968-1969)

LACAN, J. **O Seminário, Livro 20**: Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

LACAN, J. **O Seminário. Livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. (Trabalho original publicado em 1971).

LACAN, J. **O Seminário, Livro 22**: RSI, 1974-1975. Inédito.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 313.

LATTANZIO, F. F. **O lugar do gênero na psicanálise**: da metapsicologia às novas formas de subjetivação. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEBOVICI, S. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Tropiques**. Paris: Plon, 1955.

LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropologie Structurale**. Paris: Plon, 1958

LÉVI-STRAUSS, C. "A família". In SPIRO, M. et al.: **A família**: origem e evolução. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980. pp. 7-45. (publicado originalmente in SHAPIRO, Harry L. (ed.). 1956. *Man, Culture and Society*. Oxford University Press)

LOURO. G. L. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, G. L. (Org.), **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. São Paulo: Cortez, 2000, p. 07-34.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MINAYO, M.C S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n.21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Niterói**, v. 7, n. 2, p. 255-267, 2007.

MONEY, J. Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. **Bull. Johns Hopkins Hosp.**, v. 96, n. 6, pp. 253-264, 1955.

NERY, J. W. **Erro de pessoa**: Joana ou João? Rio de Janeiro: Record, 1984, 250p.

NERY, João W. **Viagem solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 187.

PEÇANHA, L. M. B. Ressignificar e empoderar o corpo: homem trans grávido e os desafios da adequação. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, Salvador, 2015a.

PEÇANHA, L. M. B. **Homem trans negro, Leonardo Peçanha diz**: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”. Entrevista a Neto Lucon, 2015b. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/12/homem-trans-e-negro-leonardo-pecanha.html>> Acesso: 06 Jul 2016.

PENNYCOOK, A. **Global Englishes and Transcultural Flows**.1. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2007. 189 p.

PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo**: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014. 172 p.

PRECIADO, B. **Manifiesto contra-sexual**: práticas subversivas de identidadessexual. 1. ed. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002. 224 p.

RAYMOND, J. **The Transsexual Empire**: the making of the she-male. Boston: Athene Series, 1994. 220 p. (Trabalho original publicado em 1979).

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993a.

RUBIN, G. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (eds.) **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Nova York: Routledge, p. 143-178, 1993b.

SAFATLE, V. Sexo, simulacro e políticas da paródia. **Revista do Departamento de Psicologia,UFF**, Niterói, v. 18, n. 1, p. 39-56, 2006.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 212 p.

SAMPAIO, L. L. P.; COELHO, M. T. A. D. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 637-649, Set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso 11 Dez, 2013.

SCHNEIDER, D. M. **American Kinship: A Cultural Account**. Eglewood Cliffs: Prentice, 1968. 117p.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez 1995. (Trabalho original publicado em 1988).

SEGALEN, M. et al. **Le nouvel Esprit de Famille**. Paris: Odile Jacob, 2002.

SOARES, G. S. Experiências reprodutivas e desejos de maternidade em lésbicas e bissexuais. In: FAZENDO GÊNERO – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-10 Disponível em:

SOLIS-PONTON, L. (org). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In **Ser pai, ser mãe**. Parentalidade: desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 21.

SOUZA, E. R. **Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUZA, E. R. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 56, n. 2., p. 397-430, 2013.

STOLLER, Robert J. **Sex and Gender: The development of masculinity and femininity**. New York: Karnak Books, 1968. 383 p.

STOLLER, R. **The transexual experiment**. London: Hogarth Press, 1975. 316 p.

STOLLER, R. La difficile conquête de la masculinité. In: **L'identification, l'autre c'est moi**. Paris: Tchou Editores, 1978.

STOLLER, R. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STOLLER, R. **Masculinidade e Feminilidade: apresentações de gênero**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

STRATHERN, M. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Revista de Estudos Feministas**, v.2, p. 303-329, 1995.

SULLIVAN, N. **A Critical Introduction to Queer Theory**. Nova York: NYU Press, 2003. 232 p.

TEIXEIRA, F. B. Histórias que não têm era uma vez: as (in)certezas da transexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2., p. 501-212, 2012.

TURATO, E. R. **Métodos Qualitativos e Quantitativos na área da saúde**: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

UZIEL, A. P. Gênero, sexualidade e subjetividade: sobre o que calamos ou falamos pouco na psicologia. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; FUNCK, Susana Bórneo (Orgs.). **Políticas e fronteiras**: desafios feministas. Tubarão: Ed. Copiart, 2014. p. 281-294

VALENTE, M. B. B. **A produção de paternidade em “Procurando Nemo”**: Performatividade em redes heterogêneas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 218-232.

WINNICOTT, D. W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 288-304.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.399-405.

ZAFIROPOULOS, M. Nossa arqueologia crítica da obra de Lacan: Lacan e as ciências sociais – Lacan e Lévi-Strauss. **Revista de Estudos Lacanianos**, vol. 2, n.3, Belo Horizonte, 2009, p.1-16.

ZAMBRANO, E. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 12, n. 26, p. 123-147, 2006.

ZAMBRANO, E. **“Nós também somos família”**: Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

APÊNDICE A

Sugestão de roteiro de entrevista a ser realizada com homem trans

>Dados pessoais

Nome, idade, escolaridade (se tiver curso superior, qual), profissão, ocupação

>Como você se identifica – enquanto homem trans, homem, trashomem

>Realizou modificações corporais? Quais?

> Quando ocorreram as primeiras percepções de que você se identificava como homem trans?

> Como foi esse momento? Teve apoio de alguém? Quem e de que modo?

>Por que escolheu gestar? (foi uma escolha? Escolheria gestar?)

>COMO FOI O PARTO?

>Você amamentou? Por quê?

> relação entre maternidade (gestação) e vida social (amigos, parentes, reuniões, festas)

>Definir o que é o pai e o que é mãe

>Na sua relação com seu filho/sua filha, os papéis parentais são definidos? Como vocês conversaram isso?

>Como você se sente? (pai ou mãe) existem momentos que esses papéis se misturam?

>Você vê diferença entre pai e mãe? Você acha que é o gênero define?

>A partir de quando e qual situação você considera que existe uma família?

>Hoje, você acha que homens e mulheres cuidam de forma diferente das crianças? (O gênero influencia no cuidado com a criança? De que maneira? Por quê?)

>Você pretende ter outros filhos? Engravidar de novo?

>Outras questões

Drogas, agressões, preconceito (gênero, raça, religião...), violência obstétrica...

>Forma com que a pesquisa pode contribuir para o assunto, para a comunidade (sugestão)

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do participante da pesquisa_____

Identificação (RG) do participante da pesquisa_____

Título do projeto: A terceira margem da família: A performatividade de gênero nas parentalidades trans.

Você está sendo convidado para participar do projeto “A terceira margem da família: A performatividade de gênero nas parentalidades trans”, sob responsabilidade da pesquisadora Aquinoã Abigail Pederzoli, como Trabalho de Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Nelson da Silva Júnior. O objetivo principal deste estudo é compreender a percepção dos homens trans sobre o que é masculinidade e maternidade e se essas percepções interferem no desejo de engravidar.

Este estudo se justifica pelo modo como as noções de paternidade e maternidade ainda atualizam definições de gênero fundamentadas em assimetrias e desigualdades. A produção acadêmica a este respeito tem sua atenção mais focada nas famílias, conjugalidades e parentalidades de gays e lésbicas, pouco se dedicando às parentalidades trans.

Se aceitar participar desse projeto, a pesquisadora responsável agendará junto à você um dia para aplicação da entrevista, sendo individual e pessoalmente. O método utilizado será uma entrevista semiestruturada com perguntas elaboradas a partir dos objetivos do projeto, com tempo de duração variável. Se você autorizar, esta entrevista poderá ser audiogravada. As entrevistas serão realizadas em um ambiente seguro, confortável e que favoreça a comunicação, a fim de evitar a interferência da dinâmica de outros ambientes, situação de constrangimento ou outros fatores que possam atrapalhar o desenvolvimento da entrevista. É possível ao participante da pesquisa ouvir a gravação e corrigi-la se achar necessário.

O estudo poderá lhe proporcionar desconforto psíquico, uma vez que as entrevistas abordarão conteúdos de grande carga emocional. Porém, se isto acontecer, será oferecido um espaço de acolhimento das angústias. Os seus dados

serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas com fins científicos, tais como apresentações em congressos e publicação de artigos científicos. Sua identidade será preservada, sendo que o seu nome ou qualquer identificação sua (voz, foto, etc.) jamais serão divulgados.

Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer tipo de pagamento, e também não terá qualquer custo. Você pode interromper a sua participação no estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. Sinta-se à vontade para pedir, a qualquer momento, os esclarecimentos que você julgar necessários. Caso decida-se por não participar, ou por não ser submetido a algum procedimento que lhe for solicitado, nenhuma penalidade será imposta a você. Você receberá uma cópia desse termo, tendo a possibilidade de lê-lo, assinado pela responsável pela pesquisa, onde constam a sua identificação e telefone de contato, caso seja de seu interesse procurá-la para quaisquer esclarecimentos. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Aquinoã Abigail Pederzoli

Telefone: (11) 98577 6122

e-mail: aquinoa_ped@hotmail.com

Endereço institucional: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco A, salas 103/105, Cidade Universitária, São Paulo, SP.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br Tel. (11) 3091-4182.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pela presente assinatura, declaro que li as informações acima sobre o estudo, que me sinto esclarecido sobre o conteúdo da pesquisa, ficando claros para mim o objetivo da pesquisa, a garantia da confidencialidade e assistência, os riscos envolvidos e possibilidade de esclarecimentos a qualquer momento da pesquisa. Declaro que, por minha livre vontade, concordo em participar da pesquisa,

respeitando as disposições anteriores. Recebi uma cópia deste Termo e a possibilidade de lê-lo.

Assinatura do participante

Data e Local

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento livre e esclarecido deste entrevistado para participação no presente estudo.

Aquinoã Abigail Pederzoli
Pesquisadora Responsável

Data e Local

ANEXO II – Transcrição entrevista com Joaquim

Entrevistado: Joaquim

Entrevista realizada por: Aquinoã

Entrevistadora- Oi tudo bem, está com um tempinho agora?

Então, desculpa esses dias aí, é que eu estou passando por uma situação de separação e eu tenho filha e a minha ex-companheira voltou para a cidade e a minha vida está de ponta a cabeça já.

Entrevistadora- Mas tudo bem fazer agora?

Sim, sim, agora eu posso. Agora eu estou almoçando e eu sei que eu tenho tempo.

Entrevistadora- Posso te chamar Joaquim mesmo?

É, eu prefiro. O nome é Joaquim, mas pode chamar J.

Apresentação da entrevistadora:

Vou falar mais formalmente só para registro mesmo. Meu nome é Aquinoã, muito prazer! Hoje é dia vinte e seis, é uma hora aqui e a gente vai começar a nossa entrevista.

Entrevistadora- Me fala o seu nome completo por favor:

J. C. Você está perguntando o nome de batismo?

Entrevistadora- Não, seu nome:

Ok.

Entrevistadora- Quantos anos você tem?

Estou com trinta e nove. Faço quarenta agora em outubro.

Entrevistadora- Atualmente você faz o quê?

Sou cozinheiro, chefe de cozinha, sou formado como chefe executivo de cozinha pelo SENAC. Só um minuto que eu estou indo pegar um fone para poder te escutar melhor;

Sou formado em chefe executivo de cozinha, vários cursos extras na área. Sou um apaixonado pela gastronomia, muito apaixonado mesmo, foi uma coisa que eu me identifiquei e eu fui meio que obrigado a retornar aqui para o M. e ao chegar aqui eu comecei a trabalhar para uma empresa que é um Resort que tem aqui, é um hotel de luxo e eles me contrataram e é o plano de saúde da empresa agora que eu estou usando para poder desenvolver né.

Entrevistadora- Você falou que foi obrigado a voltar para aí, onde você estava antes?

Ah, eu dei um rolé pelo Brasil, passei por várias aldeias indígenas, vários quilombos. Eu tinha um projeto de vida diferenciado e dei um rolé pelo Brasil, eu, minha filha e minha ex companheira; estudando ver a cultura, ver o ponto de missão, fazendo trocas nos lugares, trocas de trabalho pelos ensinios;

Nós tivemos uma briga, ela abriu fuga junto com a neném, aí minha mãe aproveitou para falar que eu era, que eu tinha abandonado a criança e quando foi descobrir já estava em um processo bem adiantado e na minha cabeça a criança tinha vindo passar um final de semana com a avó;

O problema da transfobia familiar é bem sinistro, minha mãe não aceita de jeito nenhum; não é possível nem eu, nem outras pessoas que sejam trans. Complicado, gata!

Entrevistadora- Quando foi que isso aconteceu da sua companheira ter saído com a sua filha?

Foi no início, início do ano passado que rolou isso, mas agora assim, não que esteja tudo bem, mas a gente entendeu que o lance é a nossa filha tá ligado? Só que os problemas com a minha família ainda não se resolveram, eles não aceitam, não aceitam e não aceitam;

Eu vim para a casa da minha mãe para poder ficar perto da minha filha.

Entrevistadora- Eu não estou te ouvindo, você não está me ouvindo bem?
(Ruído)

Eu estava em busca de um fone de ouvido que funcionasse, não achei, então eu vou para um lugar bem isolado e quieto da casa.

Entrevistadora- A sua filha está com a sua mãe agora?

Agora sim, só que eu moro aqui perto para poder ficar perto da minha filha. Complicado; minha família, minha mãe tem esse princípio, ela tem uma crença que eu abandonei o ser mãe e na cabeça dela ela tem aquele lance de que a mulher tem que tá...Saca? Vamos ser mais amplos, que quem nasceu com vagina tem que estar na posição de submissão, de entrega da vida eternamente, saca?

Não existe na mente dela que um pai possa sentir isso, ela acha que eu abandonei ser mulher, não quero mais e que eu abandonei e tal, aí eu comecei a partir meio que para a agressividade e não consigo mais morar com elas, a ideia de morar com a minha mãe é surreal.

Entrevistadora- Você mora sozinho?

Agora eu mudei daqui, estou morando com uma amiga gente boa para caraca, até ela sair de lá e eu montar um quarto para a minha filha.

Entrevistadora- Faz tempo que você saiu daí da casa da sua mãe?

Foi em outubro do ano passado, eu voltei e vim direto para cá para saber o que estava acontecendo e tal e eu comecei a correr atrás de trampo como cozinheiro e de início eu comecei a fazer uns bolos, licor que faço para caralho de canabbis, o que você puder imaginar sei fazer, desde de bolinha de queijo a licor;

Isso aí para mim era para tomar cana, até que surgiu outro trabalho, comecei a pegar alguns restaurantes. Comecei a fazer extra em restaurante, até que eu cheguei lá no mar likes que é esse resort que eu estou trabalhando agora, mas antes disso eu passei dez anos fora de C., praticamente;

Eu mudei para G., eu era usuário de drogas, de crack, minha adolescência praticamente toda e quando eu cheguei na fase adulta eu era viciadão assim, aí eu tinha desistido de viver;

Playboy, sempre fui playboy, sempre tive o meu carrinho, sempre tive cartão de crédito, sempre tive grana, todo saradão para caralho sexualmente. Sabe aquela postura machistona mesmo de que o homem é o macho, masculino e sempre tem aquele lance do controle, de ser macho, ser otário e tratar mal as mulheres; então eu era casado, mas tinha dez amantes e vivia em puteiro.

Entrevistadora- Você foi casado muito tempo?

A primeira vez e que mais durou foi sete anos, que foi dos vinte e dois até os meus vinte e oito mais ou menos, incluindo namoro e casamento e ela era de menor na época, cara assim, era um outro ser que eu era, eu era um outro ser humano surreal;

Saí daqui de C., fui para G., em G. eu comecei a trabalhar com uma empresa de grande porte de eventos, empresa de grande porte para servir, caraca eu rodei o Brasil trabalhando com eventos grandes;

Trabalhei no Rock in Rio, trabalhei no festival de verão, universo paralelo, terra em transe, caldas country fest, asa sessenta anos de trio elétrico. Rodando e fazendo isso, até que eu parei no R. porque eu já estava de saco cheio já de uma vida...sabe, você se diverte pra burro, mas é muito cansativo, você tem que amar muito produção para poder abrir mão da sua vida para isso e no que eu parei eu conheci primeiro os trans homens, eu já estava com trinta anos e eu nossa, fiquei maravilhado com a aparência do cara, ele tinha barba, tinha o queixo largo.

Entrevistadora- Até então você não se identificava enquanto homem?

Então, eu era muito frustrado e eu não me percebia sabe? Que eu era muito frustrado e no que eu fui morar no R., eu comecei a morar em algumas ocupações com uma galera anarcopunk e eles foram mostrando um lance bem interessante sobre a sexualidade, sobre o seu próprio corpo, então quando eu me percebi atraído por uma mana, saca assim? Que tinha os traços e o corpo de um homem, caramba! Como ela era sensual, saca? Foi um choque para mim e depois disso eu comecei meio que me perceber mais e aí eu entendi que eu era homem.

Entrevistadora- Você se identifica como homem, homem trans, trans homem?

Homem trans. Eu pego muito o peso das palavras, do jeito que você pronunciou ficou parecendo que cada um era uma coisa.

Entrevistadora- É que cada pessoa se identifica de uma forma né?

Joaquim - Sim.

E nesse momento eu comecei a estudar enlouquecido sobre hormonização, sobre homem trans, sobre cirurgia.

Entrevistadora- Você tinha trinta anos é isso?

Isso, mais ou menos uns vinte nove ou trinta, foi assim que eu me mudei para o R. eu estava trabalhando nessa empresa e o último lugar que eles me deixaram foi lá;

Mas assim, idas e vindas a C., eu comecei a estudar para caraca, comecei a fazer amizade com trans homens, com bodybuilder e a pessoa: porra mas bodybuilder? E eu fiz sim, porque os caras que tinham contato, não tinha tanta informação naquela época, isso há quase dez anos atrás não tinha informação tá ligado?

Era uma coisa quase rara você ver alguém assim, as pesquisas. O João Gomes Nery não era nem tão popular na época, aí quando eu voltei e conheci todas essas informações, eu decidi que iria engravidar, aí eu tomei hormônio por um ano para testar, só que moleção tá ligado? E como eu não tinha muita informação eu comecei

a fazer esse crua de bodybuilder, comecei a aplicar no meu organismo vinte ampolas de testosterona em dois, três meses e eu não tinha informação nenhuma desse nível de médicos, você não conseguia isso antes;

Aí eu parei, decidi engravidar comecei a fazer uma super dieta, emagreci tipo uns sessenta quilos porque eu era bem gordo, emagreci uns sessenta quilos. Comecei a urubutar, aí quando eu decidi eu peguei altas camisinhas, furei e fui à luta tá ligado? Furei e fui conhecer alguém na rua mesmo, porque na época eram cinco mil contos um tubinho de esperma, sem a garantia de que você vai ficar grávido.

Entrevistadora- Mas por que você queria engravidar? Como foi essa decisão?

Sabe quando você, eu não sei se você vai entender. Ou eu morria frustrado porque nunca vou poder engravidar uma mana ou mesmo tinha o bebê, saca? Eu tinha uma disforia bizarraça de que eu jamais poderia engravidar uma mulher, então eu era bem brisado pra caralho com isso, então ainda tinha aquela limitação física mesmo, tinha pouca informação cara, muito pouca informação;

Comecei a namorar uma mulher que fingiu que estava grávida do ex marido, acabou me envolvendo no assunto e eu falei: “pô, estou passando por tudo isso só para ter um filho mesmo”, então eu nunca tive problemas com homens, eu fui e furei umas camisinhas, levava no bolso e até que um dia deu certo e eu engravidei, mas aí eu já tinha ligado para minha mãe, liguei para o meu irmão e falei que eu ia engravidar, só ninguém levou à sério, todo mundo achou que fosse loucura minha ou alguma coisa assim e não era não;

Tive a M. E., amamenteei ela por seis meses, pari e voltei a tomar os hormônios, aí eu vim com força total porque eu assumi mesmo a identidade, foi aí que nasceu o Joaquim mesmo.

Entrevistadora- Quando você ficou grávido, você já tinha uma aparência mais masculinizada ou não?

Já, mas não tinha uma mudança física tão intensa sabe? Porque eu tomei o hormônio por um ano antes de ter a minha filha. Eu já tinha uma aparência que ninguém discutia comigo, os meus seios murcharam e eu sou neto de índio, então eu tenho muito pouco pelo, então fiquei com cara de moleque, bem moleque;

O ombro aumenta, o queixo aumenta, o rosto murcha e você fica diferente e isso é legal; então essa personagem, porque no início era personagem; até se tornar uma identidade, porque eu não sabia como que era ser homem, apesar de me sentir como um, então eu acabei reproduzindo uma construção social que o cara tem que ser machistão ou retardado, provedor;

Mas na época era João, então à princípio eu já reparei que metade dos homens trans tem uma crise por nomes duplos, eu era o João Acácio, mas foi mais por uma questão de imposição mesmo, de psicóloga, de coisas assim, mas não adiantava nada gata;

Então eu fiquei um ano na fila do SUS que nunca me chamou, então eu mesmo comecei a entrar em contato com alguns médicos que eu conhecia e hoje é isso, eu sou o pai da M. E., ninguém discute com a minha filha e ela já entendeu coisas como por exemplo, que tem menino que nasce com vagina e menina que nasce com pênis, para a minha filha isso é muito simples, que eu nasci com corpo de princesa, mas eu tenho o coração de príncipe, é assim que ela explica para os amigos;

Se tudo der certo agora nesse trabalho que eu vou, faço a mastectomia, seio é algo que não devia existir.

Joaquim - Alô;

Entrevistadora- Oi, voltou;

Joaquim - É que você sumiu aqui no meu celular;

Entrevistadora- É que aqui também está chovendo muito, acho que a internet está ruim.

Joaquim - Fui colocar o celular na mão ele travou tudo. Pronto.

Entrevistadora- Você está me vendo?

Não, é isso que eu estou tentando achar;

Achei, olha aqui você. Apertei sem querer, ele voltou e apareceu um monte de coisas nada a ver.

Entrevistadora- É o que mais te incomoda?

Sim, o pênis em si não tem muita brisa não, acredito que um backer já será bem interessante para utilização diária;

Cara, vou fazer essa cirurgia agora e não queria saber assim em questão à faloplastia e as outras construções eu não tenho tanta vontade por causa de políticas públicas de saúde, até mesmo os estudos também são voltados sempre para quem nasce doente, sempre e de uma certa forma quando as manas trans conseguem fazer uma cirurgia que já foi muito necessária, elas não perdem nem um pouco o prazer, elas não perdem nada da sensação do prazer;

Dizem que é surreal de torturoso a segunda fase da cirurgia que é para o canal não fechar, se não tem que fazer a cirurgia, mas deve ser péssimo e para os trans homens existe o risco de perder até sessenta por cento da sua sensação de prazer. Tá louco, imagina! Principalmente que depois que eu comecei a tomar hormônio eu comecei a entender o que era sentir prazer, como eu era frustrado sexualmente, limitado, mas agora eu sou pai.

Entrevistadora- Você só tem uma filha?

Por enquanto, quero mais.

Entrevistadora- Você quer mais?

Eu quero.

Entrevistadora- Você quer engravidar de novo ou não?

Quero engravidar de novo;

Eu achava que eu estava super doente devido aos problemas que eu tive, os problemas que eu tive por causa do hormônio que eu tomava eu achava que estava super doente, fui fazer os exames todos e não tenho colesterol alto, não tenho problema de diabetes, não tenho problema de nada. Sou fumante há trinta anos e não tenho nada no pulmão, o meu problema é sobre peso e inflamação do nervo ciático;

Eu já estava fazendo testamento por causa das coisas que eu tinha no início de ter tomado bodybuilder, mas agora com o plano de saúde da empresa, eu fui afastado, estou de licença agora por causa dessas dores que eu estava sentindo, cheguei a achar que era trombose, mas é genético, o médico olhou as minhas veias e não tinha nada entupido no meu coração, aí eu voltei e estou indo para o psicólogo e para o psiquiatra vou ver se eu pego o laudo e até a metade do ano eu faço a cirurgia.

Entrevistadora- Como estar grávida na sociedade? Você acha que afetou a sua vida social com a sua família?

Sim, na cabeça deles eu tinha que ter um caso de amor com um rapaz e eu tentava explicar para eles que não que eu era fatídico e que isso me fazia bem;

Você fica muito mais sensível quando engravida, é uma bomba hormonal, era uma TPM de dez vezes, era surreal. Todo mundo parece que acha que você está deficiente e eu falava para todo mundo que o que estava dentro de mim era um parasitinha, mas que era o parasitinha que eu escolhi e as pessoas falavam: “Meu Deus, como é que você fala assim da sua filha? E eu nem sabia se era homem ou se era mulher, dizia que ia nascer um parasitinha;

As pessoas queriam a morte, porque sempre tinham aquela visão da travesti mana mesmo, no caso, mulher; tem sempre essa visão mesmo;

A M. é parceirona, ela viajou comigo e a minha ex companheira que ela identifica como mãe. A M. não existe problema nenhum, ela entendeu que alguns meninos que nascem com vagina e o papai é um cavalo marinho, porque nos cavalos marinhos os machos é quem parem, ela já entendeu essa parte e pediu para mim que não quer o pênis dela crescer, ela chegou e pediu: “Papai, eu não quero que o meu pênis cresce, por favor! Ela já entendeu.

Entrevistadora- Quantos anos ela está agora?

Ela está com quatro anos e agora em março ela faz cinco. Ela que rodou comigo nos quilombos e nas aldeias, a bichinha é vivida, ela tem mais experiência do que muitos.

Entrevistadora- Como foi o parto?

Foi tenso cara, eu não aguentei esperar ela por muito tempo não tá ligado? Porque eu comecei a ter as contrações eu estava na casa de uma amiga fumando um, aí eu comecei a sentir a dor das contrações;

Eu saí daqui cheguei lá no hospital e fiquei de dez a doze horas sentindo dor e o médico já tinha me falado que depois que a bolsa estoura eu ainda posso ficar umas seis horas assim. Eu estava no hospital e quando mudou o plantão eu fiquei tipo, vinte e oito horas sentindo aquela dor, tinha dilatado uns quatro centímetros, não dava, ainda não era o suficiente para ela nascer;

Fiquei mais ou menos (Pausa do entrevistado), quando mudou o plantão, o médico que entrou e era pelo SUS, era hospital do SUS, então tinha dez leitos com dez mulheres deitadas, dez cadeiras e lá fora uma fila gigantesca e os médicos tinham que fazer aquilo rodar, tinha que fazer sair e entrar mais paciente, também porque o lucro deles está montado nisso;

Imagina, tu está há vinte e oito horas sentindo uma dor da porra, tá ligado? Aí alguém vem e fala assim: “Você vai continuar sentindo dor, o bebê também vai continuar sentindo dor, acho melhor você ter uma cesárea”. Lógico que eu concordei cara, puta que pariu! Eu não tinha dormido até aquela hora. O médico foi e me levou, ligaram para a minha família e eles foram para lá;

Passou, nasceu a M. e pouco tempo depois eu conheci a minha ex companheira e é assim, é amor, as duas se amam, acabou entre a gente e não entre ele e a M., então não tem que tratar mal ou não se esforçar para ter o mínimo de convivência, saca?

Fácil não é o problema da minha mãe, minha mãe acha que nós não temos condições de criar uma filha.

Entrevistadora- Por que a sua mãe acha que vocês não têm condições de criar uma filha?

Na cabeça dela, como eu sou é algo que alguém que seja inferior sabe?

Alguém que não consegue trabalho e eu tive que mostrar tudo ao contrário para ela. Ai cara, ela tem uma visão tão de submundo assim de quem é trans e ela acha que é uma revolta, que nós somos revoltados contra Deus ou algo assim, que a gente não aceita; minha mãe é uma espírita evangélica, eu falo espírita evangélica como

existem tudo que é pessoas que são fanáticas, por exemplo, tem os católicos evangélicos, tem os jesuítas evangélicos, os radicais;

Minha mãe é muito radical, tudo para ela é aquele lance de outra vida, carma e que hoje em dia os nossos conflitos são porque eu não perdoo ela de uma outra vida, mas é a idade também, é uma outra geração, a minha mãe tem setenta anos. Ai, é muita coisa, é uma geração que passou por muita coisa.

Entrevistadora- Como era a relação de vocês antes de você se identificar enquanto trans? Era difícil, era mais fácil, depois piorou, como era?

Ai gata! O meu pai sempre foi extremamente preconceituoso e machista e minha mãe sempre foi a esposa dele, é aquele lance, eles não me veem como um homem de sucesso, que hoje é um chefe de cozinha com um bom currículo. Eles acham é, ah coitado, olha como ele é!

Eu te amo, mesmo você sendo assim; ah foi falsa, então eu não tenho paciência para certas hipocrisias.

Entrevistadora- Eles te tratam no masculino? Eles respeitam isso?

Eles me tratam no feminino. Minha mãe já falou que é de propósito, que ela não aceita e que ela não vai me proteger disso não;

Só que assim, ninguém fica para raiz, eu sempre falo isso para ela, ninguém fica para raiz, você evolui e você só vai ser mais um. “Ah, mas eu te dei a vida” e eu: “Muito obrigado, poderia ter me abortado!”, muito obrigado, valeu!

Mas e aí, agora eu tenho que entregar a minha vida para você? Então quer dizer, essa visão cristã de família mesmo, saca? Que as pessoas só vão te amar de verdade se você tiver o sangue dela; se fosse assim não teria ninguém morto nesse planeta.

Entrevistadora- Para você o que define uma família?

Momentos define uma família, porque eu tenho amigos no Brasil todo que se eu precisar eu tenho aonde ir sabe? Pessoas do movimento trans mesmo;

Mas eu vejo família hoje é a minha ex companheira e minha filha, sabe? Elas, eu não sei, eu queria ter uma explicação, mas eu não consigo ver família como algo de eterno saca? Então é o momento mesmo, eu moro num local que é uma vila e é uma grande família, cada um se apoia do jeito que dá, mas eu sei que aquilo ali vai passar.

Entrevistadora- A relação com seu pai também é conflituosa?

Meu pai graças a Deus já morreu. Ele era militar, machistão, preconceituoso, racista e saímos na porrada várias vezes quando ele era vivo, eles me internaram várias vezes, a primeira vez foi porque eles descobriram que eu estava com mulher e que eu fumava um beck, aí eles me internaram em um hospital psiquiátrico.

Entrevistadora- Você tinha quantos anos?

Na época eu tinha quatorze anos, treze ou quatorze anos por aí. Eles descobriram que eu ficava com garotas, aí as coisas só pioraram.

Entrevistadora- Você acha que a gravidez interferiu de alguma forma na sua identidade masculina? Como foi isso?

Não, eu me auto afirmei. Nossa totalmente, porque eu sei o que é parir hoje, eu sei o que é você ter um descontrole hormonal monstruoso e é algo muito doido não só com relação à gravidez, mas em relação ao perceber o corpo sabe?

Até tomar o hormônio eu nunca tinha sentido prazer de gozar, aí depois que eu comecei a tomar hormônio eu comecei a me tocar, eu aprendi a me tocar. Quando eu parei de tomar o hormônio eu morava na ocupação e a polícia roubou os meus hormônios e eu não podia reclamar porque era um hormônio que não tinha mandado de posse de medicamento controlado, isso ia dar o maior BO, então eu não podia reclamar;

Eu comecei a produzir hormônio feminino, sentir, me tocar, passou a ficar muito incerto. A forma de prazer de sentir prazer com os hormônios masculinos é uma, a forma de sentir prazer com os hormônios femininos é outra e eu me auto afirmei como pai mesmo, eu tive certeza depois que eu tive a minha filha que eu sou homem ao ponto de perceber que eu sou veado, sou uma veadinha.

Entrevistadora- Como você definiria o que é um pai?

O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai. Mas eu passei uma situação muito boa que é assim, você olhar para alguém, eu só entendi o que é amar uma pessoa de verdade quando eu vi a minha filha, é muito louca essa sensação;

Eu tenho uma forma de me expressar que eu percebo ser uma característica da maioria dos homens, mas não vou ao cinema de pai de maneira mais delicada, vou ao cinema de homem e às vezes os caras ficam querendo ser zoadado, ser zoadado como mulherzinha e às vezes eles acabam não percebendo esse machismo que tem arraigado dentro de você de que homem não pode ser fraco, ser homem é ser forte;

É muito sombrio e muito confuso, eu sei que eu gosto de ter traços físicos e que lembrem os homens socialmente falando, mas eu não me sinto confortável no

comportamento de reprodução em si, já tive várias reproduções, mas não é algo que eu queria, algo com muito cuidado, por que eu tenho que ser o mais forte? Por que eu não posso mais ser delicado? Por que eu não posso ser trocado no feminino, saca?

Por que uma das coisas que eu quero muito é tirando os seios, eu deixando crescer o bigode eu quero demais por uma saia, andar mais de saia e usar mais acessórios, é estranho talvez, eu gosto do meio do caminho. Os seios para mim é não, não, mas são vários conflitos mesmo assim no dia a dia de pensamento e atitude; como eu vou definir o que é ser homem? Mas se você quer saber, eu quero ter barba, não quero ter peito, quero usar bigode, gosto do cabelo mais baixo.

Entrevistadora- Como você definiria uma mãe? O que é uma mãe?

Cara, é foda bicho, é foda, elas se encaixam naquele perfil de mães da geração dela, ela foi criada para ser mãe, dona de casa, dessas do padrão social igual, dessas que tem ciúmes da nora, do genro, que vai ser a galinha que cuida dos ovos, viveu uma vida para a família, igual ao tipo de mãe que a minha ex companheira é e eu não tive participação nenhuma nesse lance da M. e ela, nem nesse tratamento de mãe e filha, um dia a minha filha simplesmente começou a chamar ela de mãe e eu perguntei se era ela que estava ensinado e ela disse que não, foi uma acordo entre as duas, minha filha pediu para ela ser mãe.

Entrevistadora- Você vê diferença entre pai e mãe, nesses papéis de pai e mãe?

Na nossa família tem uma diferença porque eu acabo tendo o papel social da mulher e ela ficava tendo o papel social do homem porque a criança nasceu de mim e ela começou a ser cobrada como se ela fosse um pai ausente, porque quem estava sozinha no corre era eu, eu que fazia tudo para a nenê, eu quem estava pagando as contas, mas para nós não era um conflito sabe?

Eu entendo a forma como a P. ela atendia, de vida mesmo, não que ela não seja capaz de manter uma família sabe? Não é isso;

Ai gata é que você faz umas perguntas que eu não tenho respostas, porque eu não acredito nesses papéis sociais, eu não acredito nessas coisas porque é que nem eu falei para você, nós usamos esses títulos para a identificação na sociedade, mas como nós vivemos isso não tem nada a ver, sei lá; saca? Não tenho uma resposta para ti, só que são papéis sociais e aí eu repito, eu me sinto bem com uma aparência masculina dentro de toda essa sociedade, mas isso não me deixe imune a tratamentos sociais de menosprezo, quando as pessoas percebem que eu tenho seios é estranho.

Entrevistadora- É estranho?

É estranho, porque principalmente entre os caras, entre os homens, eles começam a querer te comer. Apesar de ter morado em várias ocupações, não sou um cara que

esbanja, então o meu esbanjar é levar a M. para o parquinho, que ela tenha uma boa alimentação na minha casa, que ela faça uma natação, porque eu não tenho despesas tão altas e eu não tem problema de gastar;

Por que que é tão importante essa qualificação assim que nem você tá perguntado? Você bateu muito na tecla de papéis sociais.

Entrevistadora- Bom, eu quero saber como você se entende, eu quero saber a sua opinião, independente de papéis sociais, porque você poderia me falar por exemplo que apesar de você ser homem, você poderia se considerar mãe. Tô querendo saber como você se sente mesmo:

Eu não me sinto confortável sendo tratado como pai, mas tem gente que acha que eu sou pai e mãe, eu percebo que é aquele lance, você pode me chamar de veado sabe? Então ser tratado por ela por algumas pessoas não me incomoda, mas alguns quando te tratam, você vê que é por sacanagem, para tentar te desestabilizar.

Entrevistadora- No seu mundo ideal existiria essa divisão social ou não?

Ai, não. Não eu tenho problemas até com as bandas fat family, problemas assim, porque elas definem os serem em valores sociais e acaba me incomodando seres que limitam o outro, seres que se limitam e não respeitam.

Entrevistadora- Você já sofreu muito preconceito?

Já, várias vezes e sempre a minha família é campeã. Porque na rua eu sempre fui assim, como defesa eu acabei virando meio um bandidinho assim, então eu andava armado, já fui estuprado, estava no rolê, é sei lá o que passou na mente dele, só sei que eu tenho as lembranças.

Entrevistadora- Faz tempo isso?

Faz, faz muito tempo, eu tinha uns vinte e três ou vinte e quatro anos, na época eu era até casado; é só mais um para estatísticas e isso me fez eu me fechar muito, me fez me fechar muito porque eu sei que eu não fui o único, se eles fizeram isso comigo, eles fizeram isso com outras pessoas;

Hoje o que eu faço, passar para a minha filha uma informação que eu não tive, porque às vezes te proíbem de brincar com os meninos, te proíbem de estar com os meninos, mas ninguém te ensina a se defender, ninguém te ensina a perceber e não ensina aos rapazes e é uma coisa que a minha filha desde muito pequenininha, se alguém encostar na vagina dela ela dá um murro, ela fala para mim ou para a mãe dela e ela já está ligada que dá um murro no saco e depois conta para o papai, que o papai vai junto para a gente matar a pessoa;

Desde muito novinha que ela faz isso e minha companheira, minha ex companheira também era muito foda com relação a essas informações. É foda, aqui no centro-oeste o abuso é algo muito cômodo, digamos é mais aceitado essa construção machista, é só mudando mesmo, sempre se evolui né.

Entrevistadora- Bom, você tem alguma sugestão para a minha pesquisa, algo que você queira me contar mais e que você acha que seria interessante eu saber?

Ah, cara, sei lá! Acho que cada um é um universo, os trans são muito amplos, dentro da sociedade trans eu percebo que a gente provoca aquela tela azul do Windows que o Windows não consegue atualizar e as pessoas olham para você com aquela cara: Hã?

Eu acho que é isso, só de vocês estar nesse papo e nesse assunto já é a tela azul do Windows para muita gente, porque querendo ou não, somos doentes como muitos dizem, somos assim.

Entrevistadora- Você considera?

Hoje, depois que eu descobri que o meu plano de saúde cobre a mastectomia, de uma certa forma eu apoiei sim, mas eu entendo quando há críticas de saúde e ao mesmo tempo eu entendo os manos que se consideram ogros, ou se consideram doentes, mas a disforia é foda cara, a disforia é foda porque você se sente mal de alguém perceber que você tem seios, ou perceber que você não tem seios e tem pênis, ah sei lá, as pessoas se preocupam demais com isso, dói;

Joaquim - E você?

Entrevistadora- E você o quê? Formula melhor a sua pergunta.

Joaquim - Você em relação à essa pesquisa toda, como está sendo essa pesquisa.

Entrevistadora- Estou descobrindo universos, é isso, eu acho que todo mundo é diferente, todo mundo pode falar a partir das próprias experiências, enfim.

Joaquim - Você faz faculdade de quê?

Entrevistadora- Eu já me formei em psicologia e estou fazendo mestrado em psicologia social.

Joaquim- A minha primeira faculdade foi de psicologia.

Entrevistadora- Você chegou a se formar?

Terminei, terminei com vinte e cinco anos, já estava casado já. Eu dava palestras de auto ajuda em empresas de RH, eu me formei eu sonhava em clinicar e acabei indo

parar em uma palestra de auto ajuda, foi um período bem trash eu era viciadão em craque;

A gastronomia veio depois que eu desisti, quando eu desisti eu descobri um outro universo. Nossa eu estou todo fudido de dor na coluna;

Não vejo a hora de tirar os seios, tirar os seios para mim está tão perto agora que enfim.

Joaquim- *De onde tu é?*

Entrevistadora- *Do interior de São Paulo.*

Joaquim- *Nunca vem para o centro oeste?*

Entrevistadora- *Já fui para G., só.*

Joaquim - *Um pouquinho quente;*

Entrevistadora- *Mas acho que aí é mais né?*

Joaquim - *Depende da época do ano, agora tá mais fresquinho aqui, tá fazendo trinta, trinta e dois no máximo, está bem fresquinho mesmo, mas em época de pico de calor faz cinquenta e dois, cinquenta e quatro porque é dividido em duas estações muito bem definidas, a que é muito quente e a que é muito mais quente;*

Cara a minha paixão, assim, eu sou muito apaixonado nela. Você vê as suas atitudes neles, não importa como você seja e eles estão perto de você, ela me ama assim como eu sou, ela nos ama muito.

Entrevistadora- **Eu vou transcrever essa entrevista, aí eu vou te mandar para você ler e ver se tem alguma coisa que você quer mudar, se você quer que eu tire e aí você me responde, certo?**

Ok.

Entrevistadora- **Tá bom?**

Tá bom.

Entrevistadora- **Muito obrigada, eu te agradeço muito:**

Valeu gata, falou.

Entrevistadora - **Como foram os cuidados logo pós parto da sua filha, amamentar você disse, né, que chegou a amamentar, mas dar banho, colocar pra dormir... alguém te ajudou, você fez tudo sozinho? Como é que foi?**

É... devido à ignorância da minha família, assim, minha mãe, se eu não tivesse vindo pra cá, ela teria ido atrás de mim no R. na ocupação que eu morava e... aí eu decidi vim pra casa dela aqui em C. e, ai, aprendi no hospital, né? Eles ensinam. Eu ganhei pelo SUS, eu não consegui ter parto normal apesar de ter me preparado pra isso, aí no SUS, eles acham, eles acabam te pressionando você ter através de cesárea, né? E no terceiro dia já estava andando normalmente, no primeiro dia eu dormi o dia inteiro a anestesia é muito foda, no outro dia eu já levantei porque tem que andar, tal, fiz o que tinha que fazer, então... com 15 dias eu já voltei pra faculdade já, porque eu estava fazendo um curso na época, aproveitando que eu não tinha o que fazer fui estudar e... aí quando completou 15 dias eu voltei pra aula, quando a M. fez cinco meses eu saí de C. e fui de carona, de caminhão, até S. morar num coletivo que tinha lá e retornei pro R. pra morar na aldeia M., foi assim.

Entrevistadora – tá, só pr'eu entender direito: quando você voltou pra faculdade, aí era sua mãe que ficava com ela? E como você foi tratado no hospital? Eles respeitaram sua identidade de gênero?

Não, nunca deixei a M. com a minha mãe. A M. hoje tá com a minha mãe porque eu estou sendo obrigado. É... eu levava a M. junto comigo. Quando a gente completou 15 dias de nascido, eu tinha um tipo esses bags de criança, tá ligado? Que é de carregar bebê dentro, M. ia ali dentro, ficava comigo ali. Ela... ela é muito difícil não tá comigo. Muito raro, muito raro. Uma coisa que eu sempre bati muito na tecla é eu não fiz filho pra mãe criar, tá ligado? A filha é minha, quem cria sou eu e... não, no hospital também não teve, não, eles não respeitam, saca? É aquele lance nasceu com vagina é mulher e foda-se, é só isso que eles pensam.

E eu não voltei pra faculdade, eu tava fazendo a minha terceira faculdade, eu sou psicólogo de primeira formação, gastrônomo de segunda e terceiro de evento, sou tecnólogo de evento. Gastronomia também sou chef executivo, sou tecnólogo.

Entrevistadora – nossa, então desde pequenininha ela ficava com você o tempo todo. É... eu não sei se você vai conseguir lembrar, mas você coseguiria descrever um dia comum de vocês nesses primeiros 15 dias? Vocês tinham uma rotina? Como era?

Você comentou algumas vezes o quanto vocês são próximos e tudo. O que você acha mais importante nisso de vocês ficarem juntos, terem essa proximidade?

Você também falou uma frase que eu não consegui entender muito bem por causa do áudio, o que eu entendi foi “eu não fiz filho pra mãe criar”, que a filha é sua e você quem criava. Essa mãe, Você estava se referindo à sua mãe, à sua ex companheira que sua filha trata como mãe? Me explica essa frase.

Nos primeiros dias, nos quinze primeiros dias com a M. na casa da minha mãe era muito básico, era muito cansaço, ela mamava várias vezes no dia, você sente seu corpo definhando, né, é muito louco isso. Ela acordava cedo, amamentava, andava com ela no sol, ela nasceu com icterícia que seria um amarelão e aí eu passeava com ela nos primeiros raios de sol, voltava pra casa, amamentava, saca? E comecei

a fazer pequenos trabalhos de montagem de cardápio na internet pra alguns clientes que eu tenho. Era muito básico assim, não tem muita novidade assim não.

Eu me refiro a minha mãe quando eu falo que eu não fiz filho pra minha... pra minha mãe criar, entendeu? Ela ainda tem aquela visão romantizada que eu tive um lindo caso de amor e fui enganado, saca, por algum cara e minha filha ainda trata minha ex companheira como mãe.

É... eu to na justiça hoje tentando recuperar a guarda da minha filha, tipo, tive um problema com a minha mãe e ela quer porque quer ficar com a minha filha, então hoje eu to num conflito pessoal muito foda, assim, mas né, gata, tem que evoluir, digamos assim, ela não entende muita coisa, a dificuldade da relação... se dependesse da minha filha, a minha filha queria todo mundo junto morando na mesma casa, então isso é complicado. Mamãe não aceita minha ex companheira que é uma mulher negra e lésbica... nossa, minha mãe é cheia do caô assim, foda, mas... faz parte.

ANEXO III – Transcrição entrevista Esdras

Entrevista realizada dia 22/01/17 por chamada de vídeo pelo facebook – E.
(tocando)

Consegui

Entrevistadora – conseguiu?

Desculpa, eu sou meio tapado (risos)...

Entrevistadora - Imagina... Viu, é... eu posso só vê se tá dando certo aqui, se tá gravando?

Pode

Entrevistadora - pera aí que eu vou colocar pra ouvir pra ver se gravou

39 s E conversa com namorado.. “tenta tomar último remédio, a minha dipirona. Você quer que eu veja se tem dipirona aí pra você? Minha mãe deve ter alguma coisa (...)”

De pressão não, ninguém aqui tem problema de pressão ... espinha muito grande aqui... muito bizarro. Desculpa, tá muito grande mesmo, porra. (risos do namorado). Caralho... ..

Namorado – você tá ignorando a mina

E- nãoooo, ela tá vendo se tá gravando, porque essa daí finge trabalho, não é que nem certas pessoas que são meio inúteis

Namorado – então! brigado, pera aí, vo embora

E- não! Fica aí (...)

Namorado – to maltratado, machucado, com uma formação estranho no rosto pra espantar...

E olha pra mim em 1’52”

Eu falo – essa pessoa tá com uma espinha na cara?

E – é porque eu to com meu namorado, outro homem trans, aqui do lado, dá oi

Namorado – oi

Eu aceno com a mão

E – aí eu to zuando ele

Eu dou uma risadinha e falo “a gente pode começar?”

E – pode

Entrevistadora - então, primeiro uma apresentação básica sua. Então, você chama Esdras, obviamente, quantos anos você tem?

(acho que o som atrasou...)

É... sei lá, apresentação... meu nome é Esdras, eu tenho 19 anos, sou leonino e o vídeo travou (fala olhando pro namorado)... pausa de 6s (namorado fala "continua"). Pera aí... você não prefere por skype não? Skype é um pouquinho melhor

Entrevistadora - tá, posso ten..

É que eu to pelo celular agora

Entrevistadora - tá, vamo tentá pelo skype então. Pode desligar aqui?

(acho que ele não conseguiu me ouvir)

Eu vo tentar abri porque eu não to em casa, eu to na casa da minha mãe, porque na minha casa não tem internet

Entrevistadora - beleza

Ai Jesus do céu... qual é seu Nick

Entrevistadora - calma aí que eu vou te passar

Ele fica falando com o namorado.... tadinha da menina, tendo que ouvir esse tipo de coisa

Namorado – eu não sei porque deu espinha nesse canto aqui

E – é por causa da oleosidade da barbinha, já que você está a menos tempo xxx que eu, mas ta melhor..

Namorado - ... melhor

E – eu sou muito ressentido desculpa

Namorado - no nosso relacionamento. O meu lindo é só você

Pausa de 1'16" na nossa conversa

E – então, o meu Nick é (incompreensível), mas eu vou tentar escreve pra você porque ele é... complicadinho.

Entrevistadora -tá.

E para o namorado – eu to tentando, mas..... ô amor, desculpa

E pra mim – eu não mexo em computador há tanto tempo que eu não sei nem como se mexe mais

Entrevistadora - ahhh também sou uma negação, calma aí...

E pro namorado - é outra coisa, né, filho?.... não consigo. Eu cheguei a coisa de que... que porra difícil

Namorado fala algo. E – eu to tentando

Entrevistadora - então, o meu skype também não tá funcionando

É... eu vo tenta então passar só pro ipad, ficar no facebook, mas pelo computador, porque meu celular tá meio ruinzinho

Entrevistadora -tá

Ele tá travando, só um momento

Ligação terminada. Pausa de uns 2 minutos

Entrevistadora -Melhorou?

Ah, bem melhor agora, eu acho que não vai mais travar

Entrevistadora - esperamos que sim. Então, mas como a gente tava falando, seu nome é E, você tem 19 anos...

Eu sou leonino, universitário, faço ciências sociais...

Entrevistadora - e...

Mas enfim, eu sou formado em agropecuária, especialmente em agropecuária alternativa, agropecuária orgânica e... incompreensível é isso

Entrevistadora - e você trabalha, você falou... (referindo-me a uma conversa no face que ele me disse que trabalhava à noite, mas ele entendeu que eu perguntei de um trabalho que ele fez na faculdade)

Ah sim, o trabalho que eu tinha feito foi um trabalho de antropologia 3, ciências sociais, né? Esses negócios loucos e... a professora deu um trabalho livre pra fazer e eu achei que era uma boa fazer tipo uma etnografia, aí foram dois trabalhos paralelos: um pra disciplina de parentesco

Entrevistadora - uhum

que foi esse dos filhos, é... dos pais trans e teve o outro que foi sobre o uso do binder, binder ou "bainder", depende de como a pessoa fala, eu falo binder, mas enfim. O trabalho teve foco tipo uns amigos meus que eu sei que foram... inicialmente a ideia era falar com mais gente, mas enfim, por eu não ter internet reduziu muito meu espaço ao meu círculo de conhecidos

Entrevistadora - uhum..

Aí eu peguei pra falar com o pessoal que era meu amigo já

Entrevistadora -uhum... você tá em qual ano da faculdade?

Terceiro

Entrevistadora - terceiro? Tá quase acabando...? fiz sinal de mais ou menos com a mão

Alguns diriam, sim, mas não, eu faço federal, entrou em greve, eu perdi o período

Entrevistadora - hmmm acontece... e você mora com quem agora?

Sozinho

Entrevistadora - sozinho? E a sua filha, você falou (E tinha comentado que talvez ela participasse da entrevista), você não mora com ela?

Eu morava com ela até alguns meses atrás quando eu tive que começar a trabalhar porque o outro pai dela ele é uma pessoa não muito útil, em vários pontos de vista, o financeiro é só mais um deles

Entrevistadora - uhum

E aí, enfim, sustentar ela, aí eu tive que começar a trabalhar, eu trabalho, faço faculdade, mas como eu não tenho tempo nem pra dormir direito, não tem como eu ficar com ela, eu preferi deixar ela aos cuidados dele e pagar uma creche de formalidade

Entrevistadora -mas vocês não tem uma boa relação, assim?

Eu e ele? Não, nem um pouco (risos)

Entrevistadora - não?

Não

Entrevistadora - e ela tá com quantos anos agora?

Hã?

Entrevistadora - ela tá com quantos anos agora?

Ela tem dois anos e meio agora, ela vai fazer dois anos e meio agora em fevereiro

Entrevistadora - uhum... e você escolheu engravidar? Como é que foi esse processo?

Não, não escolhi e inclusive foi um dos motivos pelo qual eu e o pai dela nos desentendemos muito

Entrevistadora - hm

Porque na minha cabeça não tinha como e a gente descobriu...

Entrevistadora – que tinha...

Tinha como, que ele não tinha falado, mas enfim

Entrevistadora – hm

É... não, não foi planejado, nenhum pouco, foi um choque quando eu soube. Eu soube eu já tava com 3 meses

Entrevistadora – uhum

E assim, é... eu soube porque eu tava vomitando muito, eu tive muito... eu tive hiperemese, tipo tava vomitando muito, o dia inteiro, o dia inteiro, o dia inteiro, eu cheguei a pesar 38 quilos

Entrevistadora – nossa...

É, tipo, não tava... eu tava um palito da porra

Entrevistadora – uhum

Aí foi por causa disso que eu fui numa gastro que me indicou pra fazer uma ultra pra ver como é que tava o estômago e aí na ultra pra ver o estômago que a gente

descobriu, na verdade. Não foi tipo... tava na hora a médica mostrou o coração batendo e tal, ela falou “ah sei lá o quê, você vai ter um filho”, eu “não, não”, ela “como assim não”, “não, não, não, não quero, não vou ter filho nenhum” e ela “como assim não”? E eu “não, não, não, não quero, não quero, não vou ter filho nenhum” e ela “ah não, porque vai ser quase um irmãozinho” e tals e eu “caraca”, aí eu comecei a gritar, eu falo muito palavrão, “caralho, eu não quero, porra, eu não quero filho! Porra, esse caralho!”, comecei a falar muito, muito, muito, porque eu tinha zero vontade de ter filho. Na época eu achava que odiava criança, eu era bem desses coisinhas chatinhas, mas enfim... aí não queria mesmo, foi um terror para mim.

Para o namorado - Como assim parceiro?

Namorado – concentra aí, vai

Tô concentrado

Entrevistadora- mas... você já fazia algum tratamento hormonal, alguma coisa assim, quando engravidou?

Então, eu não tava fazendo nenhuma hormonização, é... nenhuma hormonização com hormônio mesmo, mas tinha... você deve conhecer, eu acho que até hoje tem uma lista de alimentos para ajudar o homem trans a ter testosterona, então... eu era aquela lista andante, tá ligada?

Entrevistadora- Como foi o processo de se identificar como homem trans?

Então, foi complicado, foi bem doloroso, foi foda, porque na época eu tinha quatorze aninhos e eu sabia de aproximadamente vários nadas da vida, tinha acabado de me mudar para uma cidade nova, tava sozinho, morando sozinho, enfim, e tava saindo de um término de um relacionamento de muitos anos, abusivo e fodido e horrível em muitos sentidos e entrei em outro, mas enfim. Foi um lance muito... que eu sou meio otakinho, né? Eu gosto muito de cultura japonesa em geral e eu me descobri através da estética, porque eu fazia cross dresser.

Entrevistadora- uhum

Tipo, você conhece dramatical murder?

Entrevistadora- não

É um jogo Yaoi. Yaoi é homem com homem...

Entrevistadora- uhum

E tem personagens que eu sou apaixonado e eu olhei o cabelo deles e eu falei “nossa, meu deus do céu, eu quero aquele cabelo”, especialmente para fazer o cross dresser que eu já fazia há um tempo já

Entrevistadora- uhum

Usava faixa e tudo, mas... não era lá grandes coisas não;

Aí eu cortei o meu cabelo daquela forma, eu comecei a me ver e flertar um pouco com a estética masculina, por assim dizer.

Entrevistadora- sim...

Flertar um pouquinho com aquelas brincadeiras de gênero que eu fazia e aí foi ficando, foi me dominando de tal forma que eu fazia o cross dresser e eu não queria sair do personagem, não queria me desmontar e não queria que as pessoas parassem de me chamar no masculino, tipo nunca;

Entrevistadora- uhum

Mas aí... daí pra entender foi um tempo porque eu sabia que as pessoas trans existiam, mas é aquele negócio, nunca é com você, né?e eu tava “não, tá de boa, não é comigo não, é só uma fase, vai passar”, mas foi passando os meses, foi passando os meses e isso não foi passando,”porra, cara” aí eu acabei me assumindo eventualmente e pedindo para os meus amigos me chamarem no masculino e tal, isso aconteceu no final do ensino médio.

Entrevistadora- Uhum, e você teve apoio da sua família, como é que foi isso? dos seus amigos... (Fez que não com a cabeça). Não?

Então, eu tinha que brigar com o mundo inteiro, eu era... eu sou muito treteiro e arrumo muita confusão por muita coisa, sou muito de qualquer coisa “urrr”, então isso me ajudou muito naquela época, me ajudou muito, muito mesmo, porque ninguém fazia, ninguém dava uma (incompreensível) por mim. Antes disso, eu não era tipo muito feminino, mas também não era masculinizado, eu era entre andrógono e feminino;

Entrevistadora- uhum

E, pô, eu gostava de me mostrar. Como bom leonino eu usava decotão lá no umbigo, basicamente, usava shortinho, aqueles shortinhos bem socados assim, bem curtinhos mostrando a polpa da bunda na época que ninguém fazia isso. Então, sendo bem mais específico, eu era uma piriguete, então ninguém esperava isso, ninguém esperava mesmo e eu “foda-se, to nem aí” e comecei e não parei mais, e por isso eu não tinha apoio nenhum e ninguém dizia “ah, não, eu sempre soube” nem nada do tipo. As pessoas sempre souberam, as pessoas achavam que eu era uma lésbica; eles sempre acharam por causa do meu jeitão, as pessoas não desconfiavam que além de eu ser bi, eu ainda era um homem.

Entrevistadora- Uhum, no começo foi difícil, mas hoje...? Você tá na casa da sua mãe, né? Vocês têm uma conversa, um diálogo... ou não?

Então, a gente tem, hoje em dia a gente tem mais do que antes, mas ainda não é o nível que eu quero, eu ainda gostaria de ir mais adiante; mas, enfim, isso é algo que há alguns meses atrás eu nem falava com a minha mãe, há alguns meses atrás, eu tive a minha filha, a gente se uniu, mas a gente sempre brigava, a gente sempre tinha um arranca rabo; inclusive com a minha família sempre tem um arranca rabo com alguém, sempre.

Entrevistadora- Qual seria o nível ideal de relação com a sua mãe?

Então, isso é algo que eu ainda não defini, mas eu sei que eu ainda não estou lá.

Entrevistadora- uhum, uhum... Como foi essa questão de você contar para a sua família que estava grávido?

Então, a minha mãe tava do meu lado na ultra

Entrevistadora- tava?

Meu pai não tava do lado, mas minha mãe tava do lado, então não teve nem o que fazer. A minha mãe tava tipo “não, porque sei lá, você arrumou isso pra você e você vai ter o filho”, eu “não, não vou ter filho nenhum na, não vou ter não, tá doido!”, aí acabou que depois eu decidi, depois de dois ou três dias, sendo totalmente depressivo e suicida, eu decidi ficar com a criança e eu me afeiçoei à ideia.

Entrevistadora- Mas como foi isso? você foi pensando...

Foi pensando... as vias de fato. Eu comprei... Eu tinha acabado de ganhar, tava perto do meu aniversário e eu tinha trabalhado, então eu tava com muito dinheiro no bolso, gastei em média duzentos reais em erva, remédio, essas porra, comprei tudo e fui tomando, fui tomando, fui tomando, fui tomando, só que nada parava no meu estômago, eu vomitei tudo

Entrevistadora- uhum

E aí eu decidi que isso era horrível, só que aí o pai, ele... (mãe entra no quarto). Então, só um momento...

Entrevistadora- Claro

Então, aquela é minha mãe

(...) é o nascimento dos sobrinhos dele. Tira esse cigarro daqui! Tira esse cigarro daqui.

Mãe – tá, deixa eu te falar: quer um cabo hdmi pra botar na televisão?

Não, por enquanto não, depois eu vou pegar

Mãe – eu vou pegar lá dentro, aí a televisão você....

Beleza

Mãe (para o namorado) – tá, é... você quer que eu faço um omeletinho pra você?

Namorado – não, tá tudo bem

Mãe (para o namorado) – um leitinho... com chocolate

Mãe, ele tem 30 anos, não precisa tratar ele que nem bebê

Mãe – mas você tem 19 e eu (incompreensível) e na hora que você tiver 45 eu vou te tratar da mesma forma. Isso se chama mãe. (Incompreensível). Tem certeza? Tudo bem?

Namorado – sem problema

Mãe – tá. Quer ... (incompreensível)

Interrupção de 1'30"

Tá, continuando, desculpa pela interrupção

Entrevistadora- Como você acha que foi... porque foi um choque a gravidez, aí você levou adiante. Como foi estar grávido na sociedade, assim, sair na rua com barriga de grávido...?

Horrível. Horrível, horrível, horrível. Nossa, eu odiaaava tudo, eu odiava cada segundo, odiava as roupas, odiava as pessoas falando comigo, eu odiava as pessoas pedindo para mexer na barriga. Eu ficava tipo “ah, morram todos vocês”.

Entrevistadora- uhum

Eu era uma bolinha de ódio durante a gravidez, muito ódio e muito estresse, muito estresse, muito tudo, muito “aargh”. Qualquer coisinha era motivo pr’eu tá gritando e como eu estava grávido, né, eu tinha a desculpa de “ah, foram os hormônios”, mas não eram, era eu mesmo. Eu gritava com todo mundo, todo mundo mesmo, mesmo, não tinha nenhuma distinção, se tava na minha frente eu ia e gritava com a pessoa

Entrevistadora- uhum... foi bem tenso.

É, foi complicado isso

Entrevistadora- Você chegou a amamentar?

Amamentei até um ano e cinco meses.

Entrevistadora- uhum, mas você escolheu amamentar?

Escolhi, não... porque eu sou muito, eu sou muito naturaleba, eu sou vegetariano e tal, então eu queria fazer tudo ao natural. Eu queria ter o parto normal, que eu não consegui ter, mas não foi por culpa minha; eu amamentei até o máximo que pode, mas o meu leite acabou secando porque tipo eu me estressava muito e foi quando eu me separei e saí da casa do meu ex-marido, que é o pai da minha filha;

Entrevistadora- uhum

Tipo eu estressei... o tempo que eu tava com ela eu ficava tentando tipo tirar leite, porque eu bebia e não podia dar leite porque o álcool saía, é... foi complicado.

Aquela foi uma época terrível, ela não teve nenhuma preparação, assim, só foi assim, do nada.

Entrevistadora- Você acha que durante a gravidez as pessoas te confundiam, elas te tratavam no feminino em algum momento ou isso não aconteceu?

Não, isso aconteceu o momento todo, tipo era uma surpresa alguém me tratar no masculino, na verdade, porque ninguém me tratava no masculino mesmo. Nem o meu esposo, tá ligado, e ele foi o primeiro a saber quando eu saí do armário.

Entrevistadora- E aí ele passou a te chamar pelo feminino?

É, todo mundo já me chamava pelo feminino e isso só reforçou que era uma fase, que era sei lá o quê, todo aquele mimimi que falam.

Entrevistadora- Você comentou que queria parto natural. Como foi o parto? O que deu errado para o parto não ter sido natural?

Tudo (risada). O que acontece: minha mãe é advogada, no dia eu tava discutindo com ela porque ela queria que o parto fosse naquele dia porque no dia seguinte ela ia trabalhar, só que no final eu não queria nada disso, eu só queria tipo deixar a minha filha nascer, só que já tava com quarenta semanas e três dias, então ela já estava passando e tal, ela já tava coisadinha, aí a médica decidiu, como eu não queria cesárea de jeito nenhum, eu bati o pé, ela falou “não, vamos fazer uma cesárea”, “não vou, não vou, não vou, não vou, não vou”, aí ela decidiu induzir, aí induzimos, aí eu fiquei dez horas em trabalho de parto ativo, sentindo uma dor do caralho, morrendo basicamente, e, tipo, não tavam deixando eu me mexer e eu queria me mexer, porque, bem, é o natural, né? Eu queria me mexer, eu queria correr, eu queria gritar, e falando “não, fica quieto, não se mexe, sei lá o quê, para de xingar” e eu “ahh, vai tomar no seu cu você também, filho da puta, caralho”, muitos ódios e, tipo, eu entrei na fase expulsiva, eu fiquei um tempo, acho que fiquei uma hora ou duas de fase expulsiva então não deu para ser porque a minha filha já tava perdendo os sinais vitais, ela tava ficando fraca e eu também. E eu tenho uma foto que é ilustrativa de como eu estava me sentindo very chapa crazy lá na mesa de parto, assim quase morrendo, eu perdi muito sangue, muito sangue, que foi cesárea de emergência;

Entrevistadora - uhum

A médica foi olhar os batimentos da minha filha e ela já tava quase morrendo, tava em sofrimento fetal, pá, aí ela pegou e foi na faca, um negócio enorme assim, muito grande o... a abertura, porque ela foi na faca com ódio mesmo. E eu lá quase apagadão, eu desmaiei um tempo, aí eu acordei, aí pegaram a minha filha, limparam, me mostraram, eu tava enjoado, tiraram ela e eu só fui ver ela de novo depois de quatro horas.

Entrevistadora- Me parece que o hospital estava despreparado ou você acha...?

Tava, tava, a médica não pôs fé que eu realmente ia seguir a diante com o parto normal, ela fez tudo mesmo para conseguir aquela maldita cesárea que eu não queria.

Entrevistadora- aham. E deixa eu te perguntar: você chegou a amamentar em público?

Sim, cheguei. Teve até uma foto na época que viralizou no facebook, que tava eu bonitinho masculino amamentando a minha filha no shopping;

Eu amamentava, eu evitava ao máximo, óbvio, mas eu amamentava, né; na época eu tinha uma certa passabilidade mais ou menos, antes era assim: as pessoas olhavam na minha cara e falavam no masculino, ouviam a minha voz e falavam no feminino, hoje já é o contrário, elas olham na minha cara e falam no feminino, ouvem a minha voz e falam no masculino.

Entrevistadora- E aí você fica irritado com isso...

Fico pra caralho. Eu era muito introvertido, sou ainda, eu prefiro falar o mínimo possível, e isso pode me atrapalhar um pouco.

Entrevistadora – Se fosse pra você definir o que é um pai?

Perguntas existenciais

Entrevistadora- é...

Hm... cara, pai para mim não tem nenhuma relação com o sangue, com o biológico. Pai para mim é algo totalmente descolado dessa realidade física, essa realidade biológica, para mim um pai é a pessoa que cuida e que auxilia a criança no crescimento enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto gente, né, que é o que dá a base para o bebê virar uma pessoa adulta, não só uma pessoa adulta, uma pessoa na definição da sociedade de pessoa, porque o bebê está ali para aprender a ser pessoa, e aí esse devir da pessoa... o pai é auxiliar no devir. É... Pai é auxiliar no devir, acho que essa é a melhor classificação.

Entrevistadora- E a sua relação com o seu pai? Como é?

Risos. Então, eu falo com ele, mas não gosto muito de falar nem com meu pai nem com minha mãe. Hoje estou na casa deles e por acaso eu falei com os dois, mas se eles não falarem comigo eu fico, tipo, semanas e semanas sem falar com eles. Eu não sou de falar, de pegar e mandar uma mensagem e perguntar com tão as coisas, não... isso totalmente não é a minha cara.

Entrevistadora- Desde sempre foi assim?

Sim, sou muito desapegado, porque eu sou o menor dos três filhos

Entrevistadora- uhum

Eu sou o último. Antes de mim teve um bebê natimorto, então eu sou o mais esquecidinho. Eu sempre fazia tudo sozinho, eu sempre tava sozinho em casa enquanto os meus pais trabalhavam, minha irmã tava na escola, então acho que a solidão, ela me... me cai bem.

Entrevistadora- uhum... outra pergunta existencial agora: o que é uma mãe?

Ah, essa daí... não sei. Acho que é a mesma coisa que o pai, só que uma pessoa que se identifica no feminino;

É a pessoa que está no devir da criança, ahh, não vejo muita diferença entre um pai e uma mãe. Quer dizer, no meu mundo ideal não tem diferença, na realidade sabemos que sim.

Entrevistadora- Você falou antes “o outro pai”, você se considera pai?

Uhum

Entrevistadora- então são dois pais?

Sim, são dois pais.

Entrevistadora- Você se considera pai por...

Como assim?

Entrevistadora- se por você ser um homem, então você é pai...?

Sim. É uma questão de causa e efeito, eu sou homem porque sou pai e sou pai porque sou homem, porque minha paternidade também tá muito no cerne da minha masculinidade e ela se inseriu de uma forma meio chata

Entrevistadora- hmm

Porque com a minha visão um pouco... um pouco não, totalmente patriarcal eu me sinto mais masculino, por eu estar provendo pra minha filha, eu estar trabalhando pra ela poder ter o melhor;

Eu me sacrificava por ela, pra ela poder comer arroz integral, azeite com zero três por cento de acidez máxima, óleo de coco, aí compra aqueles negócios caros, aí compra chia, compra quinoua, compra a porra toda cara, tipo, pra isso, eu não comia, eu ficava semanas e semanas comendo um pão com ..., essa era a minha alimentação e foi a minha alimentação durante muitos meses. Esse sacrifício que eu fiz é meio que uma romantização, né, do sacrifício, mas esses sacrifícios que eu fiz

estão muito ligados à questão da minha identidade masculina e à questão da minha paternidade.

Entrevistadora- hmm

Problemático, problemático.

Entrevistadora- Como ficou a sua gestação com a sua identidade masculina?

Então, essa foi a parte mais conflitante, porque, assim, eu conseguia me entender e até hoje eu consigo me entender e a gestação não é um problema para mim, mas como as pessoas me viam era um problema fodido, né, porque a disforia é cruel, tipo, nunca tá bom o suficiente, nada nunca tá bom o suficiente. Todo mundo pode tá me tratando no masculino e tal, mas ainda assim você tá com aquele... coisa na sua mente, “cara, as pessoas não me veem como homem porque eu to grávido. As pessoas não me veem como homem porque isso e isso e aquilo”, sempre “tem gente que...”, enfim.

Entrevistadora- Você falou que no seu mundo ideal não existe diferença entre pai e mãe, né?

Não, não existe

São pessoas que cuidam. Mas você acha que homens e mulheres cuidam de maneira diferente das crianças?

Não particularmente.

Entrevistadora- hmm

Tem muito a ver com a identidade e como a minha identidade foi construída dentro de uma sociedade muito patriarcal eu vou ter essa tendência, mas isso não é natural do homem ou da mulher, isso é só algo que foi construído e que, bem, eu sou uma pessoa como todas as outras, eu não quero me pretender a essas construções sociais;

Eu acho que naturalmente não tem, mas hoje em dia, na sociedade onde eu vivo tem uma diferenciação sim.

Entrevistadora- Como que você pensa que vai ser isso para a sua filha?

Essa é uma pergunta muito recorrente, me fazem muito essa pergunta, “ué, como você vai explicar pra sua filha, porque ela sempre vai te achar mãe, sei lá o que”, é o que eu falo “não, vocês naturalizam muito”, é que a criança cresce ouvindo aquilo, mas a S. nunca vai ouvir eu me referir a mim mesmo como mãe. Ela tem um papai e um tatai, no caso o tatai sou eu, ela tem o tatai dela, ela tem o amorzinho dela e ela

vai saber, eu não quero que ela ache que eu sou cis ou algo do tipo, ela vai saber de toda a história e é exatamente por isso que ela vai entender;

Muita gente quer que a criança nasce achando que menina é pepeca e menino é piupiu quando, tipo, não é assim, a criança não nasce sabendo isso, isso é algo que a gente ensina e é algo que eu particularmente não vou ensinar pra a minha filha.

Entrevistadora- Com relação ao convívio com ela você pretende mudar isso em algum momento, pretende ficar mais perto dela?

Pretendo. Eu to agora galgando pra ver se eu consigo uma promoção e aí talvez eu largue a faculdade, não sei ainda, ou mude para uma faculdade particular, sei lá, pra poder trabalhar, fazer faculdade e ficar com ela, minha prioridade vai ser especialmente ficar com ela, ela precisa de mim, eu vou ser o melhor exemplo que ela vai ter na vida dela, porque o outro pai dela se depender dele como exemplo, ela vai ser....

Entrevistadora- Te preocupa deixar ela com ele agora?

Pra caramba, muito, demais. Às vezes ela chega, tipo, com machucado, com arranhão, com coisas que ela não deveria ter e isso me preocupa em outros níveis porque eu sei que ele não é atencioso, eu sei que ele não tem muito cuidado, eu sei que ele deveria ter acompanhamento psicológico e ele não tem, assim como a mãe e o irmão dele também não tem e deveriam ter, isso é algo que me preocupa muito porque basta um negocinho assim para eles ficarem irritados;

Ela é uma criança difícil, não difícil de se lidar, mas ela é muito agitada, bagunceira, tem muita energia, muita vontade de fazer tudo e ela também é muito cabeça dura, também é leonina; então é complicado porque o outro lá é virginiano e é virginiano mesmo, ele é um exemplo perfeito de virginiano e ela é um exemplo perfeito de leonina, então não dá muito certo porque um leva o outro a loucura.

Entrevistadora- Quando você engravidou, vocês tinham quanto tempo de relacionamento?

Vixe, parceira, não lembro, devia ter algo em torno de um ano, por aí.

Entrevistadora- já fazia um tempinho

Já fazia um tempinho, não era um relacionamento recente, só que a gente já tinha terminado tantas vezes, é aquele típico relacionamento abusivo que vai e volta, vai e volta, vai e volta, e você acha conseguiu se livrar, mas não se livrou;

Inclusive, quando eu descobri ela a gente tava em um dos períodos de, tipo, não se falar, a gente ficou semanas e semanas sem se falar porque eu não aguentava mais ele, depois que a gente descobriu ela a gente tentou mais um pouco, mas não deu certo e quando ela completou um ano a gente terminou, a gente terminou de vez;

Com um ano e cinco meses a situação estava insustentável e eu saí da casa que a gente morava junto e a casa era minha, mas ele meio que me expulsou da própria casa, assim. O dia que a gente saiu não é unânime para ambos, porque para mim foi o dia que ele tentou me bater e eu peguei a minha filha e fui embora, aí, tipo, isso é algo que eu não posso permitir até para dar o exemplo para S., porque nossa, se alguém faz isso com ela, parceiro, a pessoa não vive, eu faço questão de pegar a minha maior peixeira pra ir lá pegar a pessoa, depenar e pôr em praça pública.

Entrevistadora- A sua filha conhece o seu namorado?

Conhece, ela sempre conheceu os meus namorados, nunca foi um problema para mim e ela gostava muito deles, no geral. O primeiro que eu fiquei depois que foi o dito cujo pelo qual eu saí da casa do pai dela, porque a gente começou a brigar porque ele ainda queria ficar comigo, mas eu não queria mais ficar com ele, eu comecei a namorar esse garoto da minha faculdade, a S. gostava bastante dele, ele me ajudou em muitos quesitos; especialmente quando tava... eu tenho... na época eu não era diagnosticado, mas eu tenho transtorno borderline, eu tenho umas outras paradas aí, e eu tinha as minhas crises, eu não conseguia, que eu ficava semana sim e semana não com ela, só que eu ficava sozinho, completamente sozinho em casa, eu não conseguia tomar banho, fazer os meus trabalhos e eu não conseguia fazer nada, absolutamente nada, minha vida era centrada nela, e eu ficava maluco, né, eu ficava maluco e ele me ajudava nas crises, eu terminei e fiquei com outra pessoa que também conhecia a S. e agora eu to com ele (apontou para namorado); a gente saiu com a S., ele já cuidou da S., já fizemos muita coisa juntos com ela no meio, porque, bem, eu tenho pouco tempo que eu não estou trabalhando e que dá para fazer tudo de uma vez só.

Entrevistadora- Como foi esse diagnóstico de transtorno borderline? Faz tempo?

Faz, faz um tempinho já. Na época não foi nem borderline que me diagnosticaram, foi bipolar, esse meu primeiro namorado depois do pai da S., ele falou “cara, eu acho que você é bipolar”, eu “pô, para de sacanagem, pô”, e ele “não, não, cara, eu to falando sério, vê isso aí”, eu marquei um psiquiatra, fui lá, falei, falei, falei, aí o psiquiatra disse que era isso mesmo e ele me deu algumas amostras grátis que eu nunca cheguei a tomar, quer dizer, eu cheguei a tomar depois quando eu tentei me matar, mas a minha família não sabe que eu tomei todas de uma vez. Aí nisso minha família ainda não sabia, minha família sabe muito pouco sobre essa parte, enfim;

O borderline é mais recente, é quando eu mudei de psiquiatra, que eu vim pra uma psiquiatra que é uma psiquiatra que faz tratamento em homens trans aqui no R., no IEDE, aí ela fechou esse diagnóstico assim e tal, ela me passou algumas paradas que me deixou muito locão. Em geral, isso é algo... Em tese isso é recente, mas não é recente, é uma relação difícil, o tratamento para isso é recente, o conhecimento nem tanto.

Entrevistadora- Como você ficou com esse diagnóstico?

Eu fiquei, tipo, cara, sei lá...

Entrevistadora- Você concordou?

Não foi incômodo para mim, eu não me sentia como um maluco até porque eu já presumia que ia ter alguma coisa porque a minha mãe é diagnosticada como bipolar, mas acho que ela é borderline também, que foi o que tornou a nossa relação muito difícil durante minha infância;

Mas... o diagnóstico para mim foi algo que fez um pouco de sentido, embora eu ainda ache que seja um pouco exagerado, porque as minhas criações são totalmente, do meu ponto de vista, racionais, minhas emoções são racionais, dá para entender porque eu me sinto de tal e tal forma e por que eu ajo de tal e tal forma. Eu consigo ver claramente a ligação, mas aparentemente os outros não.

Entrevistadora- Uhum... Tem algo importante da sua vida que eu deveria saber?

Cara, além de que... relacionado a sua pesquisa, eu ainda planejo ter outros filhos e tals, eu quero muito, muito, muito, muito mesmo passar por toda essa loucura de novo, por todo aquele ódio infinito de todas as pessoas. A parte das outras pessoas que era ruim, mas a gravidez em si é ótima, de você sentir o seu filho lá e brincar com ele, ele ficar chutando a sua costela até você perder o ar e você querer ir ao banheiro de cinco em cinco minutos, tudo isso é muito lindinho.

Entrevistadora- Você acha que chegou a sofrer violência obstétrica?

Sim.

Entrevistadora- Sim? Você já sofreu algum outro tipo de violência?

Então, eu já sofri algumas violências de cunho principalmente homofóbico com os meus namorados, sempre mexiam com a gente em todos os lugares. Agora com meu namorado atual, eu também sofri. Eu sofri acho que com todos os meus namorados. Depois que eu me assumi eu já sofri homofobia com todos os meus namorados, mas transfobia eu já sofri no colégio, já sofri no trabalho, já sofri na faculdade, em todos os lugares, até dentro de casa já sofri.

Entrevistadora- Como era na escola?

Era um inferno. Tinha uma inspetora que ela falava para os meus amigos pra se eles me vissem no banheiro pra me trancarem no banheiro para eu aprender a não usar o banheiro masculino;

Quando falei para o meu diretor que eu queria usar o meu nome social ele riu na minha cara e disse não;

Teve uma pessoa que eu falei que eu não sabia como deveria ir ao banheiro e a pessoa me ensinou que eu deveria fazer xixi no mato;

Teve uma professora que zerou a minha prova por eu usar nome social;

Nossa, foi show de horrores o meu ensino médio. Foi complicada essa parte, assim, de lidar com as autoridades, não eram as crianças, eram as autoridades mesmo porque os meus colegas me tratavam super bem.

Entrevistadora- O que você acha que faz de uma família uma família?

Queria falar algo menos clichê que é amor e companheirismo, mas eu vou ficar com o clichê.

Entrevistadora- Uhum... E sua família nuclear, seus pais e seus irmãos, é isso que faz de vocês uma família? O que você acha?

Então, se você for perguntar pra mim se eu considero que tenho família, aí a pergunta vai ser um pouquinho diferente, porque, no caso, eu só considero família a S., que é minha filha, o resto eu não considero justamente porque falta amor e companheirismo. Por exemplo, eu não me sinto à vontade de falar muitas coisas sobre quem eu sou e sobre o que eu acho, até porque eles são reações e eu sou “comunismo vencerá” e muitas outras coisas, enfim, e eu não acho que seja, não acho que... a única coisa que torna a gente família é o sangue.

Entrevistadora- Bom, eu acho que é isso

Bom, se tiver qualquer dúvida, você sabe como me encontrar

Entrevistadora- sim

Ou qualquer coisa que você queira perguntar, alguma pergunta que você tenha esquecido, porque, bem, já fiz trabalho e às vezes você tá tipo “caralho, esqueci de perguntar tal coisa”

Entrevistadora- pois é, bem provável que aconteça, mas aí eu te chamo de novo, se não tiver problema

Beleza, sem problema, eu to aí, só não garanto que eu vou responder na hora porque, bem, eu não tenho internet.

Entrevistadora- Sim... deixa só te falar outra coisa: eu vou transcrever, vou te mandar, aí você vê se está de acordo com tudo, tudo bem?

Beleza

Entrevistadora- então... muito obrigada

Nada. Peço desculpas por ser tão tarde, porque, bem, eu tava num encontro com esse garotão aqui do lado.

Entrevistadora- volte ao encontro com ele então. Uma boa noite!

Boa noite!

Entrevistadora - Como foram os cuidados pós parto? Amamentar você já disse que amamentou, mas, sei lá, dar banho, colocar pra dormir, ajudar com tudo, assim, no dia a dia, nesses cuidados cotidianos mesmo. É... como é que foi, você fez tudo sozinho, teve alguém que te ajudou?

Fiz tudo sozinho.

*Cara, é... tipo, na época, eu não estava nem no andar certo, porque tinha um andar separado, só que... enfim, não sei o que aconteceu que eu fiquei em outro andar e, tipo, não chegou a ter berçário, esse tipo de coisa que as outras pessoas tem não. Eu não tive, eu fiquei com a (*incompreensível*) demorou um tempo pra ficar comigo, mas... ela então ficou direto comigo, sem pausa nenhuma e não tinha enfermeiro, não tinha porra nenhuma pra me ajudar, basicamente. E eu tive muito problema com sangramento, né? Que eu tinha perdido muito sangue e eu continuei perdendo muito sangue.*

ANEXO IV – Categorias de análise das entrevistas

Deslegitimação/ Reconhecimento das questões trans	
Joaquim	<p><i>O problema da transfobia familiar é bem sinistro, minha mãe não aceita de jeito nenhum; não é possível nem eu, nem outras pessoas que sejam trans. Complicado, gata!</i></p> <p><i>Só que os problemas com a minha família ainda não se resolveram, eles não aceitam, não aceitam e não aceitam</i></p> <p><i>Era uma coisa quase rara você ver alguém assim, as pesquisas. O João Gomes Nery não era nem tão popular na época, aí quando eu voltei e conheci todas essas informações, eu decidi que iria engravidar, aí eu tomei hormônio por um ano para testar, só que moleção tá ligado? E como eu não tinha muita informação eu comecei a fazer esse cru de bodybuilder, comecei a aplicar no meu organismo vinte ampolas de testosterona em dois, três meses e eu não tinha informação nenhuma desse nível de médicos, você não conseguia isso antes.</i></p> <p><i>Mas aí eu já tinha ligado para minha mãe, liguei para o meu irmão e falei que eu ia engravidar, só ninguém levou à sério, todo mundo achou que fosse loucura minha ou alguma coisa assim e não era não</i></p> <p><i>Então eu fiquei um ano na fila do SUS que nunca me chamou</i></p> <p><i>Cara, vou fazer essa cirurgia agora e não queria saber <u>assim em questão à faloplastia e as outras construções eu não tenho tanta vontade por causa de políticas públicas de saúde, até mesmo os estudos também são voltados sempre para quem nasce doente</u>, sempre e de uma certa forma quando as manas trans conseguem fazer uma cirurgia que já foi muito necessária, elas não perdem nem um pouco o prazer, elas não perdem nada da sensação do prazer</i></p> <p><i>Fácil não é o problema da minha mãe, minha mãe acha que nós não temos condições de criar uma filha</i></p>

(Como estar grávido na sociedade? Você acha que afetou a sua vida social com a sua família?) *Sim, na cabeça deles eu tinha que ter um caso de amor com um rapaz e eu tentava explicar para eles que não que eu era fatídico e que isso me fazia bem;*

As pessoas queriam a morte, porque sempre tinham aquela visão da travesti mana mesmo, no caso, mulher; tem sempre essa visão mesmo;

Fácil não é o problema da minha mãe, minha mãe acha que nós não temos condições de criar uma filha.

Na cabeça dela, como eu sou é algo que alguém que seja inferior sabe? Alguém que não consegue trabalho e eu tive que mostrar tudo ao contrário para ela. Ai cara, ela tem uma visão tão de submundo assim de quem é trans e ela acha que é uma revolta, que nós somos revoltados contra Deus ou algo assim, que a gente não aceita; minha mãe é uma espírita evangélica;

Minha mãe é muito radical, tudo para ela é aquele lance de outra vida, carma e que hoje em dia os nossos conflitos são porque eu não perdoo ela de uma outra vida, mas é a idade também, é uma outra geração, a minha mãe tem setenta anos. Ai, é muita coisa, é uma geração que passou por muita coisa

Ai gata! O meu pai sempre foi extremamente preconceituoso e machista e minha mãe sempre foi a esposa dele, é aquele lance, eles não me veem como um homem de sucesso, que hoje é um chefe de cozinha com um bom currículo. Eles acham é, ah coitado, olha como ele é! Eu te amo, mesmo você sendo assim; ah foi falsa, então eu não tenho paciência para certas hipocrisias.

Eles me tratam no feminino. Minha mãe já falou que é de propósito, que ela não aceita e que ela não vai me proteger disso não;

	<p><i>Quando eu parei de tomar o hormônio eu morava na ocupação e a polícia roubou os meus hormônios e eu não podia reclamar porque era um hormônio que não tinha mandado de posse de medicamento controlado, isso ia dar o maior BO, então eu não podia reclamar;</i></p> <p><i>Eu me sinto bem com uma aparência masculina dentro de toda essa sociedade, mas isso não me deixa imune a tratamentos sociais de menosprezo, quando as pessoas percebem que eu tenho seios é estranho</i></p> <p><i>É estranho, porque principalmente entre os caras, entre os homens, eles começam a querer te comer.</i></p> <p><i>Eu percebo que é aquele lance, você pode me chamar de veado sabe? Então ser tratado por ela por algumas pessoas não me incomoda, mas alguns quando te tratam, você vê que é por sacanagem, para tentar te desestabilizar.</i></p> <p>(Você já sofreu muito preconceito?) <i>Já, várias vezes e sempre a minha família é campeã.</i></p> <p><i>Porque querendo ou não, somos doentes como muitos dizem, somos assim.</i></p> <p><i>É aquele lance nasceu com vagina é mulher e foda-se, é só isso que eles pensam.</i></p>
Esdras	<p>(Você teve apoio da sua família, como é que foi isso? dos seus amigos...) <i>(Fez que não com a cabeça). Então, eu tinha que brigar com o mundo inteiro, eu era... eu sou muito treteiro e arrumo muita confusão por muita coisa, sou muito de qualquer coisa “urrr”, então isso me ajudou muito naquela época, me ajudou muito, muito mesmo, porque ninguém fazia, ninguém dava uma (incompreensível) por mim.</i></p>

Então ninguém esperava isso, ninguém esperava mesmo e eu “foda-se, to nem aí” e comecei e não parei mais, e por isso eu não tinha apoio nenhum e ninguém dizia “ah, não, eu sempre soube” nem nada do tipo.

As pessoas sempre souberam, as pessoas achavam que eu era uma lésbica; eles sempre acharam por causa do meu jeitão, as pessoas não desconfiavam que além de eu ser bi, eu ainda era um homem.

Mas, enfim, isso é algo que há alguns meses atrás eu nem falava com a minha mãe, há alguns meses atrás, eu tive a minha filha, a gente se uniu, mas a gente sempre brigava, a gente sempre tinha um arranca rabo

Isso aconteceu o momento todo, tipo era uma surpresa alguém me tratar no masculino, na verdade, porque ninguém me tratava no masculino mesmo. Nem o meu esposo, tá ligado, e ele foi o primeiro a saber quando eu saí do armário

É, todo mundo já me chamava pelo feminino e isso só reforçou que era uma fase, que era sei lá o quê, todo aquele mimimi que falam

Antes era assim: as pessoas olhavam na minha cara e falavam no masculino, ouviam a minha voz e falavam no feminino, hoje já é o contrário, elas olham na minha cara e falam no feminino, ouvem a minha voz e falam no masculino.

(Pergunta sobre legitimação da identidade – “E aí você fica irritado com isso...”) *Fico pra caralho. Eu era muito introvertido, sou ainda, eu prefiro falar o mínimo possível, e isso pode me atrapalhar um pouco.*

Mas como as pessoas me viam era um problema fodido, né, porque a disforia é cruel, tipo, nunca tá bom o suficiente, nada nunca tá bom o suficiente. Todo mundo pode tá me tratando no masculino e tals, mas ainda assim você tá com aquele

	<p><i>O diagnóstico para mim foi algo que fez um pouco de sentido, embora eu ainda ache que seja um pouco exagerado, porque as minhas criações são totalmente, do meu ponto de vista, racionais, minhas emoções são racionais, dá para entender porque eu me sinto de tal e tal forma e por que eu ajo de tal e tal forma. Eu consigo ver claramente a ligação, mas aparentemente os outros não.</i></p> <p><i>Mas transfobia eu já sofri no colégio, já sofri no trabalho, já sofri na faculdade, em todos os lugares, até dentro de casa já sofri</i></p> <p><i>Era um inferno. Tinha uma inspetora que ela falava para os meus amigos pra se eles me vissem no banheiro pra me trancarem no banheiro para eu aprender a não usar o banheiro masculino;</i></p> <p><i>Quando falei para o meu diretor que eu queria usar o meu nome social ele riu na minha cara e disse não</i></p> <p><i>Teve uma pessoa que eu falei que eu não sabia como deveria ir ao banheiro e a pessoa me ensinou que eu deveria fazer xixi no mato;</i></p> <p><i>Teve uma professora que zerou a minha prova por eu usar nome social;</i></p> <p><i>Nossa, foi show de horrores o meu ensino médio. Foi complicada essa parte, assim, de lidar com as autoridades, não eram as crianças, eram as autoridades mesmo porque os meus colegas me tratavam super bem.</i></p>
Questões relacionadas à saúde	
Joaquim	<p><i>Eu achava que eu estava super doente devido aos problemas que eu tive, os problemas que eu tive por causa do hormônio que eu tomava eu achava que estava super doente, fui fazer os exames todos e não tenho colesterol alto, não tenho problema de diabetes, não tenho problema de nada. Sou fumante há trinta anos e não tenho nada no pulmão, o meu problema é sobre peso e inflamação do nervo ciático;</i></p>

	<p><i>Eu já estava fazendo testamento por causa das coisas que eu tinha no início de ter tomado bodybuilder, mas agora com o plano de saúde da empresa, eu fui afastado, estou de licença agora por causa dessas dores que eu estava sentindo, cheguei a achar que era trombose, mas é genético, o médico olhou as minhas veias e não tinha nada entupido no meu coração, aí eu voltei e estou indo para o psicólogo e para o psiquiatra vou ver se eu pego o laudo e até a metade do ano eu faço a cirurgia.</i></p> <p><i>Hoje, depois que eu descobri que o meu plano de saúde cobre a mastectomia, de uma certa forma eu apoiei sim, mas eu entendo quando há críticas de saúde e ao mesmo tempo eu entendo os manos que se consideram ogros, ou se consideram doentes</i></p>
Esdras	<p><i>Eu tenho... na época eu não era diagnosticado, mas eu tenho transtorno borderline, eu tenho umas outras paradas aí, e eu tinha as minhas crises, eu não conseguia, eu tenho umas outras paradas aí, e eu tinha as minhas crises,</i></p> <p><i>eu não conseguia tomar banho, fazer os meus trabalhos e eu não conseguia fazer nada, absolutamente nada, minha vida era centrada nela, e eu ficava maluco</i></p> <p><i>Faz, faz um tempinho já. Na época não foi nem borderline que me diagnosticaram, foi bipolar, esse meu primeiro namorado depois do pai da S., ele falou “cara, eu acho que você é bipolar”, eu “pô, para de sacanagem, pô”, e ele “não, não, cara, eu to falando sério, vê isso aí”, eu marquei um psiquiatra, fui lá, falei, falei, falei, aí o psiquiatra disse que era isso mesmo e ele me deu algumas amostras grátis que eu nunca cheguei a tomar, quer dizer, eu cheguei a tomar depois quando eu tentei me matar, mas a minha família não sabe que eu tomei todas de uma vez</i></p> <p><i>O borderline é mais recente, é quando eu mudei de psiquiatra, que eu vim pra uma psiquiatra que é uma psiquiatra que faz tratamento em homens trans aqui no R., no IEDE, aí ela fechou esse diagnóstico assim e tals, ela me passou algumas paradas que me deixou muito loco. Em geral, isso é algo... Em tese isso é recente, mas não é recente, é uma relação</i></p>

	<p><i>difícil, o tratamento para isso é recente, o conhecimento nem tanto.</i></p> <p><i>Não foi incômodo para mim, eu não me sentia como um maluco até porque eu já presumia que ia ter alguma coisa porque a minha mãe é diagnosticada como bipolar, mas acho que ela é borderline também</i></p>
Papéis sociais e gênero feminino	
Joaquim	<p><i>Minha mãe tem esse princípio, ela tem uma crença que eu abandonei o ser mãe e na cabeça dela ela tem aquele lance de que a mulher tem que tá...Saca? Vamos ser mais amplos, que quem nasceu com vagina tem que estar na posição de submissão, de entrega da vida eternamente, saca?</i></p> <p><i>Não existe na mente dela que um pai possa sentir isso, ela acha que eu abandonei ser mulher, não quero mais e que eu abandonei e tal, aí eu comecei a partir meio que para a agressividade e não consigo mais morar com elas, a ideia de morar com a minha mãe é surreal.</i></p> <p><i>Ai gata! O meu pai sempre foi extremamente preconceituoso e machista e <u>minha mãe sempre foi a esposa dele, é aquele lance...</u></i></p> <p><i>Cara, é foda bicho, é foda, elas se encaixam naquele perfil de mães da geração dela, ela foi criada para ser mãe, dona de casa, dessas do padrão social igual, dessas que tem ciúmes da nora, do genro, que vai ser a galinha que cuida dos ovos, viveu uma vida para a família, igual ao tipo de mãe que a minha ex companheira é e eu não tive participação nenhuma nesse lance da M. e ela</i></p> <p><i>Na nossa família tem uma diferença porque eu acabo tendo o papel social da mulher</i></p> <p><i>Porque às vezes te proíbem de brincar com os meninos, te proíbem de estar com os meninos, mas ninguém te ensina a se defender, ninguém te ensina a perceber e não ensina aos rapazes e é uma coisa que a minha filha desde muito pequenininha</i></p>

	<p><i>A disforia é foda porque você se sente mal de alguém perceber que você tem seios, ou perceber que você não tem seios e tem pênis, ah sei lá, as pessoas se preocupam demais com isso, dói;</i></p>
Esdras	<p><i>E, pô, eu gostava de me mostrar. Como bom leonino eu usava decotão lá no umbigo, basicamente, usava shortinho, aqueles shortinhos bem socados assim, bem curtinhos mostrando a polpa da bunda na época que ninguém fazia isso. Então, sendo bem mais específico, eu era uma pinguete.</i></p> <p><i>Essa é uma pergunta muito recorrente, me fazem muito essa pergunta, “ué, como você vai explicar pra sua filha, porque ela sempre vai te achar mãe, sei lá o que”, é o que eu falo “não, vocês naturalizam muito”, é que a criança cresce ouvindo aquilo</i></p>
Papéis sociais e gênero masculino	
Joaquim	<p><i>Playboy, sempre fui playboy, sempre tive o meu carrinho, sempre tive cartão de crédito, sempre tive grana, todo saradão para caralho sexualmente. Sabe aquela postura machistona mesmo de que o homem é o macho, masculino e sempre tem aquele lance do controle, de ser macho, ser otário e tratar mal as mulheres; então eu era casado, mas tinha dez amantes e vivia em puteiro.</i></p> <p><i>O ombro aumenta, o queixo aumenta, o rosto murcha e você fica diferente e isso é legal; então essa personagem, porque no início era personagem; até se tornar uma identidade, porque eu não sabia como que era ser homem, apesar de me sentir como um, <u>então eu acabei reproduzindo uma construção social que o cara tem que ser machistão ou retardado, provedor;</u></i></p> <p><i>Ai gata! <u>O meu pai sempre foi extremamente preconceituoso e machista</u> e minha mãe sempre foi a esposa dele, é aquele lance, eles não me veem como um homem de sucesso, que hoje é um chefe de cozinha com um bom currículo</i></p>

	<p><i>Meu pai graças a Deus já morreu. Ele era militar, machistão, preconceituoso, racista e saímos na porrada várias vezes quando ele era vivo</i></p> <p><i>O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai.</i></p> <p><i>Eu tenho uma forma de me expressar que eu percebo ser uma característica da maioria dos homens, mas não vou ao cinema de pai de maneira mais delicada, vou ao cinema de homem e às vezes os caras ficam querendo ser zoados, ser zoados como mulherzinha e às vezes eles acabam não percebendo esse machismo que tem arraigado dentro de você de que homem não pode ser fraco, ser homem é ser forte;</i></p>
Esdras	<p><i>Porque com a minha visão um pouco... um pouco não, totalmente patriarcal eu me sinto mais masculino, por eu estar provendo pra minha filha, eu estar trabalhando pra ela poder ter o melhor</i></p> <p><i>Tem muito a ver com a identidade e como a minha identidade foi construída dentro de uma sociedade muito patriarcal eu vou ter essa tendência, mas isso não é natural do homem ou da mulher, isso é só algo que foi construído e que, bem, eu sou uma pessoa como todas as outras, eu não quero me pretender a essas construções sociais</i></p> <p><i>Eu acho que naturalmente não tem, mas hoje em dia, na sociedade onde eu vivo tem uma diferenciação sim.</i></p>
Performatividade e gênero masculino	
Joaquim	<p><i>Eu conheci primeiro os trans homens, eu já estava com trinta anos e eu nossa, fiquei maravilhado com a aparência do cara, ele tinha barba, tinha o queixo largo.</i></p> <p><i>Eu já tinha uma aparência que ninguém discutia comigo, os meus seios murcharam e eu sou neto de índio, então eu tenho</i></p>

	<p><i>muito pouco pelo, então fiquei com cara de moleque, bem moleque;</i></p> <p><u><i>O ombro aumenta, o queixo aumenta, o rosto murcha e você fica diferente e isso é legal; então essa personagem, porque no início era personagem; até se tornar uma identidade, porque eu não sabia como que era ser homem, apesar de me sentir como um, então eu acabei reproduzindo uma construção social que o cara tem que ser machistão ou retardado, provedor;</i></u></p> <p><i>Se tudo der certo agora nesse trabalho que eu vou, faço a mastectomia, seio é algo que não devia existir</i></p> <p><i>A forma de prazer de sentir prazer com os hormônios masculinos é uma, a forma de sentir prazer com os hormônios femininos é outra e eu me auto afirmei como pai mesmo</i></p> <p><i>É muito sombrio e muito confuso, eu sei que eu gosto de ter traços físicos e que lembrem os homens socialmente falando, mas eu não me sinto confortável no comportamento de reprodução em si</i></p>
Esdras	<p><i>E tem personagens que eu sou apaixonado e eu olhei o cabelo deles e eu falei “nossa, meu deus do céu, eu quero aquele cabelo”, especialmente para fazer o cross dresser que eu já fazia há um tempo já</i></p> <p><i>Aí eu cortei o meu cabelo daquela forma, eu comecei a me ver e flertar um pouco com a estética masculina, por assim dizer.</i></p> <p><i>Flertar um pouquinho com aquelas brincadeiras de gênero que eu fazia e aí foi ficando</i></p> <p><i>Antes disso, eu não era tipo muito feminino, mas também não era masculinizado, eu era entre andrógeno e feminino</i></p>
Reconhecimento da própria Identidade de gênero	

Joaquim	<p><i>Então, eu era muito frustrado e eu não me percebia sabe? Que eu era muito frustrado e no que eu fui morar no R., eu comecei a morar em algumas ocupações com uma galera anarcopunk e eles foram mostrando um lance bem interessante sobre a sexualidade, sobre o seu próprio corpo, então quando eu me percebi atraído por uma mana, saca assim? Que tinha os traços e o corpo de um homem, caramba! Como ela era sensual, saca? Foi um choque para mim e depois disso eu comecei meio que me perceber mais e aí eu entendi que eu era homem.</i></p> <p><i>E nesse momento eu comecei a estudar enlouquecido sobre hormonização, sobre homem trans, sobre cirurgia.</i></p> <p><i>Eu comecei a estudar para caraca, comecei a fazer amizade com trans homens, com bodybuilder e a pessoa: porra mas bodybuilder? E eu fiz sim, porque os caras que tinham contato, não tinha tanta informação naquela época, isso há quase dez anos atrás não tinha informação tá ligado?</i></p> <p><i>Era uma coisa quase rara você ver alguém assim, as pesquisas. O João Gomes Nery não era nem tão popular na época, aí quando eu voltei e conheci todas essas informações, eu decidi que iria engravidar, aí eu tomei hormônio por um ano para testar, só que molecão tá ligado? E como eu não tinha muita informação eu comecei a fazer esse crua de bodybuilder, comecei a aplicar no meu organismo vinte ampolas de testosterona em dois, três meses e eu não tinha informação nenhuma desse nível de médicos, você não conseguia isso antes;</i></p> <p><i>O ombro aumenta, o queixo aumenta, o rosto murcha e você fica diferente e isso é legal; <u>então essa personagem, porque no início era personagem; até se tornar uma identidade, porque eu não sabia como que era ser homem, apesar de me sentir como um</u>, então eu acabei reproduzindo uma construção social que o cara tem que ser machistão ou retardado, provedor;</i></p> <p><i>Até tomar o hormônio eu nunca tinha sentido prazer de gozar, aí depois que eu comecei a tomar hormônio eu comecei a me</i></p>
---------	--

	<p><i>tocar, eu aprendi a me tocar</i></p> <p><i>O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai.</i></p> <p><i>Por que uma das coisas que eu quero muito é tirando os seios, eu deixando crescer o bigode eu quero demais por uma saia, andar mais de saia e usar mais acessórios, é estranho talvez, eu gosto do meio do caminho. Os seios para mim é não, não, mas são vários conflitos mesmo assim no dia a dia de pensamento e atitude; como eu vou definir o que é ser homem? Mas se você quer saber, eu quero ter barba, não quero ter peito, quero usar bigode, gosto do cabelo mais baixo.</i></p> <p><i>Ai gata é que você faz umas perguntas que eu não tenho respostas, porque eu não acredito nesses papéis sociais, eu não acredito nessas coisas porque é que nem eu falei para você, nós usamos esses títulos para a identificação na sociedade, mas como nós vivemos isso não tem nada a ver, sei lá; saca? Não tenho uma resposta para ti, só que são papéis sociais e aí eu repito, eu me sinto bem com uma aparência masculina dentro de toda essa sociedade, mas isso não me deixe imune a tratamentos sociais de menosprezo, quando as pessoas percebem que eu tenho seios é estranho.</i></p> <p><i>Acho que cada um é um universo, os trans são muito amplos, dentro da sociedade trans eu percebo que a gente provoca aquela tela azul do Windows que o Windows não consegue atualizar e as pessoas olham para você com aquela cara: Hã?</i></p> <p><i>Não vejo a hora de tirar os seios, tirar os seios para mim está tão perto agora que enfim.</i></p>
Esdras	<p><i>Então, eu não estava fazendo nenhuma hormonização, é... nenhuma hormonização com hormônio mesmo, mas tinha... você deve conhecer, eu acho que até hoje tem uma lista de alimentos para ajudar o homem trans a ter testosterona, então... eu era aquela lista andante, tá ligada?</i></p>

	<p><i>Então, foi complicado, foi bem doloroso, foi foda, porque na época eu tinha quatorze aninhos e eu sabia de aproximadamente vários nada da vida, tinha acabado de me mudar para uma cidade nova, tava sozinho, morando sozinho, enfim, e tava saindo de um término de um relacionamento de muitos anos, abusivo e fodido e horrível em muitos sentidos e entrei em outro, mas enfim. Foi um lance muito... que eu sou meio otakinho, né? Eu gosto muito de cultura japonesa em geral e eu me descobri através da estética, porque eu fazia cross dresser.</i></p> <p><i>Flertar um pouquinho com aquelas brincadeiras de gênero que eu fazia e aí foi ficando, foi me dominando de tal forma que eu fazia o cross dresser e eu não queria sair do personagem, não queria me desmontar e não queria que as pessoas parassem de me chamar no masculino, tipo nunca;</i></p> <p><i>Mas aí... daí pra entender foi um tempo porque eu sabia que as pessoas trans existiam, mas é aquele negócio, nunca é com você, né? e eu estava “não, tá de boa, não é comigo não, é só uma fase, vai passar”, mas foi passando os meses, foi passando os meses e isso não foi passando, “porra, cara” aí eu acabei me assumindo eventualmente e pedindo para os meus amigos me chamarem no masculino e tal, isso aconteceu no final do ensino médio.</i></p> <p><i>Antes disso, eu não era tipo muito feminino, mas também não era masculinizado, eu era entre andrógono e feminino</i></p> <p><i>As pessoas não desconfiavam que além de eu ser bi, eu ainda era um homem.</i></p> <p><i>Todo mundo pode tá me tratando no masculino e tals, mas ainda assim você tá com aquele... coisa na sua mente, “cara, as pessoas não me veem como homem porque eu to grávido. As pessoas não me veem como homem porque isso e isso e aquilo”, sempre “tem gente que...”, enfim.</i></p>
Desejo de ter filho	
Joaquim	<p><i>Aí eu parei, decidi engravidar comecei a fazer uma super dieta, emagreci tipo uns sessenta quilos porque eu era bem gordo, emagreci uns sessenta quilos. Comecei a urubutar, aí quando</i></p>

	<p><i>eu decidi eu peguei altas camisinhas, furei e fui à luta tá ligado? Furei e fui conhecer alguém na rua mesmo, porque na época eram cinco mil contos um tubinho de esperma, sem a garantia de que você vai ficar grávido.</i></p> <p><i>Sabe quando você, eu não sei se você vai entender. Ou eu morria frustrado porque nunca vou poder engravidar uma mana ou mesmo tinha o bebê, saca? Eu tinha uma disforia bizarraça de que eu jamais poderia engravidar uma mulher, então eu era bem brisado pra caralho com isso, então ainda tinha aquela limitação física mesmo, tinha pouca informação cara, muito pouca informação.</i></p> <p><i>Então eu nunca tive problemas com homens, eu fui e furei umas camisinhas, levava no bolso e até que um dia deu certo e eu engravidei,</i></p> <p><i>(Você só tem uma filha?) Por enquanto, quero mais.</i></p> <p><i>Quero engravidar de novo.</i></p>
Esdras	<p><i>Não, não escolhi e inclusive foi um dos motivos pelo qual eu e o pai dela nos desentendemos muito</i></p> <p><i>Porque na minha cabeça não tinha como e a gente descobriu...</i></p> <p><i>Tinha como, que ele não tinha falado, mas enfim</i></p> <p><i>É... não, não foi planejado, nenhum pouco, foi um choque quando eu soube. Eu soube eu já tava com 3 meses</i></p> <p><i>Aí foi por causa disso que eu fui numa gastro que me indicou pra fazer uma ultra pra ver como é que tava o estômago e aí na ultra pra vê o estômago que a gente descobriu, na verdade. Não foi tipo... tava na hora a médica mostrou o coração batendo e tal, ela falou “ah sei lá o quê, você vai ter um filho”, eu “não, não”, ela “como assim não”, “não, não, não, não</i></p>

	<p><i>quero, não vou ter filho nenhum”</i></p> <p><i>“Não, não, não, não quero, não vou ter filho nenhum” e ela “como assim não”? E eu “não, não, não, não quero, não quero, não vou ter filho nenhum” e ela “ah não, porque vai ser quase um irmãozinho” e tal e eu “caraca”, aí eu comecei a gritar, eu falo muito palavrão, “caralho, eu não quero, porra, eu não quero filho! Porra, esse caralho!”, comecei a falar muito, muito, muito, porque eu tinha zero vontade de ter filho. Na época eu achava que odiava criança, eu era bem desses coisinhas chatinhas, mas enfim... aí não queria mesmo, foi um terror para mim</i></p> <p>(Como foi essa questão de você contar para a sua família que estava grávido?) <i>Então, a minha mãe tava do meu lado na ultra</i></p> <p><i>A minha mãe tava tipo “não, porque sei lá, você arrumou isso pra você e você vai ter o filho”, eu “não, não vou ter filho nenhum na, não vou ter não, tá doido!”, aí acabou que depois eu decidi, depois de dois ou três dias, sendo totalmente depressivo e suicida, eu decidi ficar com a criança e eu me afeiçoei à ideia.</i></p> <p><i>Foi pensando... as vias de fato. Eu comprei... Eu tinha acabado de ganhar, tava perto do meu aniversário e eu tinha trabalhado, então eu tava com muito dinheiro no bolso, gastei em média duzentos reais em erva, remédio, essas porra, comprei tudo e fui tomando, fui tomando, fui tomando, fui tomando, só que nada parava no meu estômago, eu vomitei tudo</i></p> <p><i>Eu ainda planejo ter outros filhos e tal, eu quero muito, muito, muito, muito mesmo passar por toda essa loucura de novo, por todo aquele ódio infinito de todas as pessoas. A parte das outras pessoas que era ruim, mas a gravidez em si é ótima, de você sentir o seu filho lá e brincar com ele, ele ficar chutando a sua costela até você perder o ar e você querer ir ao banheiro de cinco em cinco minutos, tudo isso é muito lindinho.</i></p>
Parentalidade Trans	

Joaquim	<p><i>Tive a M.E., amamentei ela por seis meses, pari e voltei a tomar os hormônios, aí eu vim com força total porque eu assumi mesmo a identidade, foi aí que nasceu o Joaquim mesmo.</i></p> <p><i>Eu sou o pai da M.E., ninguém discute com a minha filha e ela já entendeu coisas como por exemplo, que tem menino que nasce com vagina e menina que nasce com pênis, para a minha filha isso é muito simples, que eu nasci com corpo de princesa, mas eu tenho o coração de príncipe, é assim que ela explica para os amigos;</i></p> <p><i>Principalmente que depois que eu comecei a tomar hormônio eu comecei a entender o que era sentir prazer, como eu era frustrado sexualmente, limitado, <u>mas agora eu sou pai.</u></i></p> <p><i>A M. é parceirona, ela viajou comigo e a minha ex companheira que ela identifica como mãe. A M. não existe problema nenhum, ela entendeu que alguns meninos que nascem com vagina e o papai é um cavalo marinho, porque nos cavalos marinhos os machos é quem parem, ela já entendeu essa parte e pediu para mim que não quer o pênis dela crescer, ela chegou e pediu: “Papai, eu não quero que o meu pênis cresce, por favor! Ela já entendeu.</i></p> <p><i>Não, eu me auto afirmei. Nossa totalmente, porque eu sei o que é parir hoje, eu sei o que é você ter um descontrole hormonal monstruoso e é algo muito doido não só com relação à gravidez, mas em relação ao perceber o corpo sabe?</i></p> <p><i>e eu me auto afirmei como pai mesmo, eu tive certeza depois que eu tive a minha filha que eu sou homem ao ponto de perceber que eu sou veado, sou uma veadinha.</i></p> <p><i>O que é ser pai é como eu me identifico, me identifico como homem e socialmente essa expressão é usada aqui dentro de casa, uma vez que eu sou pai. Mas eu passei uma situação muito boa que é assim, você olhar para alguém, eu só entendi o que é amar uma pessoa de verdade quando eu vi a minha filha, é muito louca essa sensação</i></p>
---------	--

	<p><i>Eu não me sinto confortável sendo tratado como pai, mas tem gente que acha que eu sou pai e mãe</i></p> <p><i>se alguém encostar na vagina dela ela dá um murro, ela fala para mim ou para a mãe dela e ela já está ligada que dá um murro no saco e depois conta para o papai, que o papai vai junto para a gente matar a pessoa;</i></p> <p><i>Nos primeiros dias, nos quinze primeiros dias com a M. na casa da minha mãe era muito básico, era muito cansaço, ela mamava várias vezes no dia, você sente seu corpo definhando, né, é muito louco isso. Ela acordava cedo, amamentava, andava com ela no sol, ela nasceu com icterícia que seria um amarelão e aí eu passeava com ela nos primeiros raios de sol, voltava pra casa, amamentava, saca?</i></p>
Esdras	<p><i>Amamentei até um ano e cinco meses.</i></p> <p><i>Eu queria ter o parto normal, que eu não consegui ter, mas não foi por culpa minha; eu amamentei até o máximo que pode, mas o meu leite acabou secando porque tipo eu me estressava muito e foi quando eu me separei e saí da casa do meu ex-marido, que é o pai da minha filha;</i></p> <p><i>Tipo eu estressei... o tempo que eu tava com ela eu ficava tentando tipo tirar leite, porque eu bebia e não podia dar leite porque o álcool saía, é... foi complicado. Aquela foi uma época terrível, ela não teve nenhuma preparação, assim, só foi assim, do nada.</i></p> <p><i>Sim, cheguei. Teve até uma foto na época que viralizou no facebook, que tava eu bonitinho masculino amamentando a minha filha no shopping</i></p> <p><i>Eu amamentava, eu evitava ao máximo, óbvio, mas eu amamentava, né; na época eu tinha uma certa passabilidade mais ou menos</i></p>

Para mim um pai é a pessoa que cuida e que auxilia a criança no crescimento enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto gente, né, que é o que dá a base para o bebê virar uma pessoa adulta, não só uma pessoa adulta, uma pessoa na definição da sociedade de pessoa, porque o bebê está ali para aprender a ser pessoa, e aí esse devir da pessoa... o pai é auxiliar no devir. É... Pai é auxiliar no devir, acho que essa é a melhor classificação

(O que é uma mãe?) *Ah, essa daí... não sei. Acho que é a mesma coisa que o pai, só que uma pessoa que se identifica no feminino*

É a pessoa que está no devir da criança, ahh, não vejo muita diferença entre um pai e uma mãe. Quer dizer, no meu mundo ideal não tem diferença, na realidade sabemos que sim.

É uma questão de causa e efeito, eu sou homem porque sou pai e sou pai porque sou homem, porque minha paternidade também tá muito no cerne da minha masculinidade e ela se inseriu de uma forma meio chata

Eu me sacrificava por ela, pra ela poder comer arroz integral, azeite com zero três por cento de acidez máxima, óleo de coco, aí compra aqueles negócios caros, aí compra chia, compra quinua, compra a porra toda cara, tipo, pra isso, eu não comia, eu ficava semanas e semanas comendo um pão com ..., essa era a minha alimentação e foi a minha alimentação durante muitos meses. Esse sacrifício que eu fiz é meio que uma romantização, né, do sacrifício, mas esses sacrifícios que eu fiz estão muito ligados à questão da minha identidade masculina e à questão da minha paternidade

...Mas a S. nunca vai ouvir eu me referir a mim mesmo como mãe. Ela tem um papai e um tatai, no caso o tatai sou eu, ela tem o tatai dela, ela tem o amorzinho dela e ela vai saber, eu não quero que ela ache que eu sou cis ou algo do tipo, ela vai saber de toda a história e é exatamente por isso que ela vai entender;

	<p><i>Muita gente quer que a criança nasce achando que menina é pepeca e menino é piupiu quando, tipo, não é assim, a criança não nasce sabendo isso, isso é algo que a gente ensina e é algo que eu particularmente não vou ensinar pra a minha filha.</i></p> <p><i>Minha prioridade vai ser especialmente ficar com ela, ela precisa de mim, eu vou ser o melhor exemplo que ela vai ter na vida dela, porque o outro pai dela se depender dele como exemplo, ela vai ser....</i></p> <p><i>Tipo, isso é algo que eu não posso permitir até para dar o exemplo para S., porque nossa, se alguém faz isso com ela, parceiro, a pessoa não vive, eu faço questão de pegar a minha maior peixeira pra ir lá pegar a pessoa, depenar e pôr em praça pública.</i></p> <p><i>Fiz tudo sozinho.</i></p> <p><i>Cara, é... tipo, na época, eu não estava nem no andar certo, porque tinha um andar separado, só que... enfim, não sei o que aconteceu que eu fiquei em outro andar e, tipo, não chegou a ter berçário, esse tipo de coisa que as outras pessoas tem não. Eu não tive, eu fiquei com a (incompreensível) demorou um tempo pra ficar comigo, mas... ela então ficou direto comigo, sem pausa nenhuma e não tinha enfermeiro, não tinha porra nenhuma pra me ajudar, basicamente. E eu tive muito problema com sangramento, né? Que eu tinha perdido muito sangue e eu continuei perdendo muito sangue.</i></p>
Aceitação da genitália	
Joaquim	<p><i>O pênis em si não tem muita brisa não, acredito que um backer já será bem interessante para utilização diária;</i></p> <p><i>Cara, vou fazer essa cirurgia agora e não queria saber assim em questão à faloplastia e as outras construções eu não tenho tanta vontade por causa de políticas públicas de saúde, até mesmo os estudos também são voltados sempre para quem nasce doente, <u>sempre e de uma certa forma quando as manas trans conseguem fazer uma cirurgia que já foi muito necessária, elas não perdem nem um pouco o prazer, elas não</u></i></p>

	<p><u>perdem nada da sensação do prazer;</u></p> <p><i>Dizem que é surreal de torturoso a segunda fase da cirurgia que é para o canal não fechar, se não tem que fazer a cirurgia, mas deve ser péssimo e para os trans homens existe o risco de perder até sessenta por cento da sua sensação de prazer. Tá louco, imagina! Principalmente que depois que eu comecei a tomar hormônio eu comecei a entender o que era sentir prazer, como eu era frustrado sexualmente, limitado</i></p>
Experiência gestacional e parto	
Joaquim	<p><i>Você fica muito mais sensível quando engravida, é uma bomba hormonal, era uma TPM de dez vezes, era surreal. Todo mundo parece que acha que você está deficiente e eu falava para todo mundo que o que estava dentro de mim era um parasitinha, mas que era o parasitinha que eu escolhi e as pessoas falavam: “Meu Deus, como é que você fala assim da sua filha? E eu nem sabia se era homem ou se era mulher, dizia que ia nascer um parasitinha;</i></p> <p><i>Foi tenso cara, eu não aguentei esperar ela por muito tempo não tá ligado? Porque eu comecei a ter as contrações eu estava na casa de uma amiga fumando um, aí eu comecei a sentir a dor das contrações;</i></p> <p><i>Eu saí daqui cheguei lá no hospital e fiquei de dez a doze horas sentindo dor e o médico já tinha me falado que depois que a bolsa estoura eu ainda posso ficar umas seis horas assim. Eu estava no hospital e quando mudou o plantão eu fiquei tipo, vinte e oito horas sentindo aquela dor, tinha dilatado uns quatro centímetros, não dava, ainda não era o suficiente para ela nascer;</i></p> <p><i>Imagina, tu está há vinte e oito horas sentindo uma dor da porra, tá ligado? Aí alguém vem e fala assim: “Você vai continuar sentindo dor, o bebê também vai continuar sentindo dor, acho melhor você ter uma cesárea”. Lógico que eu concordei cara, puta que pariu! Eu não tinha dormido até aquela hora. O médico foi e me levou, ligaram para a minha família e eles foram para lá;</i></p>

Esdras	<p><i>E assim, é... eu soube porque eu tava vomitando muito, eu tive muito... eu tive hiperemese, tipo tava vomitando muito, o dia inteiro, o dia inteiro, o dia inteiro, eu cheguei a pesar 38 quilos</i></p> <p>(Como foi essa questão de você contar para a sua família que estava grávido?) <i>Então, a minha mãe tava do meu lado na ultra</i></p> <p><i>Horrível. Horrível, horrível, horrível. Nossa, eu odiaaava tudo, eu odiava cada segundo, odiava as roupas, odiava as pessoas falando comigo, eu odiava as pessoas pedindo para mexer na barriga. Eu ficava tipo “ah, morram todos vocês”.</i></p> <p><i>Eu era uma bolinha de ódio durante a gravidez, muito ódio e muito estresse, muito estresse, muito tudo, muito “aargh”. Qualquer coisinha era motivo pr’eu tá gritando e como eu estava grávido, né, eu tinha a desculpa de “ah, foram os hormônios”, mas não eram, era eu mesmo. Eu gritava com todo mundo, todo mundo mesmo, mesmo, não tinha nenhuma distinção, se tava na minha frente eu ia e gritava com a pessoa</i></p> <p><i>Só que no final eu não queria nada disso, eu só queria tipo deixar a minha filha nascer, só que já tava com quarenta semanas e três dias, então ela já estava passando e tal, ela já tava coisadinha, aí a médica decidiu, como eu não queria cesárea de jeito nenhum, eu bati o pé, ela falou “não, vamos fazer uma cesárea”, “não vou, não vou, não vou, não vou, não vou”, aí ela decidiu induzir, aí induzimos, aí eu fiquei dez horas em trabalho de parto ativo, sentindo uma dor do caralho, morrendo basicamente,</i></p> <p><i>Eu fiquei um tempo, acho que fiquei uma hora ou duas de fase expulsiva então não deu para ser porque a minha filha já tava perdendo os sinais vitais, ela tava ficando fraca e eu também. E eu tenho uma foto que é ilustrativa de como eu estava me sentindo very chapa crazy lá na mesa de parto, assim quase morrendo, eu perdi muito sangue, muito sangue, que foi cesárea de emergência;</i></p>

	<p><i>A médica foi olhar os batimentos da minha filha e ela já tava quase morrendo, tava em sofrimento fetal, pá, aí ela pegou e foi na faca, um negócio enorme assim, muito grande o...</i></p> <p><i>E eu lá quase apagadão, eu desmaiei um tempo, aí eu acordei, aí pegaram a minha filha, limparam, me mostraram, eu tava enjoado, tiraram ela e eu só fui ver ela de novo depois de quatro horas.</i></p> <p><i>Então, essa foi a parte mais conflitante, porque, assim, eu conseguia me entender e até hoje eu consigo me entender e a gestação não é um problema para mim</i></p>
Percepção de violência obstétrica	
Joaquim	<p><i>Fiquei mais ou menos (Pausa do entrevistado), quando mudou o plantão, o médico que entrou e era pelo SUS, era hospital do SUS, então tinha dez leitos com dez mulheres deitadas, dez cadeiras e lá fora uma fila gigantesca e os médicos tinham que fazer aquilo rodar, tinha que fazer sair e entrar mais paciente, também porque o lucro deles está montado nisso;</i></p> <p><i>Eu ganhei pelo SUS, eu não consegui ter parto normal apesar de ter me preparado pra isso, aí no SUS, eles acham, eles acabam te pressionando você ter através de cesárea, né?</i></p>
Esdras	<p><i>E, tipo, não tavam deixando eu me mexer e eu queria me mexer, porque, bem, é o natural, né? Eu queria me mexer, eu queria correr, eu queria gritar, e falando “não, fica quieto, não se mexe, sei lá o quê, para de xingar” e eu “ahh, vai tomar no seu cu você também, filho da puta, caralho”, muitos ódios e, tipo, eu entrei na fase expulsiva,</i></p> <p><i>A abertura, porque ela foi na faca com ódio mesmo.</i></p> <p><i>Tava, tava, a médica não pôs fé que eu realmente ia seguir a diante com o parto normal, ela fez tudo mesmo para conseguir aquela maldita cesárea que eu não queria.</i></p>
Relações familiares	

Joaquim	<p><i>Só que assim, ninguém fica para raiz, eu sempre falo isso para ela, ninguém fica para raiz, você evolui e você só vai ser mais um. “Ah, mas eu te dei a vida” e eu: “Muito obrigado, poderia ter me abortado!”, muito obrigado, valeu!</i></p> <p><i>Mas e aí, agora eu tenho que entregar a minha vida para você? Então quer dizer, essa visão cristã de família mesmo, saca? Que as pessoas só vão te amar de verdade se você tiver o sangue dela; se fosse assim não teria ninguém morto nesse planeta.</i></p> <p><i>Momentos define uma família, porque eu tenho amigos no Brasil todo que se eu precisar eu tenho aonde ir sabe? Pessoas do movimento trans mesmo;</i></p> <p><i>Mas eu vejo família hoje é a minha ex companheira e minha filha, sabe? Elas, eu não sei, eu queria ter uma explicação, mas eu não consigo ver família como algo de eterno saca? Então é o momento mesmo, eu moro num local que é uma vila e é uma grande família, cada um se apoia do jeito que dá, mas eu sei que aquilo ali vai passar</i></p> <p><i>Meu pai graças a Deus já morreu. Ele era militar, machistão, preconceituoso, racista.</i></p> <p><i>Na época eu tinha quatorze anos, treze ou quatorze anos por aí. Eles descobriram que eu ficava com garotas, aí as coisas só pioraram.</i></p> <p><i>Igual ao tipo de mãe que a minha ex companheira é e eu não tive participação nenhuma nesse lance da M. e ela, nem nesse tratamento de mãe e filha, um dia a minha filha simplesmente começou a chamar ela de mãe e eu perguntei se era ela que estava ensinado e ela disse que não, foi uma acordo entre as duas, minha filha pediu para ela ser mãe.</i></p> <p><i>Na nossa família tem uma diferença porque eu acabo tendo o papel social da mulher e ela ficava tendo o papel social do homem porque a criança nasceu de mim e ela começou a ser cobrada como se ela fosse um pai ausente, porque quem estava sozinha no corre era eu, eu que fazia tudo para a nenê, eu quem estava pagando as contas, mas para nós não era um</i></p>
---------	--

conflito sabe?

Apesar de ter morado em várias ocupações, não sou um cara que esbanja, então o meu esbanjar é levar a M. para o parquinho, que ela tenha uma boa alimentação na minha casa, que ela faça uma natação, porque eu não tenho despesas tão altas e eu não tem problema de gastar;

Desde muito novinha que ela faz isso e minha companheira, minha ex companheira também era muito foda com relação a essas informações.

É... devido à ignorância da minha família, assim, minha mãe, se eu não tivesse vindo pra cá, ela teria ido atrás de mim no R. na ocupação que eu morava e... aí eu decidi vim pra casa dela aqui em C. e, ai, aprendi no hospital, né?

Não, nunca deixei a M. com a minha mãe. A M. hoje tá com a minha mãe porque eu estou sendo obrigado. É... eu levava a M. junto comigo. Quando a gente completou 15 dias de nascido, eu tinha um tipo esses bags de criança, tá ligado? Que é de carregar bebê dentro, M. ia ali dentro, ficava comigo ali. Ela... ela é muito difícil não tá comigo. Muito raro, muito raro. Uma coisa que eu sempre bati muito na tecla é eu não fiz filho pra mãe criar, tá ligado? A filha é minha, quem cria sou eu e... não, no hospital também não teve, não, eles não respeitam, saca?

Eu me refiro a minha mãe quando eu falo que eu não fiz filho pra minha... pra minha mãe criar, entendeu? Ela ainda tem aquela visão romantizada que eu tive um lindo caso de amor e fui enganado, saca, por algum cara e minha filha ainda trata minha ex companheira como mãe

É... eu to na justiça hoje tentando recuperar a guarda da minha filha, tipo, tive um problema com a minha mãe e ela quer porque quer ficar com a minha filha, então hoje eu to num conflito pessoal muito foda, assim, mas né, gata, tem que evoluir, digamos assim, ela não entende muita coisa, a dificuldade da relação... se dependesse da minha filha, a

	<p><i>minha filha queria todo mundo junto morando na mesma casa, então isso é complicado. Mamãe não aceita minha ex companheira que é uma mulher negra e lésbica... nossa, minha mãe é cheia do caô assim, foda, mas... faz parte</i></p>
Esdras	<p><i>Eu morava com ela até alguns meses atrás quando eu tive que começar a trabalhar porque o outro pai dela ele é uma pessoa não muito útil, em vários pontos de vista, o financeiro é só mais um deles. E aí, enfim, sustentar ela, aí eu tive que começar a trabalhar, eu trabalho, faço faculdade, mas como eu não tenho tempo nem pra dormir direito, não tem como eu ficar com ela, eu preferi deixar ela aos cuidados dele e pagar uma creche de formalidade</i></p> <p><i>Então, a gente tem, hoje em dia a gente tem mais do que antes, mas ainda não é o nível que eu quero, eu ainda gostaria de ir mais adiante; mas, enfim, isso é algo que há alguns meses atrás eu nem falava com a minha mãe, há alguns meses atrás, eu tive a minha filha, a gente se uniu, mas a gente sempre brigava, a gente sempre tinha um arranca rabo; inclusive com a minha família sempre tem um arranca rabo com alguém, sempre.</i></p> <p><i>Meu pai não tava do lado, mas minha mãe tava do lado, então não teve nem o que fazer</i></p> <p><i>Mas você tem 19 e eu (incompreensível) e na hora que você tiver 45 eu vou te tratar da mesma forma. Isso se chama mãe. (Incompreensível). Tem certeza? Tudo bem? (fala da mãe)</i></p> <p><i>Então, eu falo com ele, mas não gosto muito de falar nem com meu pai nem com minha mãe. Hoje estou na casa deles e por acaso eu falei com os dois, mas se eles não falarem comigo eu fico, tipo, semanas e semanas sem falar com eles. Eu não sou de falar, de pegar e mandar uma mensagem e perguntar com tão as coisas, não... isso totalmente não é a minha cara.</i></p> <p><i>Sou muito desapegado, porque eu sou o menor dos três filhos</i></p> <p><i>Eu sou o último. Antes de mim teve um bebê natimorto, então</i></p>

eu sou o mais esquecidinho. Eu sempre fazia tudo sozinho, eu sempre tava sozinho em casa enquanto os meus pais trabalhavam, minha irmã tava na escola, então acho que a solidão, ela me... me cai bem.

Eu to agora galgando pra ver se eu consigo uma promoção e aí talvez eu largue a faculdade, não sei ainda, ou mude para uma faculdade particular, sei lá, pra poder trabalhar, fazer faculdade e ficar com ela

Pra caramba, muito, demais. Às vezes ela chega, tipo, com machucado, com arranhão, com coisas que ela não deveria ter e isso me preocupa em outros níveis porque eu sei que ele não é atencioso, eu sei que ele não tem muito cuidado, eu sei que ele deveria ter acompanhamento psicológico e ele não tem, assim como a mãe e o irmão dele também não tem e deveriam ter, isso é algo que me preocupa muito porque basta um negocinho assim para eles ficarem irritados

Ela é uma criança difícil, não difícil de se lidar, mas ela é muito agitada, bagunceira, tem muita energia, muita vontade de fazer tudo e ela também é muito cabeça dura, também é leonina; então é complicado porque o outro lá é virginiano e é virginiano mesmo, ele é um exemplo perfeito de virginiano e ela é um exemplo perfeito de leonina, então não dá muito certo porque um leva o outro a loucura.

Já fazia um tempinho, não era um relacionamento recente, só que a gente já tinha terminado tantas vezes, é aquele típico relacionamento abusivo que vai e volta, vai e volta, vai e volta, e você acha conseguiu se livrar, mas não se livrou;

Inclusive, quando eu descobri ela a gente tava em um dos períodos de, tipo, não se falar, a gente ficou semanas e semanas sem se falar porque eu não aguentava mais ele, depois que a gente descobriu ela a gente tentou mais um pouco, mas não deu certo e quando ela completou um ano a gente terminou, a gente terminou de vez;

Com um ano e cinco meses a situação estava insustentável e eu saí da casa que a gente morava junto e a casa era minha, mas ele meio que me expulsou da própria casa, assim. O dia

que a gente saiu não é unânime para ambos, porque para mim foi o dia que ele tentou me bater e eu peguei a minha filha e fui embora

Conhece, ela sempre conheceu os meus namorados, nunca foi um problema para mim e ela gostava muito deles, no geral. O primeiro que eu fiquei depois que foi o dito cujo pelo qual eu saí da casa do pai dela, porque a gente começou a brigar porque ele ainda queria ficar comigo, mas eu não queria mais ficar com ele, eu comecei a namorar esse garoto da minha faculdade, a S. gostava bastante dele

Eu não conseguia, que eu ficava semana sim e semana não com ela, só que eu ficava sozinho, completamente sozinho em casa,

E eu ficava maluco, né, eu ficava malucaço e ele me ajudava nas crises, eu terminei e fiquei com outra pessoa que também conhecia a S. e agora eu to com ele (apontou para namorado); a gente sai com a S, ele já cuidou da S., já fizemos muita coisa juntos com ela no meio, porque, bem, eu tenho pouco tempo que eu não estou trabalhando e que dá para fazer tudo de uma vez só.

Aí nisso minha família ainda não sabia, minha família sabe muito pouco sobre essa parte, enfim;

Mas acho que ela é borderline também, que foi o que tornou a nossa relação muito difícil durante minha infância;

(O que você acha que faz de uma família uma família?)

Queria falar algo menos clichê que é amor e companheirismo, mas eu vou ficar com o clichê.

Então, se você for perguntar pra mim se eu considero que tenho família, aí a pergunta vai ser um pouquinho diferente, porque, no caso, eu só considero família a S. que é minha filha, o resto eu não considero justamente porque falta amor e

	<p><i>companheirismo.</i></p> <p><i>Por exemplo, eu não me sinto à vontade de falar muitas coisas sobre quem eu sou e sobre o que eu acho, até porque eles são reações e eu sou “comunismo vencerá” e muitas outras coisas, enfim, e eu não acho que seja, não acho que... a única coisa que torna a gente família é o sangue.</i></p>
Inteligibilidade	
Joaquim	<p><i>Não, eu tenho problemas até com as bandas fat family, problemas assim, porque elas definem os serem em valores sociais e acaba me incomodando seres que limitam o outro, seres que se limitam e não respeitam.</i></p> <p><i>E no terceiro dia já estava andando normalmente, no primeiro dia eu dormi o dia inteiro a anestesia é muito foda, no outro dia eu já levantei porque tem que andar, tal, fiz o que tinha que fazer, então... com 15 dias eu já voltei pra faculdade já, porque eu estava fazendo um curso na época, aproveitando que eu não tinha o que fazer fui estudar e... aí quando completou 15 dias eu voltei pra aula, quando a M. fez cinco meses eu saí de C. e fui de carona, de caminhão, até S. morar num coletivo que tinha lá e retornei pro R. pra morar na aldeia M., foi assim.</i></p>
Esdras	<p><i>Hm... cara, pai para mim não tem nenhuma relação com o sangue, com o biológico. Pai para mim é algo totalmente descolado dessa realidade física, essa realidade biológica,</i></p> <p><i>É a pessoa que está no devir da criança, ahh, não vejo muita diferença entre um pai e uma mãe. Quer dizer, no meu mundo ideal não tem diferença, na realidade sabemos que sim.</i></p> <p>(Você falou que no seu mundo ideal não existe diferença entre pai e mãe, né?) <i>Não, não existe</i></p> <p>(Mas você acha que homens e mulheres cuidam de maneira diferente das crianças?) <i>Não particularmente.</i></p>

Violência relacionada às questões de gênero	
Joaquim	<p><i>Sáímos na porrada várias vezes quando ele era vivo, eles me internaram várias vezes, a primeira vez foi porque eles descobriram que eu estava com mulher e que eu fumava um beck, aí eles me internaram em um hospital psiquiátrico</i></p> <p><i>Porque na rua eu sempre fui assim, como defesa eu acabei virando meio um bandidinho assim, então eu andava armado, já fui estuprado, estava no rolé, é sei lá o que passou na mente dele, só sei que eu tenho as lembranças</i></p> <p><i>Faz, faz muito tempo, eu tinha uns vinte e três ou vinte e quatro anos, na época eu era até casado; é só mais um para estatísticas e isso me fez eu me fechar muito, me fez me fechar muito porque eu sei que eu não fui o único, se eles fizeram isso comigo, eles fizeram isso com outras pessoas</i></p> <p><i>É foda, aqui no centro oeste o abuso é algo muito cômodo, digamos é mais aceitado essa construção machista, é só mudando mesmo, sempre se evolui né.</i></p>
Esdras	<p><i>Então, eu já sofri algumas violências de cunho principalmente homofóbico com os meus namorados, sempre mexiam com a gente em todos os lugares. Agora com meu namorado atual, eu também sofri. Eu sofri acho que com todos os meus namorados. Depois que eu me assumi eu já sofri homofobia com todos os meus namorados, mas transfobia eu já sofri no colégio, já sofri no trabalho, já sofri na faculdade, em todos os lugares, até dentro de casa já sofri</i></p>